

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – MESTRADO**

LEIZY REGINA FRACASSO STEFANO

**REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS
SOBRE A PESQUISA ESCOLAR: A LEITURA CRÍTICA, A ESCRITA
AUTÔNOMA E A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO**

**MARINGÁ - PR
2005**

LEIZY REGINA FRACASSO STEFANO

**REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS
SOBRE A PESQUISA ESCOLAR: A LEITURA CRÍTICA, A ESCRITA
AUTÔNOMA E A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Lingüísticos, linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sonia A. Lopes Benites

MARINGÁ - PR
2005

LEIZY REGINA FRACASSO STEFANO

**REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS
SOBRE A PESQUISA ESCOLAR: A LEITURA CRÍTICA, A ESCRITA
AUTÔNOMA E A FORMAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração Estudos Linguísticos linha de pesquisa Ensino e Aprendizagem de Línguas.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Sonia A. Lopes Benites
Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Renilson José Menegassi
Universidade Estadual de Maringá

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Nery
UNICAMP

SUMÁRIO

Sumário.....	I
Lista de anexos.....	II
Lista de figuras.....	IV
Lista de tabelas.....	V
Resumo.....	VI
Abstract.....	VII
Résumé.....	VIII
Considerações iniciais.....	1
1. A importância da pesquisa em sala de aula	
1.1. O que é pesquisar?.....	6
1.2. Para que pesquisar?.....	8
1.3. Por que pesquisar?.....	10
1.4. Quem são os envolvidos no processo de pesquisa?.....	12
2. Requisitos necessários à realização de uma pesquisa	
2.1. O questionamento.....	20
2.2. A leitura crítica.....	27
2.3. A escrita autônoma.....	34
2.4. O domínio do texto científico.....	39
2.4.1. A autoria.....	44
2.5. A socialização da pesquisa.....	49
3. Representações da pesquisa escolar	
3.1. O <i>corpus</i> e os instrumentos.....	54
3.2. Os professores.....	56

3.2.1. Perfil profissional.	56
3.2.1.1. Experiência em pesquisa na graduação e na pós-graduação.	57
3.2.1.2. Projeto escolar.	59
3.2.2. Recursos e procedimentos pertinentes na formação de leitores.	60
3.2.2.1. A biblioteca.	61
3.2.2.2. Atividades na biblioteca escolar.	62
3.2.2.3. A leitura docente.	64
3.2.2.4. A leitura discente.	65
3.2.2.5. Idealizações de estratégias de leitura.	67
3.2.3. As representações sobre a pesquisa.	68
3.2.3.1. Conteúdos.	69
3.2.3.2. Organização.	70
3.2.3.3. Socialização.	72
3.2.3.4. Avaliação.	74
3.2.3.5. Resultados.	76
3.3. Os alunos.	80
3.3.1. Preferências de leitura e escrita.	81
3.3.2. A metodologia da pesquisa relatada pelos alunos.	85
3.3.3. Realização e avaliação da pesquisa.	86
Considerações finais.	91
Bibliografia.	95
Anexos.	99
Figuras.	103
Tabelas.	110

LISTA DE ANEXOS

1. Questionário I.....	100
2. Questionário II.....	101
3. Figuras.....	103
4. Tabelas.....	110

LISTA DE FIGURAS

1. Temas abordados pelos projetos docentes.	104
2. Leituras Preferenciais dos alunos.	104
3. Preferência de leitura das 5 ^{as} séries.	104
4. Preferência de leitura das 6 ^{as} séries.	105
5. Preferência de leitura das 7 ^a séries.	105
6. Preferência de leitura das 8 ^a séries.	105
7. Revistas – EpuCam.	106
8. Revistas – EPuCen.	106
9. Revistas – EpaCen.	106
10. Revistas – EpaCam.	107
11. Jornais – EpuCam.	107
12. Jornais – EpuCen.	107
13. Jornais – EpaCen.	108
14. Jornais – EpuCam.	108
15. Percentual comparativo.	108
16. Acesso à Internet.	109
17. Escrita extra-classe.	109
18. O significado do ato de pesquisar para os alunos.	109

LISTA DE TABELAS

1. Leituras preferenciais dos professores.111
2. Livros preferidos dos professores. 112
3. Livros preferidos dos alunos. 113
4. Leituras preferenciais dos alunos. 115

Resumo

O presente trabalho procura depreender, a partir da voz de professores e alunos, as representações de ambos sobre a pesquisa escolar e sua influência na formação do cidadão, fomentando as discussões sobre a formação de conhecimento e o desenvolvimento da autonomia. Visa, especificamente, verificar como as representações sobre pesquisa se manifestam nas atividades de leitura, reflexão e escrita. Procura, por fim, explicitar os elementos constitutivos de uma pesquisa: a motivação, a busca do tema, o questionamento, a investigação e a descoberta. Partindo da concepção de pesquisa como forma de construção de conhecimento, o trabalho, de cunho qualitativo-interpretativo, com aporte teórico na Linguística Aplicada, fundamenta-se em diversos autores da área da Educação, uma vez que focaliza a metodologia de pesquisa. A dissertação analisa quatro escolas públicas e privadas de Maringá, PR, sendo duas delas integradas a Instituições de Ensino Superior. O *corpus* constitui-se de dezessete questionários dirigidos a professores de Língua Portuguesa e 395 questionários respondidos por alunos de 5.^a a 8.^a séries do ensino fundamental, dentre os quais 137 são separados por amostragem. A análise enfatiza a utilização da biblioteca escolar, os hábitos de leitura docente e discente e as concepções de professores e alunos sobre o ato de pesquisar em si mesmo, ou seja, a frequência, os conteúdos tratados, a organização, os resultados, a avaliação e o conseqüente proveito dessa atividade. Conclui-se que, de acordo com as concepções da maioria dos professores e alunos de todas as escolas analisadas, a pesquisa é uma atividade interessante e criativa, que possibilita a fixação de conteúdos e a aquisição de conhecimentos e traz vantagens para a formação cultural.

Palavras-chave: representações escolares; pesquisa escolar; construção do conhecimento; leitura e produção escrita autônoma.

ABSTRACT

The representation of school research and its influence in citizenship formation through the teachers' and pupils' voice is provided. Research discusses the formation of knowledge and the development of autonomy. Its aim is to verify specifically whether representations on research result in the activities of reading, reflection and writing. The constitutive elements of a research, such as motivation, search for theme, problematization, investigation and discovery, are revealed. Since the idea of a research is a form of knowledge building, the current qualitative and interpretative assignment, set within Applied Linguistics Theory, is based on several authors in the educational field. This is even true because the research methodology is in focus. Research has been undertaken in four public and private schools in Maringá PR Brazil. Two schools are integrated within institutions for Higher Education. Corpus consists of sixteen questionnaires for teachers of Portuguese and 395 questionnaires were answered by 5th to 8th grade primary students. One hundred and thirty-seven are selected as samples. Analyses emphasized the use of the school library, reading habits of teachers and students and their ideas on the research act, or rather, the frequency, contents, organization, results, evaluation and the benefits thereof. According to the ideas most of teachers and students in all schools, research is an interesting and creative activity which fixes contents and the acquisition of knowledge with evident advantages for their cultural formation.

Key words: school representations; school research act; knowledge construction; reading and autonomous writing production.

RÉSUMÉ

A partir de la voix des enseignants et des apprenants, ce travail a pour but d'appréhender leurs représentations sur la recherche faite à l' école et son influence sur la formation du citoyen. Il prétend ainsi pouvoir contribuer aux discussions portant sur la formation du savoir et le développement de l' autonomie. Il vise, plus particulièrement, à vérifier comment ces représentations se manifestent à l'intérieur des activités de lecture, réflexion et écriture. Il cherche, enfin, à expliciter les éléments constitutifs de la recherche: la motivation, la quête du thème, le questionnement, l'investigation et la découverte. Dans une approche de la recherche en tant qu'une forme de construction du savoir, ce travail, de nature qualitative-interprétative et avec le soutien de la Linguistique Appliquée, est ancré dans des divers auteurs du domaine de l' Education, puisqu'il est centré sur la méthodologie de recherche. On analyse quatre écoles publiques et privées de Maringá (Paraná), dont deux sont intégrées à des Institutions de l'Enseignement Supérieur. Le *corpus* est constitué de 17 questionnaires appliqués à des enseignants de Langue Portugaise et de 395 questionnaires répondus par des apprenants de 5e à 8e années de l' Enseignement Fondamental (correspondant au Collège), dont 137 ont été choisis par échantillonnage. L' analyse porte surtout sur l' utilisation de la bibliothèque de l' école, les habitudes de lecture des enseignants et des apprenants et leurs conceptions sur l'acte de recherche lui-même, c' est-à-dire la fréquence, les contenus traités, l' organisation, les résultats, l' évaluation et le profit de cette activité. On peut conclure que, selon les conceptions de la majorité des enseignants et des apprenants de toutes les écoles analysées, la recherche est une activité intéressante et créative, tout en permettant la fixation des contenus et l' acquisition des savoirs; selon eux, elle apporte des avantages pour la formation culturelle.

Mots-clé: Représentations scolaires; recherche à l' école; construction du savoir; lecture et production écrite autonome.

Introdução

A reflexão sobre esta minha experiência concreta (...) suscitou em mim algumas inquietações enquanto cidadã do mundo e enquanto educadora. (ALARCÃO, 2003, p. 9)

O processo da pesquisa escolar, embasado na leitura e na produção escrita, pode proporcionar condições de produção autônoma e criativa, com vistas ao desenvolvimento de um sujeito histórico, participativo e crítico. Esse ideal, entretanto, encontra-se comprometido, uma vez que, segundo Demo (2002, p. 52), o ensino, nas instituições do país, assume, freqüentemente, um aspecto instrutivo ou equivale a um mero treinamento, marcado pela relação autoritária entre professor e aluno, em que o primeiro ensina e o segundo aprende.

Para se instaurar a pesquisa na escola, são necessárias algumas referências importantes: a primeira seria reconhecê-la como atividade básica da vida escolar, utilizada por professor e aluno, como um exercício de prática constante, em conformidade com a metodologia científica. Ela deveria ser reconhecida como a “marca própria da aprendizagem humana”, uma vez que o “conhecimento não se adquire, repassa, reproduz, copia, mas se reconstrói, dentro de etapas progressivas e no contato ativo com a realidade e a sociedade” (DEMO, 2002, p. 56). Dessa forma, o processo de ensinar e aprender não se resume a acúmulo ou simples memorização.

Conhecimento é algo que, juntos, professores e alunos, constroem, tomando por base o conhecimento prévio de ambos, somado às atividades dirigidas em classe, e voltado para os valores culturais, indispensáveis para concretizar as atividades de ensino-aprendizagem de ler, compreender, interpretar, escrever.

Assim colocada, pesquisa como princípio educativo é habilidade básica do saber pensar em toda a vida, em todos os momentos, desde a

educação infantil. [...] Pesquisa não é, nesta acepção, uma disciplina ou matéria, mas o ambiente da aprendizagem, permeando o curso inteiro, na condição básica central. [...] Pesquisar é a melhor maneira de aprender. (DEMO, 2002, p.113).

O acúmulo de conhecimento não causa efeito no mercado econômico atual, pois o que é acumulado torna-se supérfluo e velho; não vale a pena estocar conteúdos decorados e absorvidos passivamente. Demo (2002, p.61) destaca a importância do desenvolvimento da habilidade de sempre renovar os conhecimentos, pois, para aprender, é preciso que o aluno reformule o que já foi visto em sala, relacionando conteúdos a sua vida cotidiana.

Nesse contexto, a pesquisa pode ser utilizada como atividade inovadora do conhecimento que ativa no aluno a capacidade de procurar por algo diferente e novo. Partindo do conhecimento já existente, professores e alunos podem, ao transformar seu conhecimento, organizar informações, tornando-se sujeitos capazes de construir a história individual e influenciar a história coletiva.

Espera-se, com esse tipo de atividade, que o aluno exercite a reflexão e consiga organizar conhecimentos e pensamentos, uma vez que, de acordo com Demo (2002), o aluno não vai à escola para adquirir, aprimorar ou assimilar o conhecimento, mas estritamente para reconstruí-lo. O diferencial está na habilidade de realizar o ato de pesquisar com criatividade e autonomia e na oportunidade histórica do indivíduo, em constituir-se como um cidadão, para o qual o “conhecimento não vale por si nem em si, mas como meio para realizar os fins e os valores sociais, em termos do bem comum” (DEMO, 2002, p.77).

Por isso, é interessante averiguar a maneira como a escola se coloca ante um trabalho de pesquisa, focalizando, por um lado, a compreensão, pelo professor, do que ela significa e de como ele a conduz e, por outro lado, a percepção do aluno sobre a

pesquisa que realiza. Muito mais que leituras e produção escrita, pesquisar implica uma organização formal que envolve disciplina e aprimoramento intelectual.

O propósito é buscar entender como a pesquisa é tratada em escolas do ensino fundamental, a partir de considerações sobre sua importância e sobre os requisitos necessários para sua realização. Esta dissertação considera que o ponto de partida para qualquer pesquisa é a curiosidade, o interesse ou a necessidade, do professor ou do aluno, em encontrar respostas para perguntas sobre um assunto pouco conhecido para ambos.

Dessa forma, o trabalho procura contribuir para as discussões sobre a formação do conhecimento e a autonomia do aluno, através da pesquisa escolar, averiguando as formas como professores e alunos concebem o papel da pesquisa na construção do conhecimento autônomo.

Especificamente, o trabalho procurará depreender, a partir da voz de professores e alunos: 1) se atribuem a importância reconhecer o ato de pesquisar, como adjuvante na leitura, na escrita, na expressão oral e na construção do conhecimento; 2) quais as peculiaridades que reconhecem em cada uma das etapas envolvidas na realização de uma pesquisa; 3) quais os requisitos por eles indicados como necessários à realização de uma pesquisa escolar; 4) como ambos vêem a prática da pesquisa escolar, na cidade de Maringá, PR.

O desenvolvimento da presente dissertação foi motivado pela constatação da freqüente demanda de trabalhos de pesquisa na vida escolar da criança, a partir da 5ª série do ensino fundamental, período em que o aluno, já alfabetizado, apresenta certa autonomia na leitura e na escrita. Para tanto, quatro escolas de grande porte da cidade de Maringá – PR foram selecionadas, sendo duas delas, uma pública e outra particular, localizadas na região central, e as outras duas integradas a instituições de ensino

superior, uma particular e a outra pública. A intenção é verificar se as variáveis aí envolvidas são determinantes da representação que professores e alunos têm da pesquisa.

A concepção sobre o ato de pesquisar dos professores de Português do ensino fundamental é obtida com o auxílio de um questionário que focaliza os objetivos, a metodologia e a forma de avaliação da pesquisa escolar. Um outro questionário, destinado aos alunos, procura desvendar como estes concebem a realização de um trabalho de pesquisa em sala de aula, além de verificar até que ponto as expectativas de alunos e professores sobre essa atividade coincidem.

A realização deste trabalho justifica-se pela caracterização e identificação do motivo, do momento e da forma como o professor de Língua Portuguesa julga trabalhar a pesquisa em sala de aula, bem como o reconhecimento das dificuldades relatadas pelos alunos que se envolvem nesse processo.

O trabalho é baseado em autores da Linguística Aplicada, preocupados com o ensino e aprendizagem de língua materna, especificamente com as atividades de leitura e produção escrita, bem como estudiosos de Ciências da Linguagem. Graças a esse viés teórico, mostrou-se pertinente buscar o aporte teórico em vários autores da área da Educação, que enfocam o como ensinar e como realizar a atividade de pesquisa em sala de aula.

Antes de ir a campo, porém, no primeiro capítulo do trabalho, é proposta uma discussão sobre o significado do ato de pesquisar, sua finalidade e objetivos. São aí focalizados os sujeitos envolvidos no processo de pesquisa: o aluno que o realiza e o professor que o orienta.

O segundo capítulo aborda os requisitos envolvidos na realização de uma pesquisa: a motivação, a busca do tema, o questionamento, a investigação e a reflexão

sobre as leituras feitas, a organização do discurso na síntese dos resultados obtidos e a socialização dos mesmos. Para tanto, é ressaltada a importância da posição ocupada pelo aluno em relação aos autores que fazem parte de sua fundamentação teórica e de normas e técnicas utilizadas pela comunidade científica.

Por fim, no último capítulo, são analisados os questionários dos professores e dos alunos, destacando a representação do papel que cada um deles considera ocupar no processo da pesquisa em sala de aula. Dessa forma, no item direcionado ao estudo do questionário dos professores, destaca-se o perfil profissional dos professores: a carga horária, a participação em projetos de pesquisa na graduação e pós-graduação. A seguir, há uma investigação da importância que o professor afirma atribuir à formação do aluno como leitor, a forma e a frequência de seu acesso à biblioteca e as técnicas de leitura que busca utilizar em sala, como determinantes da leitura realizada pelo aluno e, conseqüentemente, sua visão da forma como se concretiza a pesquisa. Por fim, são consideradas as condições de realização da pesquisa, enfocando: o conteúdo, a metodologia utilizada, se e como a pesquisa é socializada, e a avaliação sobre os resultados obtidos pela comunidade estudantil.

Por meio do questionário respondido pelos alunos, são selecionadas suas preferências de leituras, verificando como se dá o acesso a esse material e se há iniciativa de produção escrita, fora do contexto escolar. Por fim, é analisada a forma como o aluno vê a realização da pesquisa, seu julgamento sobre a metodologia seguida pelo professor, com a esquematização das etapas seguidas, a apreciação dos resultados obtidos na concretização do trabalho e a avaliação de como a pesquisa influencia seus estudos.

1. A importância da pesquisa em sala de aula

1.1. O que é pesquisar?

A pesquisa serve para a formação do sujeito, independente do conteúdo proposto, mas pelos próprios princípios que a alicerçam, o questionamento, a curiosidade científica, a busca do rigor, a responsabilidade social. (BARREIRO, 2002, p.187)

Assunto presente nas escolas, a pesquisa é vista como tema ou como metodologia de trabalho. Entretanto, não há uma proposta definitiva e acabada, com técnicas pedagógicas explícitas sobre como realizá-la; o que há, segundo Martins (2001), é uma formulação de idéias que podem subsidiar o trabalho de pesquisa feito pelos alunos em sala, bem como averiguar se as técnicas de estudos no cotidiano escolar promovem a criatividade inerente ao educando.

Ainda que busque adaptar-se às mais inovadoras tecnologias, a escola continua utilizando métodos de ensino ultrapassados, que não levam os alunos a ler e a escrever com proficiência. De acordo com Martins (2001), “as instituições educativas parecem surdas e mudas às metamorfoses da percepção humana que a realidade tecnológica está provocando”(MARTINS, 2001, p.15), visto que os tempos modernos sofreram transformações tremendamente rápidas, mas que pouco têm influenciado a maneira de aprender e transmitir conhecimentos.

Há que inovar. Uma mudança na aprendizagem do conhecimento nas escolas, segundo Freire (2002), seria possível com o estabelecimento de relações entre os conteúdos curriculares e a experiência social que o aluno tem, enquanto indivíduo e cidadão, já que é um ser pensante, crítico, que está construindo de seu conhecimento, através de experiências com o mundo fora da escola. A esta compete, além de ensinar os

conteúdos, encaminhar o aluno a pensar sobre o mundo ao seu redor e sobre os problemas encontrados fora do contexto escolar, buscando melhorar a si e ao mundo, tarefa que não é simples. Os desafios são grandes e a pesquisa apresenta-se nesse contexto como importante estratégia.

Pesquisar, segundo o dicionário Aurélio-UOL, significa *buscar com diligência; indagar, inquirir, investigar; informar-se acerca de; fazer pesquisas*. Ora, se nos aprofundamos nos detalhes da significação de cada termo sinônimo, constatamos que *buscar com diligência* requer a procura, a descoberta, a obtenção de informações, com zelo e cuidado. Os outros verbos centram-se na idéia de explorar para buscar saber, através de perguntas e averiguação das informações, seguindo minuciosamente, com escrúpulo, cuidado e atenção, os vestígios encontrados. O verbo pesquisar denota, além disso, o sentido de dar um informe ou um parecer, tomar ou dar conhecimento a outrem, contar, participar; todas elas ações que colocam o indivíduo participante no propósito de comunicar sua descoberta, depois de ter-se inteirado dela. Fazer pesquisas é, então, produzir, criar, dar existência ou forma a uma nova verdade, apurada através do questionamento crítico sobre a realidade e o conhecimento pré-existente.

Fruto de profunda reflexão, a pesquisa impõe o desafio de reconstruir o que já é conhecido e refazer o que já está feito. O questionamento é inspirado no que o aluno aprendeu e que vai ser estruturado de uma maneira diferente, pois ele é um indivíduo com passado e memória social.

Pesquisar é um diferencial importante na construção de sua identidade e da construção da realidade do mundo e é, conseqüentemente, pôr em ação a linguagem particular do homem. Ler, interpretar, relacionar diversos textos e escrever, a partir de um conhecimento prévio, adquirido fora e dentro do contexto escolar, são atos

essenciais para a formação do sujeito autônomo e criativo, e que precisam focar uma finalidade na sua realização.

1.2. Para que pesquisar?

É imprescindível que o professor oriente o aluno a encontrar o caminho para a descoberta do novo, uma vez que o ato de pesquisar tem como finalidade o desenvolvimento do aluno como sujeito social, participante da formação de seu próprio conhecimento. Pesquisando, ele sustentará ou criticará uma teoria pronta, um buscar de respostas e da reformulação de outras verdades. Essa busca traz para o sujeito possibilidades de argumentar, de tomar uma posição em relação ao assunto tratado.

Dito dessa forma, a finalidade da pesquisa não é apenas mostrar que o aluno leu certos autores ou que compreendeu a teoria em questão, mas visa reformular as idéias obtidas, enriquecendo-as através do questionamento. Ao redigir seu relatório de pesquisa, ele confirmará seu aprendizado, ou seja, mostrará o conteúdo resultante da pesquisa e os conhecimentos adquiridos que serão incorporados a sua experiência de vida. A pesquisa científica, feita “com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um assunto” (BAGNO, 1998, p.18), é responsável pelos avanços científicos e indispensáveis para a elaboração do conhecimento.

Entretanto, formular hipóteses, delimitar tópicos e definir as informações prioritárias e importantes para o seu trabalho são técnicas que requerem um raciocínio maduro do aluno e que são difíceis de serem alcançadas em um processo de pesquisa, por envolverem a formação crítica do leitor e o desenvolvimento da produção de texto. Dessa forma, ao solicitar a realização de uma pesquisa, é preciso que o professor ensine como ela deve ser feita, quais os procedimentos e etapas a serem seguidos. Antes disso, é preciso despertar a motivação e o interesse dos alunos pelo assunto a ser pesquisado, e estabelecer

os objetivos e as finalidades para seu desenvolvimento. Se todas as etapas forem seguidas, o resultado poderá ser um texto próprio, autônomo, bem elaborado, coerente, interessante e agradável de ler, escrito não só para o professor, mas destinado a um público coletivo, como um jornal da escola ou uma palestra.

A realização de pesquisas é uma estratégia que permite alcançar essas transformações, uma vez que,

pesquisar é um processo de desencantamento e de encantamento simultâneos do mundo físico e social. Pesquisar é também penetrar na intimidade das camadas de leitura que vão sendo construídas pelo pesquisador através da sua interação simbólica do mundo. Os meios simbólicos não cessam de alimentar a compreensão que construímos das experiências contemporâneas, criando sempre novas possibilidades de interpretação de uma realidade em permanente mutação. (JOBIM e SOUZA, 2003, p. 81).

Então, a pesquisa poderá contribuir para o aperfeiçoamento intelectual do aluno, do grupo, da escola e da comunidade em geral. Entretanto, se as técnicas da pesquisa científica não forem utilizadas adequadamente, podem ocorrer, em lugar da construção de conhecimento, as cópias de fontes sem identificação do autor, cópias entre colegas, ou encomendas de serviços terceirizados via *sites* especializados em mercantilização de pesquisas. Esses fatos acontecem com maior frequência quando a pesquisa é realizada apenas em função de notas, em atividades desenvolvidas fora da escola, nos casos em que não há preocupação com a formação de conhecimentos nem com a ética.

Ética e cidadania são palavras e conceitos que precisam fazer parte da educação básica de uma sociedade preocupada com o bem comum. A educação pela pesquisa, se bem direcionada, leva à formação da cidadania do aluno, diretamente ligada à do professor, e pode ser vista como um instrumento de transformação paulatina na escola, uma vez que, segundo Moraes (2002, p.289), “a noção de cidadania é construção lenta, não avaliável em um bimestre ou um semestre, e talvez só vá ser percebida quando o

estudante não estiver mais na escola”. A pesquisa pode contribuir para transformar o aluno em um sujeito que toma decisões, ao se posicionar como ser crítico, que reflete sobre tudo que fala, lê, ouve e escreve, pois ela contribui, segundo Ramos (2002, p. 48), para a construção “da autonomia e da emancipação, tendo princípios éticos como pilar e a argumentação como ferramenta da cultura”.

Formar um aluno por meio da pesquisa significa ir além de um trabalho de complementação de conteúdos ou de avaliação: o aluno, ao pesquisar, desenvolve seu senso crítico; ao ler, seleciona o material e as fontes pertinentes ao seu trabalho; ao escrever, chega ao resultado de uma pesquisa autônoma. A produção de um texto escrito é obtida a partir de leituras e discussões sobre o assunto pesquisado, tudo isso refletido na argumentação utilizada pelo aluno em seu texto. Percebe-se, assim, a importância do processo de produção da pesquisa na ampliação do significado da leitura dos alunos, fator fundamental para o desenvolvimento da escrita. Para tanto, é preciso que o aluno e o professor tenham um direcionamento definido e saibam pelo quê buscar.

1.3. Por que pesquisar?

A pesquisa é uma das respostas à busca da melhoria da qualidade do ensino, da adequação da escola ao mundo do aluno, com o desenvolvimento de conteúdos que se aproximem de seu contexto sócio-histórico, uma vez que

é um instrumento pedagógico destinado a melhorar a qualidade da aprendizagem de certo conteúdo escolar, a romper a monotonia do enfadonho blábláblá diário e a tornar a sala de aula um espaço dinâmico, no qual os alunos sejam participantes ativos da sua própria formação. (MARTINS, 2001, p. 75)

A escola, em busca de profissionais que pensem e reflitam sobre o seu próprio futuro e de toda uma nação, aproxima o saber implícito do aluno ao conhecimento a ser

construído. E a pesquisa, em todos os seus momentos, desde a sua proposta até a formulação do resultado do trabalho, apresenta-se como um dos caminhos para enfrentar esse desafio. Vista como instrumento do conhecimento crítico e criativo, que compreende o questionamento que o aluno faz a si próprio sobre o que é importante ou não para a elaboração de seu trabalho, contribui para a formação da personalidade. Demo (1998, p.1) a define como “um questionamento reconstrutivo, que engloba teoria e prática, qualidade formal e política, inovação e ética”.

Além de propiciar ao aluno sua iniciação ao pensamento científico, é objetivo da escola compreender e valorizar o conhecimento prévio que o aluno tem ao entrar na escola. É assim que, aos poucos, o professor busca integrar as situações dos problemas de cada aluno às situações-problemas a serem pesquisadas. Essa interação faz surgir um tipo de reflexão que privilegia a construção de conhecimento dos sujeitos envolvidos, a seleção e organização de argumentos utilizados junto ao interlocutor, que, por sua vez, aceitará ou criará novas hipóteses para um diálogo pleno de idéias e argumentos. Através da pesquisa, o aluno aprende, pois, ao argumentar, ele responde às perguntas elaboradas previamente e transforma a verdade primeira em outra discutível.

O processo de desenvolvimento da pesquisa possibilita destacar o papel do aluno no contexto cultural e histórico, que terá como objetivo aprender a produzir textos com qualidade científica, com rigor e argumentação própria e autônoma, propiciando ao máximo seu crescimento. Mas, não é só. A pesquisa, num processo de construção com objetivos comuns, “envolve aluno e professor, porque permite vislumbrar o pensamento do outro, seu raciocínio, sua maneira de ver os fatos e expor suas idéias” (FRISON, 2002, p.146). Uma vez que o conhecimento não vem pronto, mas resulta da compreensão e das experiências vividas, a pesquisa apresenta-se como uma estratégia pedagógica fundamental para a construção da aprendizagem, exigindo responsabilidade

e troca. A cópia, a paráfrase ou o resumo servem de modelo para as principais produções do aluno, visto que o saber é reconstruído de forma pessoal e criativa, advinda de um conhecimento já instituído. Entretanto, o aluno não vai somente repetir ou conservar as verdades prontas, mas, através da reflexão, produzir algo novo.

O objetivo maior da pesquisa é organizar pensamentos e informações, fugindo da atitude passiva da cópia, e inovando a forma de gerar novos conhecimentos. Para a realização da pesquisa, é relevante a redefinição da postura do aluno e do professor, que, juntos, partem, para a reconstrução do conhecimento com o desafio de aprender, procurando respostas para questionamentos, dúvidas, incertezas ou desconhecimento de um assunto que lhes é de interesse. Com esta postura, o aluno se firma como sujeito autônomo e sente-se capaz de se colocar como autor de seu texto.

1.4. Quem são os envolvidos no processo de pesquisa?

Ensinar não é simplesmente transmitir informação, mas possibilitar a construção do conhecimento. Ao considerar que tal construção se dá basicamente pelo processo de pesquisa, conduzido pelo professor, entender como o professor se posiciona “em relação ao ato de pesquisar e ao modo como o aluno se percebe nesse processo de construção” (FRISON, 2002, p.144) é compreender como a pesquisa acontece no cotidiano da sala de aula.

No ensino tradicional, segundo Almeida (2002, p. 243), o professor tem como objetivo central o conteúdo de sua aula, com “receitas” prontas, ou baseadas no livro didático, sem que haja uma intervenção subjetiva. O aluno, por sua vez, se acomoda à facilidade desse tipo de aula, transcreve a fala do professor para utilizá-la como base de seu estudo para a prova e não percebe que a simples cópia da aula exposta pelo professor é que será reescrita na prova. Trata-se, segundo o autor, de uma reprodução, a

“cópia da cópia”, e tem como característica a falta de criatividade, exigindo de ambos a memorização no lugar do raciocínio lógico e crítico e não lhes possibilitando a construção pessoal. Essa escola é o lugar onde há aulas e provas e, quando há propostas de trabalhos de pesquisa, também se verifica a cópia ou simples colagem de textos. Não há um compromisso com a formação do aluno, mas apenas a reprodução de um conteúdo específico, que não permite ao aluno buscar e enfrentar novos desafios.

Nesse tipo de ensino, segundo Zilberman (1993), a preocupação do professor é cumprir o programa e terminar o livro didático até o final do ano letivo. Ele não percebe que suas práticas pedagógicas, com a utilização de fragmentos dos textos ou do texto como pretexto para ensinar um conteúdo qualquer, não alcança o objetivo primeiro da escola, que seria de ensinar o aluno a viver no mundo fora dela, ou pelo menos mostrar-lhe um caminho, uma direção. Dito de outra maneira, saber analisar sintaticamente uma oração, identificar classes gramaticais ou conhecer minuciosamente as regras de concordância não melhora o senso crítico e a expressividade do aluno; conseqüentemente, essa prática não é suficiente para fazê-lo compreender suas atitudes, os problemas da escola e de tudo mais que o rodeia. É preciso haver um diálogo, um envolvimento do aluno com os outros e com o texto, numa atmosfera descontraída, propícia à troca de experiências.

Ao tratar do papel do professor, Russell (1972) relata as dúvidas do professor que, não sendo um ser supremo ou o detentor do saber, pode e deve procurar utilizar-se do raciocínio seu e de seu aluno, superando certas oposições, com a força da argumentação, e conquistando o aluno, sem mandar, contrariar ou subestimar-se. Sem apagar ou esconder as outras opiniões possíveis e passíveis de existir, o professor estará instigando sua classe a divergir de opiniões já prontas, criticar com inteligência o que ouve e o que lê, evitando a concordância passiva, comum nas escolas. Dessa forma,

juntos, escola, professores e alunos, estarão buscando verdades, escondidas de todos e por todos, e a satisfação consciente do sujeito como cidadão.

A escola atual não está empenhada em ensinar técnicas de base de uma verdadeira pesquisa, pois, de acordo com Serafini (2003, p.195), isso “requer um trabalho complexo de seleção de informações” e “as pesquisas são quase sempre inúteis”, devido, principalmente, segundo a autora, à falta de interesse por parte dos alunos e à falta de condições dos professores. A pouca motivação de ambos os lados, os poucos recursos disponíveis para a realização da pesquisa e a obtenção de resultados favoráveis proporcionam essa situação encontrada nas escolas. É preciso orientar os alunos e encontrar temas interessantes para que a pesquisa se viabilize, sendo que “em toda pesquisa é importante que o aluno trabalhe sobre uma questão que o toque de perto” (SERAFINI, 2003, p.197). Assim, a autora sugere aos professores que comecem a trabalhar a pesquisa de uma maneira simplificada, auxiliando seus alunos na construção de um texto mais simples e levando-os à realização de verdadeiras atividades de pesquisa. Nesse sentido, a participação do professor em sala, como aquele sujeito que lê, participa, produz textos e escreve com autonomia e autoria, pode ser uma referência ao aluno, que o verá como o orientador, que caminha junto dele, possibilitando-lhe tornar-se um leitor crítico.

Grande parte do processo educativo que envolve a criança depende da motivação, de sua participação como indivíduo na escola, possibilitando-lhe incluir-se ou não como cidadão na vida social da comunidade em que vive. Nesse processo, dependem do professor o aprimoramento e a avaliação, que mesclam o ensino-aprendizagem com bases teóricas e práticas, isto é, a escola, como responsável pela educação da criança, precisa trabalhar para formar cidadãos, e não se limitar meramente ao ensino do conteúdo, à instrução ou treinamento do aluno para desenvolver os

requisitos pretendidos por qualquer instituição educacional. O aluno deverá encontrar no professor um apoio para que esse processo se inicie, e o professor buscará despertar o interesse no aluno, através de um ambiente adequado e propício à aprendizagem.

Em lugar de ser o interceptador da verdade ou o conhecedor dos conteúdos, o professor precisa ser aquele que orienta de maneira atuante. Desta maneira, o professor proporciona ao aluno a oportunidade de diálogo, num jogo de perguntas e respostas em que não há apenas uma única direção. O aluno não será, assim, um indivíduo condicionado e passivo diante de sua aprendizagem, ocupará a posição de um sujeito atuante, que questiona, inventa e busca, por si mesmo, produzir seu conhecimento, escolhendo suas leituras e produzindo seu próprio discurso. A ele cabe a função de reagir, buscar, por meio de estímulos internos e externos, pela criatividade que o caracteriza, e conquistar um espaço próprio. Os alunos, passivos, não estão habituados a trabalhar com autonomia e esperam, para tomar um posicionamento, um roteiro dado pelo professor ou pelo livro didático, esquematizado por um cronograma de provas e tarefas agendadas. Muitos deles se sentem inseguros por não terem nada para copiar como matéria ou conteúdo para a prova.

Almeida (2002) não elimina a orientação, lembrando a possibilidade da adoção de uma aula dialogada, na qual, embora o professor siga um roteiro escrito do conteúdo programado para a aula, o aluno pode participar e reagir ao que está recebendo. Há um diálogo do professor com o aluno, e do professor com outros autores, não somente com o livro didático. Sua aula pode ser fundamentada em vários autores, mas há demarcações de sua produção com interpretação pessoal. Nesse modelo, a aula flui de um planejamento prévio, porém o professor está aberto ao questionamento próprio e do aluno, buscando, ambos, por novas informações, fora da sala de aula, e retornando à

classe para uma discussão conjunta sobre o material que foi encontrado. Para que isso aconteça, é necessário que

tanto o questionamento reconstrutivo quanto o diálogo crítico e a produção, que são pressupostos da pesquisa, sejam viáveis na aula expositiva, mas para que eles possuam consistência e coerência é fundamental a competência do professor. (ALMEIDA, 2002, p. 239)

Com a pesquisa, esta ação passa a ser dinâmica e dialógica, visto que surge um novo posicionamento, tanto do aluno como do professor, que, juntos, numa relação de parceria, buscam pela construção da aprendizagem. Através da pesquisa,

o aluno se compromete com o pensar, o criar, o produzir, [...] precisa se sentir motivado, rompendo as barreiras do medo, caminhando em busca da auto-realização, da autonomia, da capacidade de expressão, de sua transformação em sujeito da própria prática, da própria história; (FRISON, 2002, p.146),

e o professor, assumindo-se como orientador,

passa a construir junto com o aluno, [...] se coloca como organizador, facilitador, mediador entre o aprendiz e o objeto de conhecimento. Auxilia o aluno a descobrir e redescobrir. Intervém, organiza, facilita, desafia, questiona. Instiga o aluno a desvelar conflitos, a buscar a autonomia necessária a esse processo de construção. (FRISON, 2002, p.146),

A explanação do professor é um momento de suma importância no esclarecimento e compreensão do trabalho a ser executado pelos alunos. A competência do professor é requisito fundamental para uma aula dialogada, em que se desenvolve a capacidade de elaboração própria, de saber pensar e argumentar, de deduzir e induzir, de saber buscar informações, de relacionar teoria e prática. Esta intervenção pode ocorrer de maneira pontual, isto é, na introdução e no encerramento da aula, proporcionando o restante da aula para o questionamento, que é o principal pressuposto da pesquisa e

essencial para o pensamento científico. É importante que o professor insira essa idéia em sua sala de aula, estimulando a curiosidade dos alunos, fazendo-os se questionar, questionar o que já sabem e o que estão aprendendo, para, a partir disso, construir seu conhecimento. O papel do professor é de comprometer-se com sua própria aprendizagem, sem que haja um relacionamento pedagógico de dependência; ele necessita “incentivar o aluno a prescindir o mestre” (LIMA, 2002, p.280). Com a pesquisa, o professor passa a ser o conector, aquele que acompanha e propõe a diversificação de textos, além dos livros paradidáticos, incentiva a leitura de jornal, revista, enciclopédia, quadrinhos, música, filmes, entre outros tantos.

Ao ler criticamente as diversas fontes possíveis de leitura e se pronunciar, oralmente ou por escrito, ao professor ou aos colegas, o aluno inicia um debate com idéias. Dessa forma, a pesquisa, em vez de servir para preencher uma avaliação, um conteúdo ou um tempo vago, preparará o aluno, desde o início, para autonomia na busca de informações. O estímulo que parte do professor pode vir a despertar a curiosidade necessária no aluno e resultar em uma atividade criativa, levando-o a aprender. Marcado pela curiosidade, o interesse pela leitura pode ser alcançado pelos alunos, desde os primeiros anos do ensino fundamental. Com esta orientação dada pelo professor, o aluno ousará em sua procura e terá o espírito aberto aos estímulos exteriores recebidos para saber que está sempre aprendendo e há sempre algo mais para ser aprendido.

O professor não ensina o aluno a ser autônomo, mas pode criar “um ambiente de liberdade, respeito, escuta e diálogo, condições essenciais para o sujeito fazer-se autônomo”, uma vez que a “autonomia intelectual é independência para gerir aprendizagens próprias” (Lima, 2002, p.278). Se isso não acontecer, segundo Demo (2002, p.62), o aprender se reduzirá a “explicar e tornar evidente o que está latente, o

que já é conhecido, admitindo a história como simples exteriorização” e que bastará “motivar, empurrar, oportunizar”.

Não é o professor que estabelece o patamar ao qual o aluno deve chegar, como ocorre nas práticas pedagógicas tradicionais, com a aplicação de provas e avaliações determinadas, mas cabe ao aluno encontrar seu ritmo e trabalhar nele. Este ritmo é estabelecido por ele próprio, devido a uma tomada de consciência da importância de uma boa fundamentação teórica, para que ele possa argumentar e estabelecer um diálogo de qualidade. O certo é que precisa haver um combinado, uma dosagem correta de mediação, para que a responsabilidade da avaliação não caia somente em um ou em outro, afastando-os de um envolvimento autônomo e reflexivo. A condução adequada, somada à auto-reflexão, pode ajudar a realização de uma avaliação da qualidade do trabalho.

A atuação do aluno consiste em tomar decisões a todo o momento, fazer escolhas, utilizar argumentos relevantes, ter momentos de reflexão, discutir a qualidade formal do material que está sendo produzido, responsabilizar-se pelo que diz e escreve, colocar-se no lugar do outro para entender seu ponto de vista e saber escutar, defender argumentos consistentes na busca de soluções satisfatórias. Receber o conteúdo, tomar nota e fazer provas são atitudes que não condizem com a proposta da atividade de pesquisa. É preciso que o professor e o aluno procurem dar caminho à criação, embrenhando-se para o novo e, rumo ao desconhecido e inesperado, saber o que a pesquisa lhe propicia, uma vez que

ao questionar as verdades vigentes, o estudante apropria-se do conhecimento de forma ativa, e (...) gera, além de um conhecimento construído, ou seja, qualidade formal, também um conhecimento autônomo, o que diz respeito à qualidade política. (BARREIRO, 2002, p.173)

Por meio da leitura, o aluno alarga as informações, não se restringindo ao que foi dado pelo professor em sala de aula. A produção escrita é a reflexão do caminho percorrido, das leituras realizadas pelo aluno, lado a lado com o professor. É uma forma de desenvolver seus argumentos ou o discurso argumentativo. Ao ler, o aluno organiza o embasamento teórico sobre o assunto estudado e responde às dúvidas que foram formuladas ao longo de seu aprendizado. A comunicação de suas descobertas nada mais é do que uma exteriorização, uma defesa da idéia que o aluno elaborou durante o processo de sua aprendizagem, através da leitura, interpretação, reflexão e reelaboração de seu pensamento.

Ao finalizar este capítulo, é preciso reiterar a importância da pesquisa em sala de aula, construída através das leituras realizadas, com a finalidade de produzir novas verdades, transformadas pelo questionamento, sobre um conhecimento já existente. Essa atividade requer raciocínio maduro do professor e do aluno, de maneira a desenvolver neste a leitura crítica e a produção escrita autônoma. O objetivo dessa atividade é, dessa forma, com a orientação efetiva do professor e o envolvimento ativo do aluno, proporcionar a ambos diálogos entre si e com outros autores, a fim de organizar pensamentos e informações para a produção de novos conhecimentos.

2. Requisitos necessários à realização de uma pesquisa

2.1. O questionamento

Todo conhecimento começa pela pergunta, pela curiosidade.
(ALMEIDA, 2002, p. 249)

A pesquisa traz, no primeiro momento de sua realização, um sentimento de insegurança devido à incerteza dos rumos que ela pode tomar; mas, aos poucos, professor e aluno vão construindo sua autonomia na medida em que vêm com clareza o desenrolar da descoberta. Embora pareça contraditório, na opinião de Frison (2002, p.153), é na autonomia e na insegurança que “está a essência: fazer, refazer como ato de aprendizagem e crescimento”. O caminho é traçado e construído de acordo com o desenvolvimento da própria pesquisa, no decorrer do processo.

A desenvoltura da prática de pesquisa é adquirida de forma gradativa, conforme o ritmo e a produtividade de cada grupo ou indivíduo. “Um trabalho totalmente dirigido e planejado de antemão parece comunicar mais segurança.” (MORAES, 2002, p. 231), mas a pesquisa é uma atividade que pode tomar uma direção diferente daquela inicialmente prevista no projeto. Isso nos leva a uma questão importante: os momentos da pesquisa são entremeados pela insegurança, pela necessidade de optar, tomar decisões e realizar, ao longo do processo, ações que não puderam ser inteiramente planejadas.

A essência da pesquisa é, então, uma combinação de planejamento prévio e improvisação. Planejar, de forma flexível, e improvisar, são atitudes indispensáveis para produzir um trabalho de qualidade científica, que não se limite, meramente, a enfatizar dados quantitativos. A estabilidade, situação confortável em que se encontram a verdade estabelecida e o indivíduo, antes do início de pesquisa, é rompida pela dúvida,

provocada por fatores externos ou internos, que desencadeiam o desequilíbrio do saber no indivíduo, conduzindo-o a uma postura reflexiva de questionamento e busca por respostas. No auge da pesquisa, ocorre uma reelaboração do saber, que culmina em nova estabilidade, decorrente da descoberta, que pode culminar na criação própria.

A construção da autonomia é um exercício de persistência na elaboração do próprio conhecimento, que implica vivenciar, descobrir como se faz e fazer, assumindo, plenamente o papel de agente. Para tanto, é preciso apreciar desafios, pois o ato de pesquisar é um desafio constante.

Dessa forma, o questionamento do aluno surge a partir de sua curiosidade, de seu interesse ou de um fato ocorrido no meio em que vive. Pode também ser propiciado pelo professor, por meio de um ambiente de discussão em que cada aluno argumenta e mostra conhecimentos consolidados ou recém-adquiridos sobre o tema, em pequenos grupos voltados à busca de respostas e à coleta de dados ou informações, em livros e outras fontes. Dessa maneira, o aluno se envolve, exercita seu senso crítico e se assume como responsável por sua aprendizagem, pois

o questionamento é salutar quando reforça no aluno o desejo de aprender, de buscar as respostas, de ir às fontes, visando ao reforço da argumentação. É, neste sentido, que o diálogo deve ser entendido, não como um pingue-pongue de palavras sem sentidos, mas como uma troca de interpretações elaboradas (ALMEIDA, 2002, p. 250).

Os conhecimentos daí advindos, além de lançar luzes sobre o assunto pesquisado, instigam o envolvimento nos processos de leitura e de escrita. Todo esse processo só pode ser alcançado em um cotidiano escolar, no qual o questionamento seja a base principal na formação do professor e do aluno, aquilo que os torna capazes de intervir e de se posicionar criticamente em relação ao que lêem. Dessa forma, a pesquisa se revela uma estratégia metodológica particularmente importante para o

ensino em geral, uma vez que propicia o conteúdo do texto a ser produzido bem como o estudo das formas mais adequadas de relato oral e escrito, objeto principal das aulas de língua materna.

A utilização da pesquisa em sala de aula, conquanto seja uma alternativa para uma educação verdadeiramente emancipadora, não é um processo tranquilo, pois faz com que o aluno perceba o pouco que sabe, que existem infinitas coisas para serem conhecidas e que há muito que ler. Se não for motivada, a pesquisa pode desestabilizar e baixar a auto-estima de quem a realiza, pois ela precisa ser estruturada a cada dado novo encontrado. A dúvida, conforme Barreiro (2002), é o primeiro passo na busca de novas respostas e o questionamento funciona como elo entre o que se tem hoje e o que ainda se busca, o desconhecido.

Contudo, ela será motivadora se, por um lado, “o conteúdo estiver ligado aos interesses da pessoa que tem que ler e, naturalmente, se a tarefa em si corresponder a um objetivo” (SOLE, 1998, p.43), e se, por outro lado, as atitudes e as técnicas de apresentação do tema suscitarem o interesse do aluno, através de uma variedade de textos atraentes e incentivadores.

A pesquisa é um elemento rotineiro e pertinaz no ensino-aprendizagem, e o papel da escola

passa a ser, então, o de instrumentalizar seus alunos para o estabelecimento de relações entre fatos e informações, a investir em valores como igualdade social, espírito crítico, objetividade, criatividade e mediação, e propiciar condições de novas estratégias de pensamento (SCHWARTZ, 2002, p.160).

A primeira etapa na realização de uma pesquisa é a busca de material, e depende de o aluno “ter iniciativa e procurar os subsídios, ao invés de recebê-los prontos ou reproduzir o que já existe” (GESSINGER, 2002, p.191), para poder assumir uma

postura ativa. Para que ele tenha condições de buscar por informações, o ideal é que a escola seja equipada com, no mínimo, uma biblioteca atualizada e um computador ligado a uma rede. Na impossibilidade de a escola se conectar à internet, o professor pode facilitar o acesso ao aluno, trazendo, ele próprio, diversos materiais de pesquisa gravados em disquete ou impressos, cabendo ao aluno selecionar os textos que lhe forem úteis para o desenvolvimento de seu trabalho.

A segunda etapa é a construção do texto científico, com todas suas regras. O eixo principal dessa etapa do trabalho é a base teórica, que não deve ser meramente reproduzida, mas discutida. O texto também deve apresentar um equilíbrio entre teoria e prática, o que exige do professor uma nova postura, a de querer aprofundar-se em novos conhecimentos através da leitura, da participação em seminários e encontros, ou da montagem de uma biblioteca própria, o que possibilitará ao aluno produzir textos dentro uma postura crítica e questionadora.

Ao ler ou ir à biblioteca, o aluno se depara com textos dos mais diversos tipos, tais como livros, enciclopédias, revistas, jornais, manuais, guias, cartas, mapas, placas, horários etc., que precisam ser selecionados e lidos. Para construir sua própria metodologia e conseguir o sucesso na pesquisa, produzindo um texto coerente, o aluno deve tomar o cuidado de listar as fontes utilizadas. Uma progressão das etapas existentes e necessárias ao ensino de leitura e desenvolvimento da escrita é importante para que o aluno chegue a um momento mais elaborado das técnicas de pesquisa, em que consiga escolher tópicos específicos, fazer recortes e mostrar-se objetivo em relação ao assunto estudado.

A biblioteca e o computador são as maiores fontes de pesquisa a serem exploradas. A primeira, recurso indispensável ao acesso à leitura de novas publicações, precisa estar sempre atualizada. É preciso, por outro lado, que o aluno desenvolva o

hábito de ir à biblioteca, ler, emprestar livros, comportar-se adequadamente nesse recinto.

A existência de uma biblioteca transforma a escola e a maneira como o professor conduz suas aulas, por ser um dos mais efetivos instrumentos para ajudar o aluno a aprender a ler e desenvolver a cultura do mundo da escrita. Segundo Aguiar (2001), para formar leitores é preciso que haja um engajamento entre professores, e bibliotecários que auxiliem o aluno a progredir em seus estudos, direcionando sua atitude na biblioteca e sua escolha de materiais. Para tanto, é preciso, de acordo com Kuhlthau (2002), conhecer a habilidade de leitura da criança e os livros disponíveis na biblioteca para cada faixa etária, integrando-se à proposta curricular da escola.

Nesse sentido, a biblioteca presta-se a criar dentro da escola um espaço de relação com a escrita, recolocando, segundo Foucambert (1997, p.141), “o aprendizado no exercício de uma cultura, em contato com uma produção viva” e ligando a escola ao mundo exterior.

A busca de informações e a seleção do material são técnicas, que podem ser facilitadas pela tecnologia, disponível no computador que, além de permitir digitar mais rapidamente ou copiar textos pelo *scanner*, possibilita transferir informações de um local para o outro. Outra vantagem é que as fichas de leitura podem ser feitas diretamente no computador, o que facilita o armazenamento das informações.

A inclusão da internet nesse processo acrescenta outros recursos e aos serviços disponibilizados pelo computador, uma vez que são incontáveis as informações disponíveis, numa surpreendente rapidez. Entretanto, nunca é demais enfatizar que não é a cópia ou colagem que o aluno deve buscar, mas a produção de um texto com suas idéias próprias, através da reflexão e organização das idéias adquiridas. A vantagem maior da utilização do computador é a redução das horas de busca de informações para

a realização da pesquisa. Uma outra, muito atrativa, é a facilidade em organizar a parte formal e estética da pesquisa.

Com a internet, o contato com o mundo é imensamente maior, e o professor deve tirar proveito desses recursos, disponibilizando-os aos alunos, na busca da concretização dos objetivos do ensino-aprendizagem pela pesquisa. A internet apresenta um repertório amplo e variado, como textos gráficos, figuras, sons imagens e vídeos, que possibilitam participar virtualmente de várias experiências, “permitindo ao usuário explorar fontes variadas, levantar questões, respostas, solucionar problemas propostos, e interagir mais com os outros” (MORAES, 2002, p. 87).

Quanto aos serviços de busca e recuperação de informação, podem ser citados alguns exemplos, como: WWW (Word Wide Web) ou a rede de documentos com ligações para assuntos semelhantes, e FTP (File Transfer Protocol) ou a transferência de arquivos pela rede. Ambos favorecem a busca de artigos, capítulos de livros, documentos sobre o assunto de interesse, embora nem tudo o que for encontrado seja de valia ou necessário para o desenvolvimento do trabalho. Isto porque, o leitor, como usuário do computador, precisa ter senso crítico para analisar o material coletado e selecionar o que é útil para a realização da pesquisa. Na categoria da comunicação, a inter-relação entre pessoas localizadas em regiões afastadas é recuperada através do e-mail ou correio eletrônico, o Chat ou bate-papo, a videoconferência, e os grupos de discussão e lista de interesse.

Com a facilidade no acesso, a variedade de material e a possibilidade de cópia ou montagem das informações, o aluno necessita, mais que nunca, ter senso crítico para a leitura, a seleção, a interpretação e a escrita própria e autônoma, para reconstruir e reorganizar as inúmeras informações às quais teve acesso.

Para que o questionamento se estabeleça, a partir de uma verdade já conhecida, da vivência anterior ou de uma realidade, é preciso que haja o envolvimento ativo do professor e do aluno, na construção de hipóteses fundamentadas numa base teórica adquirida e formadas por uma diversidade de autores, o que pressupõe ler, concordar ou divergir das idéias dos autores e explorar as teorias variadas, para fundamentar os argumentos em construção. Dialogando com os autores, o aluno questiona o conhecimento, fato que constitui a essência do comportamento científico e vai muito além do senso comum ou popular, sendo visto como a verdadeira postura de investigação. É necessário, segundo Barreiro (2002, p.175), que o aluno “parta de argumentação refletida e vá edificando a base dos conhecimentos que estão sendo adquiridos. Não se pode construir uma verdade senão pelo argumento solidamente embasado”.

Questionar é o primeiro passo para a produção de texto com pensamento científico, e, ao proporcionar ao aluno a oportunidade de escrever, o professor incentiva a capacidade de buscar, formular, elaborar, produzir, desenvolver a reflexão, enfim, oportuniza-lhe as atitudes essenciais para a formação do sujeito. A capacidade de reflexão, segundo Schwartz (2002, p.164), “encontra-se na posse de seu saber sobre si mesmo e seu mundo”, o que, por um lado, torna a pesquisa uma construção pessoal e, por outro, fortalece as relações grupais. Esse questionamento depende diretamente da leitura e da reflexão sobre idéias de outros autores.

2.2. A leitura crítica

Em nossa sociedade, a escrita é vista como reflexo do saber e caminho para o sucesso profissional, apresentando-se como aspecto significativo na emancipação do sujeito. O ato de ler, por sua vez, relaciona o indivíduo ao mundo que o cerca, cabendo

à escola a tarefa de criar condições favoráveis ao aprendizado da leitura e fazer com que o aluno venha a perceber-se como participante ativo na sua aprendizagem, como construtor de seu saber. Para tanto, o professor deve acreditar na capacidade de aprendizagem do aluno, elaborar e orientar atividades de ensino que possibilitem torná-lo um leitor crítico e competente.

A concepção de leitura crítica está diretamente relacionada com a posição em que o sujeito assume diante do que está lendo. O leitor lê por vários motivos: para conhecer, informar-se, imaginar, seguir instruções, resolver problemas, revisar, mas também para obter uma posição crítica diante das idéias contidas nos textos. Essa atitude crítica não ocorre de forma natural, mas deve ser aprendida na escola. Para se tornar um leitor crítico, é preciso que o aluno atue como um “sujeito que abala o mundo das certezas (...), elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses” (SILVA, 1998, p. 26), “analisa e examina as evidências apresentadas, e, à luz dessa análise, julga-as criteriosamente para chegar a um posicionamento diante dos mesmos” (SILVA, 1998, p.28).

Segundo Jolibert (1994, p.14), ensinar a ler não é pré-dirigir, mas ajudar o aluno em seus próprios processos de aprendizagem, mostrar-lhe que é importante questionar o que está escrito, ajudá-lo na busca de sentidos e hipóteses, a partir dos indícios deixados no texto. Nessa direção, é importante que o professor proponha textos, para discussão e debate, que coloquem o aluno em relação com o mundo real, textos capazes de suscitar seu interesse, por estarem próximos de sua realidade, de sua vivência cultural e lingüística, facilitando, dessa forma, sua inclusão no processo da leitura. O hábito de ler decorre do acesso a textos interessantes e cada vez mais desafiadores, com relação ao conteúdo e ao vocabulário. Dessa forma, o aluno atribui importância à leitura porque tem como objetivo assimilar o conteúdo visto e, principalmente, buscar novas

informações que vão prepará-lo intelectualmente para um posicionamento crítico diante do texto lido.

Ensinar a ler é, antes de mais nada, confrontar os conhecimentos sobre a língua escrita que o aluno traz consigo e, sobretudo, propor a leitura de textos variados,

desde o letreiro do ônibus e os nomes das ruas, dos bancos, das casas comerciais, fundamentais para a sua sobrevivência e orientação numa civilização construída a partir da língua escrita; ler o jornal, que vai relacioná-lo com o mundo lá fora; ler os poemas, que vão dar concretude, qualificar e expandir os limites de seus conhecimentos; ler narrativas, que vão organizar sua relação com a complexidade da vida social, ler as leis e os regulamentos que regem a sua cidadania, ler ensaios que apelam à sua racionalidade e a desenvolvem. (GUEDES & SOUZA, 1999, p. 135)

A escola, muitas vezes, na condição de formadora de leitores, trata o texto como um objeto acabado, com um único significado, e o aluno lê o texto, conforme as perguntas pré-estipuladas pelo professor ou pelo livro didático, para a verificação da compreensão, esquecendo a compreensão da perigrafia, do entorno do texto, o que dificulta sua compreensão global. Outras vezes, o texto, usado como pretexto para o ensino das regras gramaticais do código escrito ou para reconhecimento do léxico, é adaptado e retirado de seu contexto original e perde sua significação, possibilitando ao aluno, segundo Zilberman (1993), interagir com o texto.

Ao utilizar a estratégia de fazer previsões sobre o que vai ler ou está lendo, o leitor observa os diferentes fatos, compara o texto com os outros anteriormente lidos e questiona a sua validade como um todo. Ao instalar essa atitude questionadora, o leitor toma posição em relação ao texto, a si mesmo e ao seu modo de pensar, e ocupa a posição de um leitor crítico, pois

se a maneira de questionar, de procurar indícios, de propor orientações evolui de forma tão espetacular, é exatamente porque os conhecimentos capitalizados pela memória não cessam de se enriquecer ao longo das experiências (...) a “cultura escrita” de cada um evolui. Com o decorrer do tempo, os indícios que permitem identificar um texto antes de lê-lo transformam-se em evidências, os procedimentos descobertos em tentativas tornam-se procedimentos “naturais”, tão inconscientes que são espontâneos. (CHARTIER; CLESSE & HÉBRARD, 1996, p.150)

Segundo Faraco (2001, p.42), o leitor toma uma posição diante do texto, uma vez que “a compreensão não é mera experiência psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que diante de um texto, gera outro (s) texto (s)”. Ler não é um ato passivo, mas, impregnado de valores e interação cultural, é uma réplica ao já dito; em outras palavras, é um diálogo entre autor e leitor, podendo acarretar, como toda relação dialógica, tanto a convergência, o acordo ou adesão das idéias, quanto divergências, questionamento ou recusa do que foi escrito.

A experiência do leitor adquirida pela leitura advém tanto de um mundo racional e coerente quanto de uma ficção que impulsiona a sua fantasia. É o estímulo gerado pela leitura que permite ao leitor procurar os elementos que expressam seu mundo interior e o leitor tem uma participação na construção, na compreensão das pistas deixadas pelo autor, que são ativadas pelos procedimentos lingüísticos para se chegar ao significado do texto. Ao ler, o aluno raciocina “sobre os referenciais de realidade desse texto, examinando cuidadosa e criteriosamente os seus fundamentos” (SILVA, 1998, p.33).

Entretanto, freqüentemente na escola, além de ser interpretado pela voz adulta e marcado pela superficialidade escolar, o texto é lido e compreendido num único sentido, linearmente, a partir de perguntas previamente formuladas e com predominância de reconstituição da informação. Tal procedimento acarreta, para o leitor, uma dificuldade em romper com a seqüência de idéias do texto, pois “uma vez respondida uma questão

referente a uma parte do texto não se volta mais a ela, não se estabelecendo relações com outras partes, deixando de lado, assim, seu funcionamento efetivo” (NERY, 2003, p.91). O maior problema da realização da leitura linear é afastar o leitor da percepção do texto como um todo, visto que o ato de ler implica um processo de construção de sentido, do reconhecimento das formas lingüísticas do texto, e, sobretudo, da compreensão de seu funcionamento lingüístico discursivo (NERY, 2003, p. 146).

A linearidade não é uma característica da escrita, pois ela começa na percepção dos componentes relacionados ao todo do texto: o tema, o autor e seus argumentos, o destinatário e o veículo em que ele aparece. Essa leitura exige um conhecimento de linguagem e de gêneros do discurso, pois consiste em fazer os alunos entrarem em contato com sua realidade a partir de um trabalho que relacione vários tipos ou gêneros de texto, bem como uma competência de análise semântica discursiva e das diversas vozes existentes no texto, que constituem as diferentes formas de retratar a realidade através da linguagem. É essa a base para a leiturização, uma concepção pedagógica, instaurada por Foucambert (1989), que visa criar as condições de uma prática da leitura não mais centrada na formação do alfabetizado, mas do leitor.

Para desenvolver e ampliar o desempenho em leitura, faz-se necessário modificar a metodologia empregada em sua abordagem e revitalizar as bibliotecas escolares, com a participação de professores de todas as disciplinas, visando um único objetivo: a emancipação do aluno através da capacidade de leitura. Isso porque, embora seja alfabetizado, o aluno, muitas vezes, não chega a ser leiturizado, comportando-se como um simples decifrador do código lingüístico, um leitor de palavras e frases. E, dificilmente chegará a ser um leitor crítico alguém que não ultrapassa a barreira do reconhecimento, estacionando na compreensão parcial, pois, para ser um leitor crítico, é necessário

“compreender as circunstâncias, as razões e os desafios sociais permitidos ou não pelo texto” (SILVA, 1998, p. 34). Daí surge a reflexão e o questionamento.

Ativo e questionador em relação ao que lê, o leitor “processa e atribui significado àquilo que está escrito” (SOLÉ, 1998, p.40), formulando hipóteses, a partir de seus conhecimentos prévios, e verificando-as no próprio texto, a fim de compreendê-lo. A leitura concretiza um conhecimento já existente no indivíduo e abre espaços para outros conhecimentos, despertando para a busca de outras verdades.

Pode ser que o leitor leia para entender, para viver melhor, para encontrar uma verdade, proveniente da leitura de mundo que está em cada um de nós e é fomentada através de nosso pensamento, pois a leitura exerce influência sobre os homens. As atividades que visam estimular o aluno a ler e, posteriormente, a escrever, para serem válidas, devem ser planejadas, pois a criatividade existente no ser humano precisa ser ativada, através de um estímulo vindo de outrem, uma intervenção exterior. Ler é estar aberto para o mundo, para o texto literário, para a ciência, para a arte, para a música, para a pintura.

Ler e escrever são atividades que se completam no processo da aquisição do conhecimento, de criação e de descoberta, de produção e construção do mundo. Ser leitor é poder estabelecer relações entre o que se está lendo e o que já se leu, é poder confrontar as idéias formuladas a partir do texto lido com as de outro leitor, é poder estabelecer novos parâmetros entre o que se leu e novas e futuras leituras; é também poder perceber os diferentes tipos de linguagem que há entre os mais diferentes textos. Ler é compreender as palavras nas entrelinhas, de maneira a produzir uma mudança no leitor. A leitura interativa não se centra no texto nem no leitor, mas numa interação entre eles, em que “o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu

conhecimento de texto para construir uma interpretação sobre aquele” (SOLÉ, 1998, p.24).

Após ler a si próprio e fundir as idéias do outro às suas, o aluno se expressa através das palavras, ao produzir seu próprio texto. Para tornar-se um bom leitor, é preciso saber contextualizar. Ler é contextualizar, é manter um diálogo entre as leituras anteriores, a atual e as futuras. É desvendar os possíveis sentidos do texto, pois, segundo Guedes & Souza (1999, p.142), “ler para chegar a uma resposta que já está pronta é o contrário de ler, é o contrário de produzir sentido”. Ler é conservar e combinar as informações encontradas sucessivamente, quebrando a linearidade do texto, uma vez que, para Chartier, Clesse & Hébrard (1996, p.139), compreender é “manter junto o que estava separado”, é memorizar para compreender.

Dito de outra forma, é prestar atenção em como o texto é tratado numa primeira descoberta, e em como ele pode ser utilizado posteriormente, em que contexto e com que objetivos. Ao ler, o leitor memoriza o que lhe é pertinente e se prepara para uma leitura futura, quando poderá ativar esses conhecimentos anteriores e formular hipóteses sobre o seu conteúdo. A compreensão é uma forma de diálogo, pois, segundo Bakhtin (2002, p.132), “a significação não está na palavra nem na alma do falante, nem na alma do interlocutor, mas é o efeito da interação do leitor e do receptor”.

O ensino de leitura pressupõe uma progressão que se reflete na aquisição de técnicas de pesquisa. As habilidades para localização, reunião e combinações das várias fontes encontradas requerem um raciocínio maduro do aluno, desenvolvido ao longo do ensino fundamental. Formular hipóteses, delimitar tópicos e definir as informações relevantes para um trabalho implica um amadurecimento de pesquisa alcançado processualmente, em especial quando se refere a uma pesquisa científica.

Enfim, cabe ao professor dar voz ao aluno, valorizando a sua presença na escola, e criar condições favoráveis ao seu aprendizado, auxiliando no desenvolvimento de personalidades que possuam senso de iniciativa, que sejam capazes de agir, discutir, decidir, realizar e avaliar suas próprias aprendizagens. É também tarefa do professor possibilitar, por meio da leitura, que o aluno entenda como a língua funciona, pois

à medida que as crianças fazem observações, descobrem analogias, diferenças, elas vão descobrindo estruturas da língua, criando para si referências, mas também uma atitude de interrogação, a partir da qual instaura-se um conhecimento, inicialmente intuitivo, que logo se torna racionalizado. (JOLIBERT, 1994 p. 116)

Grande parte da dificuldade em ler significativamente advém da prática comum em que o professor dá o tema, sem que aluno saiba pelo que procurar nem como procurar. O importante é que, ao invés de simplesmente reproduzir as informações dadas pelo professor, o aluno busque-as de forma ativa, envolvido no processo e visando transformações (GESSINGER, 2002). No processo da leitura, a criança se coloca diante de uma série de problemas cujas variações ela vai tentar dominar, devido às direções variadas que a leitura pode encaminhar, em etapas sucessivas, construindo para si mesma uma representação do escrito e uma significação do texto, a partir dos elementos conhecidos por ela.

Um trabalho de pesquisa escolar inicia o aluno, aos poucos, no campo da ciência, por meio da busca de respostas nas leituras feitas e nos experimentos, e, em seguida, do relato dos resultados da descoberta. Várias atividades podem auxiliar o aluno a intensificar suas leituras. Dentre elas, podem ser enumeradas as atividades literárias, como clubes de leitura, concursos de poesias, contos ou teatro.

Através da leitura e da escrita, o aluno põe um olhar no mundo e, utilizando-se do senso crítico desenvolvido ao longo da vida, completa o discurso do outro, tece e

constrói conhecimentos sobre as práticas sociais do cotidiano. Nesse processo, o aluno acaba por construir-se a si próprio como ser pensante, ligado ao mundo social pela sua expressão. Incentivar a leitura, segundo Possenti (2000, p.89), é “aumentar o repertório do aluno, suas possibilidades de contato com mundos lingüísticos que ele ainda não conhece através dos livros”. A leitura dará suporte à escrita, através de um questionamento das várias idéias advindas das fontes pesquisadas que formularão o argumento de base do texto escrito.

2.3. A escrita autônoma

É no argumento do outro que o sujeito é capaz de perceber a fragilidade do próprio argumento (GESSINGER, 2002, p.187).

A leitura e a escrita são atos de interação, marcados pela subjetividade, mas a escrita é, segundo Teberosky (1997, p.63), um reflexo de “um conhecimento técnico, ligado à prática dirigida pelo ensino formal e que implica operações diferentes do mero reconhecimento ou reprodução memorizada de um texto”.

A coordenação entre o ato de ler e o de escrever não ocorre automaticamente, pois elas não são atividades simplesmente contrárias, mas procedimentos com habilidades e condições diferenciadas de aprendizagem, que complementam-se, de modo que, ao ler, o leitor recebe informações variadas, e, ao escrever, recupera os conhecimentos adquiridos. Segundo Ednir & Cardoso (1998, p. 93), quanto maior for a gama de informações disponíveis, mais oportunidades terá o aluno de selecionar o que lhe for útil e expressá-lo no momento da produção de texto. Ainda que saber ler não equivalha a saber escrever, do mesmo modo que, ao ler, o leitor constrói vários e possíveis sentidos do texto, desvendando-os através das pistas deixadas pelo autor,

correlacionadas a outras leituras experimentadas e experiências vividas, para escrever, o aluno deve pensar, primeiramente, na razão por que está escrevendo.

Deve também considerar que escrever é dialogar com o leitor, de forma a produzir conhecimento tanto para um quanto para o outro. Nessa situação mais complexa do que se entende pelo termo diálogo é que a escola deveria focalizar sua atenção, centrando-se no questionamento e na busca por respostas, defendida por Faraco (2003) como uma tensão entre enunciados, do autor e do leitor. O que faz o leitor crítico senão responder ao discurso do autor, que, confrontando sua posição ou acolhendo a palavra de outrem, busca dar o mais profundo sentido ao texto? O mesmo deveria fazer o autor-aprendiz, ao colocar suas experiências vividas de forma escrita de maneira a produzir no seu leitor o mesmo questionamento, a formulação de hipóteses e uma busca de respostas múltiplas. Enfim, escrever é gerar efeitos deliberados de sentido sobre os possíveis leitores de um texto; isto porque os enunciados surgem como resposta à necessidade da busca pela verdade do outro.

Dessa forma, um dos objetivos da aula de português é dar ao aluno a oportunidade de se pronunciar e, com a orientação do professor, escrever para produzir - e não apenas para resumir, parafrasear ou reprisar lugares comuns. Segundo Guedes & Souza (1999, p.150), escrever serve “para registrar, comunicar, influir, entender, comover, criar, nada menos do que tudo isso”. Conseqüentemente, por pressupor regras e convenções específicas, a escrita requer um ensino sistematizado na escola.

O convívio freqüente com textos de boa qualidade pode transformar o aluno em usuário da linguagem, isto é, em leitor e escritor, ampliando suas possibilidades de adquirir conhecimento e firmando-se como um sujeito que, conforme Ednir & Cardoso (1998, p.17), considere “que toda resposta é potencialmente incompleta e passível de transformação”. O professor, ao orientar o aluno a compreender o texto, faz com que ele

perceba os sentidos produzidos pelo texto. Assim, atividades típicas escolares, como escutar ou ler e memorizar, depois relatar, escrever deveriam ser direcionadas para a produção de texto - e não para a redação ou cópia. Memorizar e recuperar as informações faz parte da percepção e, principalmente, da compreensão da linguagem, possibilitando ao aluno tornar-se capaz de organizar um texto escrito, de acordo com o uso social no qual a língua escrita está inserida.

No ensino fundamental, período em que o aluno aprende a escrever, mas que ainda não desenvolveu a escrita adequadamente e não está habituado a pesquisar, é freqüente a prática da mera cópia ou da colagem de várias fontes, sem a preocupação com o aprimoramento das técnicas e estilos de escrita. Esse processo ocorre, segundo Demo (2002), devido ao fato de o aluno passar por três níveis de produção escrita: o primeiro é o da interpretação reprodutiva, com trabalhos em que ele reproduz ou sintetiza os autores pesquisados. Este tipo de trabalho parafraseado, embora pareça limitado, representa o estado inicial no qual o aluno é desafiado a compreender o texto e sintetizar as idéias principais do autor.

Aos poucos o aluno começa a se posicionar face aos diferentes textos lidos e a questionar as idéias dos autores, passando para o segundo nível, o da interpretação pessoal. Nesse ponto, nas notas referentes ao material que está lendo, o aluno já consegue inserir suas próprias idéias, colocando seu ponto de vista e o resultado da reflexão sobre o que leu; embora faça sempre uma conexão com as idéias do autor, parte dessas idéias para poder desenvolver as idéias do autor, acrescentando-lhe novos sentidos e reafirmando o que leu, com suas próprias palavras.

Já no terceiro nível, que é o da reconstrução, o aluno inicia-se como pesquisador, uma vez que assume a autoria do texto, posiciona-se como autor. Diferentemente da etapa anterior ou complementando-a, embora mantenha as idéias dos autores que cita, o

aluno consegue inserir novos argumentos, tornando sua produção original e autônoma. Atingir este nível é o objetivo da escola, enquanto instituição formadora e educadora, ainda que pareça estar distante ou fora do alcance do ensino fundamental ou médio. É mais provável que aconteça durante a graduação, com a iniciação científica, e a pós-graduação.

Na produção escrita que caracteriza um nível elevado da produção científica, cada aluno coloca sua marca pessoal, reconhecendo, porém, que o discurso é profundamente marcado por contribuições de outros. Essa marca pessoal vai, dessa forma, reformular o pensamento produzido anteriormente. O aluno, colocando no texto suas reflexões, estará contribuindo para a formação de conceitos novos, expressos por argumentos próprios, embora não totalmente originais, e surgidos do questionamento das idéias dos autores ou das verdades já estabelecidas, que é a base teórica da pesquisa.

O referencial não é linear, mas, segundo Gessinger (2002, p.198-199), é “construído ao longo de toda a pesquisa, ele nunca termina de ser construído”, e está presente durante todo o processo, dando condições para que o trabalho avance de forma significativa e dando oportunidade ao aluno de participar mais ativamente do processo, de questionar, de se posicionar criticamente, de participar das discussões, contribuindo para o enriquecimento do grupo”. Durante o processo de desenvolvimento de uma pesquisa, o papel daquele que está argumentando é buscar as respostas a suas hipóteses, duvidar, refutar ou aceitar os dados encontrados e expressar as novas descobertas.

Para argumentar, é necessária a reconstrução do conhecimento, haja vista que cada argumento proposto pode ser substituído pela dúvida. Argumentar é, segundo Ramos (2002, p. 38), “defender uma opinião e a partir dela persuadir ou convencer um interlocutor mediante provas ou motivos que estão relacionados ao objeto da

argumentação”. Sendo assim, a prática da argumentação é um exercício cotidiano, no qual o aluno ouve, fala, questiona, responde e argumenta. Por isso, para pesquisar

não basta questionar; é mister reconstruir, quer dizer, unir teoria e prática, sinalizar inovação e, sobretudo, a presença de um sujeito capaz de história própria; o processo reconstrutivo alia pelo menos duas possibilidades: saber formular ou propor, buscando intervenções alternativas teoricamente bem fundadas, e tornar-se autor, ao ler outros autores. (DEMO, 2002, p.112)

O escritor, ao argumentar, constrói um novo ponto de vista sobre o assunto em discussão, não simplesmente para persuadir ou convencer o leitor sobre essa concepção, mas, para, juntos, chegarem a um consenso. As produções escritas se mostram particularmente importantes no contexto da aula com pesquisa, uma vez que são formas, individuais ou coletivas, de expressar os resultados da pesquisa, havendo, conseqüentemente, uma necessidade de submeter a produção a uma crítica pública. É essencial, além de atentar para o conteúdo do que é exposto, privilegiar a forma, que não pode, de maneira alguma, ser desprezada ou esquecida na construção do texto científico. Ao escrever, professores e alunos propõem-se a discutir suas idéias com outras pessoas, possibilitando o diálogo entre os vários interlocutores possíveis.

Por meio da produção escrita, o aluno tem a oportunidade de se construir como sujeito, pois escrever é um exercício desafiador em que o aluno, constantemente reescreve, construindo uma argumentação suficientemente competente para sustentar seus pensamentos e convicções, não raro permeados de contradições e repetições. Um diálogo constante entre o professor e o aluno certamente beneficiará esta produção, pois, ao discutir os pontos que necessitam ser aprimorados e refeitos, o professor possibilita ao aluno desenvolver suas competências argumentativas e rever o que tentou anteriormente esboçar no papel. A pesquisa é uma atividade desafiadora, pois várias respostas se abrem para um questionamento sobre um problema verdadeiro.

2.4. O domínio do texto científico

O discurso científico será mais discutível, quanto melhor elaborado for (DEMO, p. 54).

A produção de um texto científico, como a de todos os outros tipos de textos que compõem o mundo da escrita, pressupõe o conhecimento de regras gramaticais e sociais e, embora não seja neutro, o texto científico expurga ao máximo as marcas da subjetividade do aluno, que visa constituir-se em autor autônomo de um texto. Para auxiliá-lo nessa tarefa, o professor necessita lançar mão das diversas formas de ensinar a escrever e não presumir que o mero contato com o texto escrito tornará o aluno habilitado a escrever. O autor que se pretende formar é aquele que, com base na presença de um interlocutor real e com uma razão para escrever, escreve com argumento próprio e crítico, apresentando-se como responsável por seu texto, e não como um simples copista.

Segundo Suassuna (2002), o ponto crucial da dificuldade na produção do texto escolar é o aluno não saber para quem está escrevendo. A ausência de argumentação decorre dessa ausência de interlocutor, pois, para que o aluno se constitua como sujeito de sua linguagem, ele precisa construir uma imagem de quem vai ler seu texto e, geralmente, o aluno mostra o resultado de sua aprendizagem, de sua pesquisa e de seu conhecimento para a mesma pessoa que o ensinou a fazê-lo, seu professor. O resultado é que o texto é marcado pela artificialidade, já que o aluno estará preocupado, segundo a autora, com o *como dizer* e não com o *para que dizer*. Dessa forma, professor e a escola são, na opinião de Britto (1983), os interlocutores privilegiados do aluno e, por isso, decisivos na estruturação de seu texto.

O fato de o aluno realizar trabalhos de produção ou de reprodução de textos, cujo único destinatário é o professor é preocupante, pois resulta, segundo Guedes & Souza (1999, p. 146), “num texto que o autor (o aluno) não quer escrever e que o leitor (o professor) não quer ler”.

Outro problema é o de ensinar fórmulas fixas, a utilização de esquemas. Entretanto, há uma grande diferença entre um tema ou um roteiro dado pelo professor, a proposta de uma situação-problema em que o aluno tem um objetivo e uma finalidade para fazer o seu trabalho de pesquisa e está ciente da relevância do assunto em que está envolvido, empenhando-se no desenvolvimento do projeto. O texto adequado a um relato científico é o dissertativo, o qual, nas séries iniciais, é freqüentemente construído a partir de um esquema, que dá ao aluno uma direção, facilitando a ordenação das idéias, estruturadas em introdução, desenvolvimento e conclusão. Aos poucos, o aluno poderá se apropriar das diversas formas de escrita, como exercício mais geral, em que ele emprega vários recursos para expandir suas idéias, sem a utilização de esquemas. Nesse contexto, escrever é dissertar, ação que envolve um questionamento no qual o aluno expressará seu ponto de vista e apresentará argumentos que fundamentem sua posição como autor.

A autonomia propiciada pela pesquisa implica, além da capacidade de questionar, de argumentar e relatar, tomar iniciativa frente a sua aprendizagem. A produção de textos, usada como um dos recursos para a realização de uma pesquisa, pode ser vista como um exercício intelectual da reescrita, como forma de revisar o assunto de que se quer falar e sobre o qual se deseja saber mais. É preciso que o professor se disponha efetivamente a saber o que seu aluno tem a dizer sobre o assunto que ele mesmo requisitou. A orientação do professor na reescrita do textos é importante, visto que

orientar a reescrita não é apenas adequar o conteúdo às verdades estabelecidas da ciência nem a forma do texto ao modo consagrado de escrever nessa área de conhecimento; é principalmente levar o autor do texto a repensar a pertinência dos dados com que está lidando, a coerência da tese que apresenta, a adequação entre dados e tese, a perceber lacunas nas informações de que dispõe e a perguntar-se para que vai servir o que está escrevendo. (GUEDES & SOUZA, 1999, p.147)

Como toda atividade humana, o texto necessita satisfazer alguns requisitos para chegar a um fim. Dessa forma, segundo Koch (2002, p.21), “um texto é coerente para alguém, em uma dada situação de comunicação específica”, quando atende a três aspectos relevantes: a motivação, a finalidade e a realização. O aluno, com uma proposta clara e objetiva do que se propõe a fazer e auxiliado pelo professor, precisa colocar-se em um contexto determinado, sabendo para onde encaminhar seu texto e quem o lerá, visto que

ler e escrever (...) não são exercícios. (...) Para se ter uma idéia do que significaria escrever como trabalho, ou significativamente, ou como se escreve de fato “na vida”, basta que verifiquemos como escrevem os que escrevem: escritores, jornalistas. Eles não fazem redações. Eles pesquisam, vão à rua, ouvem os outros, lêem arquivos, lêem outros livros. Só depois escrevem, e lêem e relêem, e depois reescrevem, e mostram para colegas ou chefes, ouvem suas opiniões, e depois reescrevem de novo. A escola pode muito bem agir dessa forma... desde que não pense só em listas de conteúdos e em avaliação “objetiva” (POSSENTI, 1996, p. 49).

Várias orientações podem ser dadas ao aluno na produção de um texto: nos estágios iniciais da produção escrita, segundo Pereira (1997), o aluno poderá, num primeiro momento, transformar o tema dado em uma pergunta; em seguida, procurará respondê-la, concordando ou discordando do tema e expor o porquê de seus argumentos e, ao concluir, retomar a pergunta feita inicialmente.

Para complementar esse pensamento, Booth, Colomb & Williams (2000, p 54) sugerem uma seqüência de passos a partir de um tópico, como, por exemplo:

1) Incluir, no espaço em branco, substantivos que podem ser convertidos em um verbo ou adjetivo: *Estou aprendendo sobre / trabalhando em / estudando*_____.

Ex.: Estou estudando a percepção da influência da pesquisa em sala de aula na construção do conhecimento.

2) Acrescentar à frase uma pergunta indireta algo que queira saber ou entender, preenchendo o espaço em branco com um sujeito e um verbo: *porque quero descobrir quem / como / por que*_____.

Ex.: Estou estudando a percepção de influência da pesquisa em sala de aula na construção do conhecimento, porque quero descobrir como professores e alunos idealizam a realização dessa atividade.

3) Acrescentar à frase uma segunda pergunta indireta, explicando o porquê da pergunta e o que se pretende com a resposta: *a fim de entender como / por que / o que / se*_____.

Ex.: Estou estudando a percepção da influência da pesquisa em sala de aula na construção do conhecimento, porque quero descobrir como professores e alunos idealizam a realização dessa atividade, a fim de entender os benefícios que eles julgam adquirir através do ato de pesquisar na formação social de ambos, através da leitura crítica e da produção escrita autônoma.

Esta última etapa é a mais difícil por ser aquela que transforma a produção do texto em leitura de interesse para outros leitores, além do professor. No entanto, mesmo sendo etapas que podem ser construídas gradativamente, vale retomá-las ao longo da elaboração do trabalho escrito para “manter-se informado sobre sua posição atual e concentrar-se no rumo que precisa tomar” (BOOTH, COLOMB & WILLIAMS, 2000, p

57). Enfim, é importante lembrar que o objetivo final é explicitar sobre o que se está escrevendo, o que não se sabe sobre o assunto e por que é interessante saber sobre ele.

Ao escrever, é essencial verificar se os argumentos estão claros e objetivos, sendo necessária a releitura do texto para verificar a manutenção da unidade temática e manter uma progressão das idéias. Escrever implica tomar decisões em relação ao estilo, que precisa ser claro e direto.

A seguir, é necessário fazer uma análise, isto é, interpretar a hipótese e os dados para criticar ou apontar soluções. Na análise, é importante reconhecer os elementos dissertativos, as relações que eles mantêm entre si e como estão organizados; verificar com clareza o tema proposto, a hipótese levantada e os argumentos que a justificam. Para tanto, os argumentos apresentados devem apresentar premissas e conclusões verdadeiras dentro de uma relação coerente e adequada. Essa síntese surge quando o aluno estabelece uma relação entre os fundamentos, as justificativas e a posição que tomou ao escrever o texto.

O professor poderá propor como exercício inicial, um debate oral entre os alunos, oferecendo dois argumentos contrários e polêmicos sobre um assunto de interesse. A discussão proporcionará aos alunos desenvolver a capacidade de argumentar e expor seus pontos de vista, refutando os argumentos propostos por seus colegas. Para encaminhar para a escrita, podem ser desenvolvidas atividades como notas ou fichamentos, resumos, resenhas, enfim, tudo que auxilie o aluno a fortalecer seus conhecimentos e suas vivências de leitura e escrita.

Dessa forma, o aluno alcançará certa autonomia intelectual, elaborando seus próprios questionamentos e desenvolvendo a curiosidade científica para que haja a formulação do saber, através de momentos de formação coletiva e individual. Essa autonomia se alcança aos poucos, e tem início com a leitura de autores, cujas idéias

podem ser usadas sob forma de citações literais ou não, processo que envolve as palavras do autor do texto com as do autor de referência, o que será tratado no tópico a seguir.

2.4.1. A autoria

Se neutro, ninguém o produz; se científico, ninguém o questiona.
(CITELLI, 2002, p. 36)

No ensino fundamental, é difícil para o aluno separar a sua idéia da do autor, mas com a orientação do professor e alguns exercícios de escrita, ele, aos poucos, se posiciona com relativa autonomia. O mais importante é compreender que as respostas a suas perguntas não vêm unicamente das fontes que leu, mas de sua reflexão sobre as informações encontradas, somadas às informações adquiridas em suas experiências anteriores. Embasados na realidade, os argumentos precisam ser expressos por escrito para sintetizar, manifestar o resultado do trabalho. É a comunicação do que foi encontrado de novo, de diferente. Passível de críticas e de avaliação, essa produção escrita não está encerrada e nem é definitiva, mas sujeita a um constante aperfeiçoamento, uma vez que não há uma versão definitiva, acabada ou pronta de uma produção escrita.

Não há uma receita a ser seguida para a pesquisa em sala, mas apresentam-se como relevantes alguns procedimentos que compreendem, além das técnicas utilizadas pelo professor em sala, a participação do aluno em situações de diálogo e produções autônomas e críticas. A compreensão do material selecionado para leitura pode ser facilitada com a anotação das palavras-chaves ou idéias que serão utilizadas mais tarde, na esquematização do texto. Dessa forma, o aluno reorganiza as idéias e compreende melhor o texto.

Após selecionar e ler o material encontrado, e para que as leituras não se percam, é interessante que se faça um arquivo para armazenar essas informações obtidas. O fichamento constitui um valioso recurso de estudo na produção de um texto, e o tempo despendido para a feitura de cada ficha garantirá um ganho de tempo futuro, quando o aluno precisar escrever sobre um determinado assunto. Em sala de aula, o professor poderá trabalhar com fichas de leitura de livros de literatura, artigos de revistas e jornais, e de textos informativos de enciclopédias e livros.

Uma das formas mais comuns de fichar um livro é resumir, parafrasear ou anotar citações diretas, com a cópia fiel do texto, e fazer comentários apreciativos sobre a obra lida. Especificamente sobre a paráfrase, Medeiros (2004) afirma que

didaticamente, para efeito de exercício de prática de redação, pode-se falar em graus de paráfrase: primeiro grau (simples substituição de palavras por outras de sentido equivalente); segundo grau (resumo); terceiro grau (comentários); quarto grau (exposição de apreciação, de juízo de valor). (MEDEIROS, 2004, p. 140)

A paráfrase denominada de reprodutiva, por Meserani (2002), apresenta-se como uma das melhores técnicas para iniciar o aluno na produção escrita autônoma, visto que, ao parafrasear, o aluno explica um texto, pois ela pode variar a sintaxe, enquanto as idéias principais permanecem iguais às do texto original, ou seja, é uma substituição das palavras do autor por outras equivalentes ou mais simples, facilitando sua compreensão. Em sala de aula, a paráfrase auxilia o aluno a se colocar como autor, sendo ela um

exercício dos mais proveitosos, pois não só contribui para o aprimoramento do vocabulário mas também proporciona inúmeras oportunidades de reestruturação de frases, sobretudo se ela não se limita [...] a simples substituições de palavras de um texto A [...] por outras, sinôminas num texto B. (GARCIA, 1986, p. 184)

Essa atividade, além de melhorar o desempenho escrito, propicia que, ao mesmo tempo em que resume, o aluno aprenda e fixe o conteúdo. Como estratégia do resumo, resenha ou recensão, a paráfrase é uma recriação do texto feita através de comentário crítico, avaliativo e apreciativo do texto original, consistindo na explicação da idéia original do autor referido, seguida de comentários livres, que deve explicitar se a argumentação segue ou não a linha ou o contexto original do autor citado.

O aluno pode manifestar um estilo, enfatizar um tom e servir-se do texto original para criar seu próprio texto, uma vez que, de acordo com Meserani (2002, p. 111), “tudo pode ser deslocado, reformulado, restituído”. Essa é a paráfrase criativa ou resenha, um resumo do assunto com a justificativa das informações do texto: “frente à cópia, transcrição e paráfrase reprodutiva, o aprendiz é convidado a um salto maior em direção aos vãos da imaginação” (MESERANI, 2002, p.112). É uma atividade difícil de ser alcançada, mas um exercício fundamental na iniciação de alunos do ensino fundamental ao trabalho de pesquisa, devido a seu caráter científico.

Dessa forma, é preciso que o professor trabalhe com as diversas atividades para conseguir, aos poucos, que o aluno resuma, comente, analise um texto e se mostre um autor autônomo de textos, ou seja, escreva com criatividade, de acordo com o pensamento científico. A orientação do professor é essencial para a elaboração do texto escrito, para que a pesquisa possa circular, ser lida, discutida, aprimorada e utilizada.

Ao escrever, ao expor sua opinião, o aluno se baseia em outros autores, fazendo uso da citação direta, outro procedimento importante na escrita do texto científico. O pensamento do aluno é complementado pelo pensamento do autor, e, ao introduzir a citação, aquele que cita busca dar credibilidade ao texto e colocar os leitores em contato com o novo discurso, marcado pela originalidade e consciência verdadeira, pois

aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado de palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar de o “fundo perceptivo”, é mediatizada para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra (BAKHTIN, 2002, p.147).

A citação integra-se ao texto do aluno, fazendo parte do contexto. Contudo, os dois contextos “unem-se por relações dinâmicas, complexas e tensas” (BAKHTIN, 2002, p.148), refletindo a dinâmica da relação social entre os homens, através da comunicação na sociedade em que vivem, uma vez que “o objetivo verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo” (BAKHTIN, 2002, p.148). Segundo Bakhtin (2002), nosso discurso está impregnado de palavras dos outros, as quais podem ser “misturadas” a nossas palavras ou cuidadosamente delimitadas, ficando à margem do discurso.

A presença de uma citação no texto depende do objetivo do autor, pois ela pode ser utilizada para esclarecer, autorizar ou provar o que se está falando. Na maioria das vezes, o discurso do outro se encontra tão interiorizado no locutor que ele o sente como seu, mas há momentos em que ele delimita as palavras do outro e faz um comentário sobre elas. Pressupõe-se que a realização de trabalhos de pesquisa seja profundamente marcada por tais relações. A aplicação da teoria bakhtiniana na sala de aula do ensino fundamental demanda uma reflexão, por parte do aluno, sobre o assunto proposto para a pesquisa; mais que isso, demanda uma incorporação da leitura às atividades do seu cotidiano. Através de alguns esquemas lingüísticos indicados ou ensinados pelo professor, o aluno se torna capaz de distinguir o seu próprio discurso do discurso alheio e de infiltrar o discurso de outro no seu, conservando, na medida do possível, a integridade e autenticidade de cada um, uma vez que,

na escola, deve-se trabalhar para que os alunos apreendam ferramentas para estar no circuito social com conhecimento das regras desse jogo e, assim, interferir nesse jogo, criando outras regras. Esse movimento se constitui basicamente na esfera da linguagem, do discurso, embora, de forma alguma, esteja restrito a ela. (GOULART, 2003, p. 104)

O aluno, ao ler, responde interiormente ao discurso do outro, constituído não apenas pelo interlocutor, mas pelas vozes que constituem seu próprio discurso; ao escrever, ele expressa valores, pois é “no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação, isto é, a orientação ativa do falante” (BAKHTIN, 2002, p. 147). Entre a leitura e a escrita encontram-se a formação, a crítica, a análise do que se recebeu e do que vai ser concretizado em palavras, que refletem e refratam o mundo e sintetizam a diversidade de experiências que o indivíduo adquire. Como lembra Amorim (2003, p. 13), “o pluralismo do pensamento bakhtiniano, traduzido nos conceitos de dialogismo e de polifonia, é lugar de conflito e tensão, e os lugares sociais de onde se produzem discursos e sentimentos não são necessariamente simétricos”.

O discurso de outrem se mescla ao do autor e tem suas fronteiras atenuadas pela utilização do léxico que traduz a mesma ideologia. E, embora cada discurso conserve certas características de seu autor, sua composição se dá na relação dialógica entre os enunciados que se organizam em torno da relação do autor com o outro. É importante ressaltar para o aluno que não se pode alterar o texto transcrito, mas se devem manter as formas originais do texto com aspas, negrito, itálico, maiúscula e pontuação adequada. É importante também lembrar que o excesso de citações deve ser evitado, pois incomoda a leitura e o leitor sente-se desmotivado para ler.

O aluno passa a ser o autor de seu texto, quando se envolve efetivamente no processo de escrita. Para tanto, ele precisa ter um público determinado, estar ciente do que pretende, ter uma finalidade para escrever e conhecer as normas que regem o texto

científico. Estas são regulamentadas pela Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), mais precisamente pela NBR 6023:2000, que fixa a ordem de apresentação, estabelece as regras para transcrição das informações contidas no texto científico.

Empregá-las é essencial no momento da apresentação dos resultados do trabalho de pesquisa e algumas delas são utilizadas de maneira resumida no ensino fundamental. Constituem-se basicamente de algumas partes, segundo Santos (2002, p 128), e devem conter capa, introdução, corpo ou desenvolvimento, conclusão e bibliografia. Outros aspectos gráficos importantes, ressaltados pelo autor, que precisam ser observados pelo aluno na finalização para que o trabalho tenha uma boa apresentação estética, referem-se ao papel, à fonte (tamanho e tipo de letra), ao estilo, às margens, à paginação e à encadernação. É importante também observar, desde cedo, as regras que envolvem a bibliografia ou as referências bibliográficas, o cabeçalho de fichamentos, o resumo e as monografias.

O professor, ao introduzir esses procedimentos em sala de aula, estará contribuindo para que o aluno, ao ingressar no ensino médio e no ensino superior, tenha desenvolvido as etapas necessárias para transmitir o resultado de suas atividades ao iniciar-se como pesquisador e ao publicar os diversos tipos de textos científicos.

2.5. A socialização da pesquisa

A meta final da pesquisa a ser alcançada em sala de aula é comunicar a descoberta feita, isto é, apresentar o resultado à comunidade na qual se está inserido. Cada participante da equipe pode se manifestar, com sua marca pessoal, defendendo seus argumentos e pontos de vista, expressos de maneiras diferentes, com clareza e rigor, e exercitando seu papel de sujeito histórico. Segundo Moraes (2002, p.212), a pesquisa é uma atividade escolar realizada para

construir conhecimentos modernos e argumentados, resultantes de questionamentos críticos e criativos, capaz de servir de base para a intervenção na realidade. [...] A capacidade de comunicar e defender argumentos que fundamentem essas hipóteses caracteriza o sujeito histórico capaz de elaboração própria e de assumir seu papel como cidadão participativo e criativo.

Todo pesquisador deseja poder mostrar para a comunidade sua descoberta e a nova verdade que alcançou, submetendo-a à análise, crítica e avaliação. No contexto do ensino fundamental, cabe ao professor proporcionar ao aluno um momento no qual ele possa explicar suas descobertas aos colegas, ou possibilitar-lhe a exposição de cartazes e pôsteres, a participação em feiras do conhecimento, a elaboração de um jornal escolar ou, ainda, a participação em eventos inter-escolares.

A finalidade maior da comunicação é proporcionar ao aluno um momento em que ele possa expor claramente seu ponto de vista e desenvolver sua capacidade argumentativa, transformando a realidade já existente. Com a socialização dos resultados, o conhecimento é elaborado através do discurso coletivo; este não está pronto e nem pertence àquele que o descobriu, mas é transformado e re-elaborado de acordo com que o outro entendeu e exteriorizou. A comunicação proporciona ao “descobridor” a possibilidade de intervenção da realidade e, ao mesmo tempo, aos interlocutores a transformação e a construção de sua forma de pensar e compreender a sua realidade. A produção de um conhecimento constitui-se um desafio importante para a vivência, pois resulta de reflexões e discussões, e possibilita o desenvolvimento da capacidade de argumentar, participando individual e coletivamente na produção de um texto.

O currículo atual, praticado nas escolas, não é suficientemente adequado a essa metodologia e algumas precauções devem ser observadas, quanto a sua utilização, pois pouco adianta buscar dados, coletar informações ou ler, se não houver um

questionamento sobre o assunto e a reformulação desse novo conhecimento, em que cada um tem o seu papel definido. A finalidade da pesquisa não é saber o que o aluno aprendeu do conteúdo estudado, mas, basicamente, como está o processo de desenvolvimento da leitura crítica, da reflexão e de sua postura como autor.

É imprescindível, ainda, que haja um parâmetro para a avaliação, fundamentado na postura pedagógica de troca e de diálogo permanente e objetivo entre professor e aluno, para que não se perca de vista a qualidade. A participação do professor neste processo é de orientação, de questionamento e instigação, de maneira a propiciar ao aluno os recursos necessários para que ele busque sua autonomia. Assim, professor e aluno vêm-se envolvidos em compromissos produtivos, marcados pela qualidade.

Se orientado adequadamente, o aluno não aceita simplesmente o que recebeu em sala, mas procura por mais informações, argumenta e desenvolve a habilidade de buscar a reformulação dos conceitos dados pelo professor. Ele se dispõe a estudar mais e melhor, não somente para fazer prova ou sair-se bem na avaliação, mas principalmente, por querer saber mais e reconstruir seu conhecimento, preparando-se para ser um bom profissional e, conseqüentemente, um cidadão ético.

Quando o aluno persegue seus interesses e desenvolve sua capacidade de raciocínio, aprende a duvidar, a propor, a escutar os outros, a responder, a argumentar em favor de seu ponto de vista, e sustentar o que diz com a devida fundamentação, ele está aprendendo a fazer ciência e, principalmente, está construindo sua cidadania, interferindo na realidade da sociedade em que vive e trabalha, assumindo uma postura ética, política e econômica, adequadas ao momento histórico por que passa seu país.

Para garantir essa posição no aluno, é imprescindível que o professor também tenha esse “espírito” desbravador, esse caráter inovador. E, este, por sua vez, precisa de conhecimentos práticos, associados aos teóricos, para se posicionar como um

pesquisador capaz e preparado para desafios inesperados, e certamente para edificar sua própria formação acadêmico-profissional. Para ser pesquisador capaz, ele precisa balancear a prática com a teoria, renovar-se sempre, desenvolver por escrito a inovação que ele formulou e mostrar aos colegas suas experiências, ao participar de eventos para expor sua descoberta.

Nessa visão, a pesquisa não pode ser vista, segundo Demo (2002, p. 118), como “mero exercício metodológico de cunho formal”, mas como geradora de um “ambiente pedagógico da aprendizagem política adequada, metodologicamente instrumentada, mas voltada sempre para fins e valores” formativos. É fundamental, para o desenvolvimento da pesquisa, que o professor realmente se comprometa com o processo e se posicione como um orientador presente e exigente. Para o aluno, o apoio adequado é essencial, no sentido de ajudá-lo a aprender a pesquisar e de possibilitar-lhe o uso dos vários recursos imprescindíveis para a pesquisa.

Avaliar o processo do ato de pesquisar é focalizar a capacidade construtiva do aluno, tanto o processo quanto o produto, é refletir sobre a aprendizagem, com um acompanhamento permanente, durante todo o processo. O produto, resultado da pesquisa, tem um valor expressivo, para o aluno, para o professor e para a comunidade. Entretanto, é vital ressaltar a validade de todas as aprendizagens paralelas durante o processo da realização da pesquisa, tais como: aprender a fazer uma pesquisa, compreender a leitura e aumentar a capacidade de escrever e produzir textos científicos, desenvolver a capacidade de enfrentar desafios e conquistar a autonomia.

Na sociedade em transformação, as informações e os conhecimentos se dissipam rapidamente, com a elaboração de novos conceitos. A compreensão do mundo, através da linguagem, marcada por conceitos e sentidos, conduz o aluno a revelá-lo e inventá-

lo, de acordo com sua visão. A realização de pesquisas é uma estratégia que permite alcançar estas transformações, uma vez que

pesquisar é um processo de desencantamento e de encantamento simultâneos do mundo físico e social. Pesquisar é também penetrar na intimidade das camadas de leitura que vão sendo construídas pelo pesquisador através da sua interação simbólica do mundo. Os meios simbólicos não cessam de alimentar a compreensão que construímos das experiências contemporâneas, criando sempre novas possibilidades de interpretação de uma realidade em permanente mutação. (JOBIM e SOUZA, 2003, p. 81).

Na realização da pesquisa, através da leitura e da escrita, o aluno põe um olhar no mundo, e, utilizando-se do senso crítico desenvolvido durante a vida escolar, completa o discurso do outro, tece e constrói conhecimentos sobre as práticas sociais do cotidiano. Nesse processo, o aluno acaba por construir-se a si próprio como ser pensante, ligado ao mundo social pela sua expressão. Isso porque “é pela linguagem, na linguagem e com a linguagem que feixes de sentidos se constroem, dialogam, e disputam espaço, instaurando-se como signos ideológicos” (GOULART, 2003, p. 105).

Este capítulo apresentou os requisitos necessários para a realização de uma pesquisa, iniciada pelo questionamento e participação ativa do aluno em relação ao que lê. Essa posição dialógica do aluno diante do texto lhe dá oportunidade de adquirir idéias advindas dos textos lidos e das fontes pesquisadas; possibilita-lhe concordar com os textos ou discordar deles, criticá-los, discuti-los e avaliá-los, alcançando, dessa forma, sua formação como leitor crítico e autor autônomo. A descoberta proporciona ao aluno e ao professor a construção de conhecimentos, ou seja, possibilita-lhes novas formas de organizar e entender o mundo.

3. Representações da pesquisa escolar

3.1. O corpus e os instrumentos

As escolas, que forneceram os registros de dados que são objeto deste estudo, estão situadas na cidade de Maringá, localizada no Noroeste do Paraná. Na seleção, privilégio foi por escolas de grande porte, separando-as em públicas e privadas, e com uma localização diferenciada. Dessa forma, a opção foi feita por quatro escolas: uma pública e uma privada, situadas na região central da cidade, e duas outras, também divididas em pública e privada, situadas em locais mais afastados do centro e integradas a dois *campi* universitários. Evidentemente, essa seleção revela uma hipótese de que as variáveis público *versus* privado, central *versus* periférico e ligada ou não a uma Instituição de Ensino Superior são relevantes para a análise.

Dessa delimitação resultaram as siglas utilizadas no trabalho:

EPuCam = Escola Pública no *Campus*.

EPuCen = Escola Pública Central.

EPaCam = Escola Particular no *Campus*.

EPaCen = Escola Particular Central.

Os principais instrumentos utilizados na pesquisa são dois questionários escritos, dirigidos a professores e a alunos de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental das escolas pesquisadas. A escolha dessas séries se justifica pela importância de se averiguar quais as representações que os professores e alunos constroem sobre o ato de pesquisar, estes, ao realizarem a pesquisa, aqueles, ao atuarem como organizadores.

Respondido por dezessete professores de Português, dentre eles quatro da EPuCam, seis da EPuCen, quatro da EPaCam e três da EPaCen, o primeiro questionário (anexo 1) compõe-se de questões que exigem respostas escritas sobre a utilização da biblioteca escolar, os hábitos de leitura, e, principalmente, a representação do que é o

ato de pesquisar, sua utilidade, a frequência, os conteúdos tratados, a organização, os resultados, a avaliação e a socialização dos resultados.

O segundo questionário (anexo 2) busca identificar a ótica do sujeito que concretiza a ação de pesquisar, tendo sido aplicado a alunos de 5ª a 8ª séries, com a colaboração de diretores e coordenadores das escolas. Diferentemente do outro, este questionário foi elaborado com base em alternativas de múltipla escolha, para facilitar o retorno, não havendo necessidade de o aluno escrever, mas apenas ordenar as etapas referentes a como a pesquisa é realizada em sala de aula. Este método mostrou-se adequado para que não houvesse dispersão de idéias, mal entendidos e respostas em branco. Uma única questão, a segunda, exigia respostas escritas, referentes ao detalhamento das preferências de leitura do aluno. As demais questões referiram-se: às atividades de leitura e de escrita realizadas pelos alunos dentro e fora escola; ao tipo de material utilizado na pesquisa; ao encaminhamento dado pelo professor no desenvolvimento da pesquisa; às etapas seguidas pelo aluno no processo de seleção, leitura e escrita do trabalho; ao aproveitamento e à avaliação do ato de pesquisar.

Após o recebimento dos questionários das escolas, num total de 394, houve a seleção por amostragem, por repetição, resultando num total de 137: 40 questionários da EPuCam, 40 da EPuCen, 17 da EPaCam, e 40 da EPaCen. A coleta foi estabelecida por 10 questionários de cada série (5ª a 8ª), o que não foi possível na EPaCam, que não havia devolvido nenhum questionário da 8ª série e havia devolvido apenas uma resposta da 6ª série. Essa diferença de números na devolução de questionários pode revelar uma falta de interesse por parte dos alunos e dos professores da representação sobre o que significa o ato de pesquisar ou pode também caracterizar a falta de hábito de pesquisa dessa escola particular.

3.2. Os professores

O reconhecimento da importância da execução de trabalhos de pesquisa advém de experiências nesse tipo de atividade, ou seja, ninguém melhor que um pesquisador para perceber a pertinência da execução de trabalhos de pesquisa.

Para tanto, o professor precisaria ter, ainda, disponibilidade de tempo para atender ao aluno, incentivando-o a buscar por informações complementares ao conteúdo dado em sala, questionar o texto do livro didático ou os textos propostos pelo professor, ler criticamente um artigo de cunho geral ou científico e, por fim, escrever e produzir algo para ser lido efetivamente, e não cumprir um mero requisito para avaliação. Mas, o professor nem sempre dispõe de tempo suficiente para se colocar no papel de pesquisador-orientador, ainda que mostre interesse em aprender sempre mais.

Os desafios enfrentados pelos professores com relação à carga horária disponível e a sua formação de pesquisador durante a graduação e pós-graduação foram aspectos abordados pelo questionário, relatados a seguir.

3.2.1. Perfil profissional

A disponibilidade do professor em orientar e conduzir os alunos é fator determinante na realização de um trabalho de pesquisa. Por isso, foi questionado aos professores sobre a carga horária dedicada à escola, para verificar qual o tempo de que cada um deles dispõe para se envolver com leituras fora do contexto escolar, para relatar suas experiências em artigos e para se empenhar em pesquisas que extrapolem seus afazeres como professor.

De acordo com as respostas obtidas, 41% dos professores responderam que trabalham intensamente, entre 36 a 40 horas/aula semanais, sendo 17,6% deles da EPuCam, 11,7% deles da EPuCen e os outros 11,7% dos professores da EPaCen. Os

58,8% restantes possuem carga horária entre 10 h/a e 32 h/a semanais. Somente 5,8% dos professores pesquisados não responderam à pergunta.

A partir dos dados, duas situações ficaram caracterizadas: a primeira, a de que um grande percentual de professores trabalha a carga máxima semanal em uma única escola, com tempo disponível para concretizar projetos de pesquisa em sala de aula, mas sem tempo extra para se dedicar aos estudos, devido ao número de alunos provenientes de diferentes turmas sob sua responsabilidade. A segunda, a de que alguns professores têm poucas turmas e a carga horária baixa, o que não lhes permite uma interação com turmas de outras séries ou com os outros professores da disciplina que lecionam. Sobram tempo para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, para fazer uma pós-graduação.

3.2.1.1. Experiência em pesquisa na graduação e na pós-graduação

Visto que a maneira como o professor conduz a aula está relacionada à formação adquirida na graduação, foi perguntado a eles se, depois de concluída a graduação, haviam desenvolvido algum tipo de projeto de pesquisa, com apresentação de monografia. A maioria, 64,7% dos professores, terminou o curso na década de 90, 23,5% deles na década de 80, e apenas 11,7% deles obtiveram o diploma de graduação na segunda metade da década de 70 (todos da EPuCen).

Esse dado é importante, porque a década passada foi marcada pela mudança no conceito de ensinar e pesquisar. As universidades ampliaram as vagas de Iniciação Científica para graduandos e proporcionaram reflexões dirigidas ao texto científico. Esse programa de incentivo à pesquisa teve como objetivo formar e redefinir a postura do aluno e do professor em sala de aula, envolvendo a ambos e possibilitando-lhes

construir o conhecimento, através da busca por respostas às dúvidas ou da descoberta do novo.

Assim, a maioria dos professores entrevistados informou ter participado de um projeto de pesquisa e apresentado sua monografia. Somente dois professores, que se formaram na década de 70 responderam não haver participado de nenhum projeto de pesquisa. Conforme os dados, os trabalhos desenvolvidos, de modo geral, estavam relacionados a experiências pertinentes à sala de aula, especialmente à leitura e à escrita. Um professor da EPUcEn citou “*Leitura: decodificação ou compreensão?*”. Outros temas estavam relacionados a avaliação, a regência verbal, com o título “*A ocorrência da regência verbal na linguagem oral*” citado por um professor da EPUcEn, a evolução da lingüística, o desinteresse dos alunos pelas aulas, a alfabetização de adultos, a poesia, os erros ortográficos nas redações do Ensino Fundamental e Médio.

É, entretanto, ao concretizar uma pesquisa realizada na conclusão da graduação ou na pós-graduação, seja ela especialização, mestrado ou doutorado, que o professor se coloca na função de pesquisador e se insere efetivamente na prática da pesquisa. E é durante a concretização da pesquisa, ou melhor, na produção do relatório com os resultados do trabalho, que o pesquisador iniciante aprende a se posicionar, adquire um entendimento do que vem a ser uma pesquisa e de suas etapas, e dá início a uma fase inovadora, marcada pela reflexão e pela leitura crítica. Em se tratando de um professor, essa percepção pode produzir tanto a valorização da atividade de pesquisar para sua vida quanto, e principalmente, um modo de orientá-la em sala de aula.

As respostas dos professores mostram que todos fizeram uma pós-graduação, o que demonstra seu interesse em se aperfeiçoar e buscar novas formas de conhecimento. Houve, entretanto, muita omissão nas respostas sobre o assunto da pesquisa desenvolvida, sendo poucos os professores que citaram os títulos da monografia,

embora tenham apresentado temas gerais, todos eles relacionados ao cotidiano escolar, tais como: “*O stress das crianças*”; “*O problema de leitura na 8ª série*”; “*A análise literária*”; “*O uso da informática na escola pública*”; “*Leitura e produção de textos*”; e “*A análise de texto*”.

3.2.1.2. Projeto escolar

A percepção da relevância da pesquisa escolar evidencia-se no fazer do professor ao pôr em ação um projeto de pesquisa, que pode ser desenvolvido em equipes ou individualmente, o professor facilita o encontro do aluno com o livro e com outros materiais de leitura, proporcionando-lhe o exercício da reflexão, a aquisição do saber, o gerenciamento de emoções e problemas, para que ele consiga, enfim, alcançar o equilíbrio social e desenvolver o senso crítico.

A maioria dos professores pesquisados revelou perceber essa importância. Tanto é assim que, do total de professores questionados, apenas 11,7% deles responderam que não desenvolveram ou não estão desenvolvendo projetos na sua escola. Houve também 5,8% dos professores da EpuCen que não responderam à pergunta. Os demais professores, no total de 82,3%, responderam que desenvolvem projetos sobre diversos assuntos: 47% dos professores enfocam a leitura, sendo que o primeiro aborda o tema “*Biblioteca na sala de aula*”; outros 17,6% direcionam o enfoque para a leitura exclusiva de livros literários, explorando os contos de fadas com o tema “*Despertando o gosto pela leitura através dos contos de fada*”, o desenvolvimento de “*Projeto de contos*” e “*Poetas na escola*”; 11,7% deles visam à leitura e à produção escrita, com “*Oficinas de leitura e escrita*” e a montagem de um jornal; 5,8% deles trabalham a leitura relacionando-a à criatividade; e 11,7% deles exploram especificamente a leitura e citam a manutenção do “*Clube do leitor*”. Outros 29,4% dos professores conduzem o

tema para diferentes aspectos da Educação: 5,8% deles enfocam a indisciplina em sala, outros 5,8% direcionam o trabalho para a educação de adultos, 5,8% deles abordam os fundamentos da educação, 5,8% afirmam ter desenvolvido o projeto do governo Vale Saber, sem especificar o assunto tratado, e os últimos 5,8% estão relacionados com a solidariedade com o tema “*Trabalhando a solidariedade*”. Os 11,7% restantes desenvolvem pesquisas sobre meio ambiente, enfocando especificamente a reciclagem e o poder do lixo.

Como se vê, os professores demonstraram interesse em desenvolver projetos de pesquisa em sala de aula, visando à interação dos alunos, o desenvolvimento da capacidade de compreensão através da leitura e a aquisição de conhecimentos. Conforme os professores, esses projetos são concluídos pela sua própria disposição e a de seus alunos em buscar informações nas diversas leituras realizadas dentro e fora do cotidiano escolar.

3.2.2. Recursos e procedimentos pertinentes na formação de leitores

Na escola, o professor pode valorizar a leitura e promover a conscientização de sua relevância, proporcionando uma troca contínua de idéias e informações, facilitando a sociabilização e a troca de experiências e vivências do aluno. Para facilitar esse processo, é importante o acesso de professores e alunos a uma biblioteca atualizada no ambiente escolar.

É bom salientar também que leituras extracurriculares, que incluem todos os tipos de impressos, são salutareis e auxiliam na formação de conhecimentos gerais. Ao buscar diferentes fontes para preparar uma aula, o professor tem chances de se tornar um excelente leitor, influenciando, conseqüentemente, os hábitos de leitura de seus alunos.

A utilização da biblioteca apresenta-se como uma das possibilidades de o aluno adquirir o hábito de ler, desde que tenha participação ativa, conte com a orientação do professor e lhe seja facultado o acesso a uma biblioteca atualizada.

3.2.2.1. A biblioteca

A escola pode desenvolver no aluno o hábito de ir à biblioteca para ler, manusear, emprestar e interagir com os livros e outros materiais, para a procura de novas fontes de pesquisa, na busca de conhecimentos. Para tanto, a biblioteca escolar precisa apresentar-se atualizada e bem equipada. Entretanto, de acordo com a visão apresentada dos professores, algumas delas necessitam uma melhora na qualidade e na quantidade de livros e equipamentos.

De acordo com as respostas ao questionamento sobre a biblioteca de suas escolas, todos os professores da EPuCam consideraram que ela é atualizada e funciona bem nos três períodos, “*com livre acesso aos alunos para pesquisa e empréstimos*”.

A biblioteca da EPaCam foi igualmente avaliada como atualizada pelos professores, embora tenha sido apontada a falta de “*livros literárias para o ensino fundamental*” e a dificuldade do acesso físico aos alunos.

Os professores da EPuCen apresentaram opiniões divergentes sobre a biblioteca de sua escola: 16,6% deles responderam que ela é “*bem montada, na medida do possível, atualizada*”, e que funciona bem; outros 16,6% argumentaram que ela funciona razoavelmente bem, porém não é atualizada, outros 16,6% dizem que não é atualizada; e os 50% restantes só mencionam que ela é atualizada.

Os professores da EPaCen divergem entre si: 75% deles compreenderam ser a biblioteca acessível aos alunos e atualizada, pois há “*uma pessoa especializada para cuidar dela*”, enquanto 25% deles não concorda e a considerou desatualizada.

As respostas apresentadas pelos professores revelam que eles consideram as bibliotecas escolares acessíveis aos alunos, embora lhes falte estrutura física, quantidade e qualidade de livros oferecidos. A dificuldade de acesso, mencionada por professores da EPaCam, é um dado relevante podendo demonstrar a falta de interesse que a Instituição de Ensino Superior a que a escola se liga em mobilizar professores quanto à importância do hábito de ler para a formação do leitor. O mesmo se aplica à pequena quantidade e à pouca qualidade de obras denunciadas pelos professores.

3.2.2.2. Atividades na biblioteca escolar

Na EPuCam, todos os professores responderam que vão à biblioteca com seus alunos, auxiliando-os nas pesquisas, realizando “*atividades de leitura individual e em grupo*” e empréstimos. Um professor da EPuCam mencionou ir à biblioteca para “*fazer leitura com eles, ensinar a fazer resumo, a pesquisar, a usar os livros e devolve-los onde tirou*”. A metade dos professores da EpuCen respondeu que não vai à biblioteca com seus alunos, e que indica “*a bibliografia para que eles procurem em qualquer biblioteca da cidade*”; a outra metade informou que vão à biblioteca “*para aula de leitura*”, mas somente 25% deles citaram especificamente a atividade de pesquisa. Dos professores da EPaCam, 25% deles vão à biblioteca para a atividade de “*leitura livre e comentários de livros*”; outros 25% afirmaram que não vão sempre, mas levam os alunos à sala de leitura; os outros 50% não desenvolvem quaisquer atividades, pois há “*dificuldade de acesso físico*”. Todos os professores da EPaCen responderam que não vão à biblioteca com seus alunos.

Conclui-se que, com exceção dos professores da EPuCam, onde os professores afirmaram proporcionar orientação aos alunos, a maioria dos professores questionados não vê relevância em acompanhar seus alunos em atividades na biblioteca. Muitos deles

apenas indicaram as referências e fontes, através das quais os alunos podem ir em busca de diferentes informações para a realização da pesquisa. E ainda, segundo alguns professores, a biblioteca é utilizada apenas como sala de leitura e para comentário de obras paradigmáticas indicadas durante o ano letivo.

Por serem escolas ligadas a Instituições de Ensino Superior, é perceptível uma disparidade entre a EpuCam e a EpaCam: na primeira, os professores relataram proporcionar a realização de atividades na biblioteca, valorizando esse espaço de valor cultural, enquanto os professores da segunda evidenciaram a pouca utilização da mesma, devido à falta de material disponível e à dificuldade do acesso aos alunos. Nota-se também uma diferença entre ambas em relação à indicação de bibliografia e acompanhamento do aluno à biblioteca para ler, na EpuCam, em comparação com o desinteresse em desenvolver atividades nesse local, demonstrado pelos professores da EpaCam.

A biblioteca parece ser raramente freqüentada por professores e alunos para a concretização de um trabalho de pesquisa. Este fato provavelmente acontece devido às condições precárias referentes ao espaço físico e a pouca diversificação de materiais de leitura disponíveis. Do total de professores, apenas 29,4% mencionam a ida à biblioteca para a prática da pesquisa, sendo 5,8% deles da EpuCen e 23,5% deles da EpuCam. Vale ressaltar que 5,8% dos professores da EpuCam disseram que acompanham e auxiliam os alunos, relatando, especificamente, a orientação na redação de resumos para a facção da pesquisa e o auxílio na utilização e empréstimos de livros da biblioteca.

Ainda que alguns professores acreditem ser incentivadores dos alunos, por proporcionar a leitura tanto em sala de aula, como em espaços criados para a leitura, como o clube do leitor ou em casa, mesmo nesses casos, há um total direcionamento para a leitura de livros literários e a conseqüente falta de diversificação de outros tipos

de leitura, tais como jornais, revistas e impressos do cotidiano, que poderiam ser úteis na realização da pesquisa, na formação de leitores e na construção de novos conhecimentos.

3.2.2.3. A leitura docente

Embora haja uma crença geral de que as pessoas não lêem, incluindo nesse grupo os professores, as respostas indicaram que um significativo percentual de professores se consideram bons leitores, principalmente de livros relacionados a sua área de atuação. Um professor da EpuCen enfatizou essa qualidade, respondendo ler “*tudo que posso*” e citou títulos de livros como: *Verônica decide morrer* de Paulo Coelho, *Inveja* de Zuenir Ventura, e contos de Machado de Assis.

Contagiados pelo clima de pesquisa reinante na universidade pública, a maioria dos professores da EpuCam busca leituras teóricas sobre seu campo de atuação. Assim, de acordo com as respostas (cf. tabela 1, em anexo), 25% dos professores da EpuCam preferem ler sobre cooperativismo, educação e ensino; 50% deles lêem assuntos referentes a educação e ensino; e os 25% restantes dedicam-se, especificamente, a livros de teoria da literatura. Entre os professores da EpuCen, verifica-se uma diversidade maior ainda, pois 50% deles lêem livros de entretenimento; somente 16,6% deles têm preferência por títulos de educação e ensino; outros 16,6% deles citaram a leitura de revistas diversas; e os 16,6% restantes não responderam a essa questão. A leitura realizada por professores da EpuCam pode ser considerada bem diversificada, pois 100% deles mencionaram títulos de livros sobre educação e ensino, mas também incluíram títulos de obras de literatura brasileira e entretenimento, e 25% deles citaram ainda a leitura de duas revistas semanais. Por fim, os livros lidos por 50% dos professores da EpuCen referem-se à educação e ensino, e 25% deles também citaram

livros de entretenimento, os 25% restantes não responderam a pergunta, o que pode ser interpretado como uma resposta negativa.

Como a maioria dos professores lê livros sobre educação e ensino, nos quais eles podem encontrar uma variedade de informações relacionadas a seu cotidiano profissional, eles parecem se mostrar leitores preocupados com o ensino e, particularmente, com o tipo de aula que ministram.

Muitos deles procuram diversificar as fontes de leitura, optando também pela leitura de revistas nacionais. Um professor da EPuCen respondeu: “*sempre leio temas diversos em revistas como: Veja e Super Interessante*” e um outro da EPaCam respondeu “*leio sempre, desde revistas (Veja, Super Interessante)*” e citou os seguintes títulos de livros: *Eles não são anjos como eu, Aprendendo a aprender*. A revista citada *Veja* possui qualidade informativa, a outra revista *Super Interessante* é dirigida ao público jovem, de fácil compreensão e utilizada para pesquisas escolares.

Entretanto, é grande a procura por livros de lazer e de auto-ajuda, tentativas de amenizar um cotidiano difícil e pouco reconhecido. Lêem-se, igualmente, alguns livros dirigidos a área de atuação do professor, o que demonstra interesse em aperfeiçoar-se, poucas revistas de qualidade informativa e nenhuma citação de jornais, o que aponta para desinformação e desinteresse frente aos acontecimentos que afetam o país e o mundo.

3.2.2.4. A leitura discente

Os professores acreditam que os alunos lêem com relativa frequência. Há, de acordo com as respostas dos professores da EPuCam, a adoção de quatro livros de leitura complementar durante o ano letivo, adquiridos em duas feiras anuais ou emprestados, semanalmente, junto à biblioteca da escola. Os professores da EPuCen

responderam que os alunos lêem um livro por bimestre, de acordo com uma lista pré-determinada. Os professores da EPaCam e da EPaCen enfatizam que os alunos lêem oito livros no ano, divididos em leitura obrigatória e livre.

Dessa forma, de maneira geral, os alunos estão habituados a ler de quatro a oito livros ao ano, o que parece satisfazer os professores. Mesmo quando se afirma que a escolha é livre, há uma lista prévia, determinada pelo professor ou que vem, mais freqüentemente, sugerida por uma editora, como respondeu um professor da EPuCam se referindo aos alunos que *“são livres para escolher títulos pelos catálogos”*. Outro da EpuCen afirmou: *“não costumo determinar números. Incentivo-os a lerem sempre. A escolha do título é livre de acordo com a lista para a série”*. O mesmo procedimento é confirmado por outro professor da mesma escola, respondendo que *“não há número determinado de livros e a escolha é feita pelo aluno, dentro de uma lista selecionada pela professora”*. Um outro da EPaCam deixou bem nítida a situação imposta ao relatar que os alunos lêem *“dois livros por bimestre, um escolhido por mim, outro vem com a apostila”*. Com essa lista apresentada, pode haver, como consequência, poucas opções para o aluno, que fica ligado a especificações de série, idade ou gênero. Há, semanalmente, sessões de leitura consideradas livres ou ‘por prazer’. Essa atividade escolar é proposta com o objetivo de criar o hábito de leitura no aluno.

A leitura realizada nas escolas parece ter uma freqüência regular, mesmo que ofertada em quantidade relativamente baixa durante o ano (quatro na EPuCam e na EpuCen, oito na EPaCam e da EPaCen). Esses números indicam que os alunos das escolas particulares lêem com maior freqüência do que os alunos das escolas públicas. Os professores julgam-se formadores de leitores, uma vez que procuram incentivar os alunos e os mobilizam a escolherem outros livros, além dos obrigatórios, por meio de trocas entre os colegas ou empréstimo na biblioteca.

3.2.2.5. Idealizações de estratégias de leitura

A questão tratada neste tópico se refere ao trabalho preliminar que os professores propõem, a ser desenvolvido antes da leitura do livro, para despertar no aluno o interesse pelo livro que está sendo proposto ou a ser escolhido, como sugere um professor da EPUcEn que *“além ressaltar a importância da leitura, desenvolvo comentários sobre os temas para facilitar a escolha”*.

Quando questionados sobre o trabalho preliminar do livro de leitura desenvolvido em sala de aula, 23,5% dos professores responderam que utilizam técnicas de pré-leitura para motivar o envolvimento do aluno, como a leitura do entorno da obra: o tema, o autor, a capa. Exemplo disso é o depoimento de um professor da EPaCam que escreveu que trabalha *“informações acerca do tema, do autor, da riqueza vocabular existente e diferenciada”*.

29,4% dos professores afirmaram fazer a mobilização para assuntos atuais e a problematização do tema da obra, tecer alguns comentários e fazer sugestões, para facilitar a escolha em uma lista pré-determinada. Outros 29,4% deles ressaltaram a importância da leitura e informaram que incentivam os alunos a ler. Entretanto, 5,8% deles afirmaram enfatizar a necessidade de ler somente no início do ano letivo. Outros 5,8% afirmaram fazer uma análise crítica do livro.

Criar maneiras de incentivar o aluno a ler é um desafio que alguns professores acreditam realizar a contento, pois, de acordo com o depoimento de um professor da EPuCam, *“o incentivo é feito no dia-a-dia do aluno”*, através de uma orientação na escolha dos títulos e comentários a respeito das obras.

Os professores parecem dispostos a trabalhar outras formas para chamar a atenção do aluno e envolvê-lo com a leitura, pois propõem atividades lúdicas, como filmes e jogos, de acordo com depoimento de um professor da EPaCam, ou, ainda,

atividades direcionadas à compreensão e produção escrita, como a resenha. Com essas atividades diferenciadas, o professor espera proporcionar ao aluno meios de adquirir o hábito de ler ou “*despertar o gosto pelo livro*”, conforme resposta de um professor da EPaCen.

3.2.3. As representações sobre a pesquisa

Depois de averiguar como os professores caracterizam a biblioteca e atividades lá realizadas, como se vêem como leitores e o acesso a materiais de leitura que estão envolvidos, como qualificam a qualidade e freqüência da leitura dos alunos, pretende-se, a seguir, com base em seus depoimentos, buscar entender como eles idealizam o ato de pesquisar na sala de aula, tratando, primeiramente, da freqüência com que ela acontece, dos conteúdos abordados, de sua organização, do modo de apresentação, da avaliação realizada, dos resultados obtidos e, por fim, dos benefícios que ela oferece.

Essa atividade é realizada, segundo os professores, cerca de uma a duas vezes no bimestre, sendo que 41,1% deles afirmaram que utilizam a pesquisa para iniciar ou finalizar a matéria estudada nas unidades do livro didático e quando julgam necessário buscar complementação de informações ou fixar conteúdos. Essa atitude é confirmada pela resposta de um professor da EPaCen que disse pedir essa atividade “*sempre que se faz necessário, principalmente como forma de fixar algo trabalhado em sala*”.

Segundo a concepção de um professor da EPaCam sobre a atividade, ele procura “*relacionar as atividades com o dia-a-dia*”, de forma que a pesquisa é freqüente na sala de aula. Esse relato apresenta-se como uma demonstração de percepção da relevância da pesquisa em sala de aula e de como ela pode facilitar a interação do aluno com o meio em que vive. Dois outros professores da EPuCam mencionaram a fato de realizarem a pesquisa juntamente com os alunos de forma a orientá-los, indicando bibliografia e

endereços da internet, com sua finalização em casa, como tarefa dirigida. A estratégia utilizada orienta os caminhos a serem seguidos pelo aluno para a concretização da pesquisa.

Um professor da EPuCen ressaltou que não requisita o trabalho de pesquisa como tarefa de casa, por considerar que “*eles não têm condições de vir à biblioteca no período contrário*”. Outro professor dessa escola acredita que realiza atividades de pesquisa com frequência, explicando que “*o livro didático traz muitos exercícios de pesquisa*”.

Ainda que a pesquisa não seja uma atividade presente no cotidiano de todas as escolas, alguns professores acreditam que, através dela, os alunos têm a possibilidade de fixar os conteúdos vistos em sala de aula.

3.2.3.1. Conteúdos

Os temas de pesquisas, requisitados pelos professores de português (cf. tabela 2, em anexo), de modo geral, têm ligação com o que o aluno estuda em sala de aula. Eles podem ser classificados, conforme a temática, em: problemas sociais (seqüestro, miséria, guerra, menores de rua), interesses juvenis (ídolos do cinema, amizade), curiosidades (fusos horários), saúde (pirâmides alimentar), e símbolos nacionais.

De modo geral, o conteúdo das pesquisas realizadas nas escolas é escolhido pelo professor, que busca propor temas referentes ao conteúdo estudado em sala de aula, requisitado na unidade do livro didático ou relacionado a uma obra literária. Um total de 48% dos professores prefere temas relacionados a assuntos sociais e gerais e algumas curiosidades atuais que envolvam conteúdos interdisciplinares com ciências, geografia e história, e não especificamente apenas os conteúdos de português.

A escolha desses temas pode sugerir a preocupação dos professores, por um lado, em relação à formação social do aluno como cidadão, colocando-o no estudo de uma situação real do mundo em que vive, e, por outro lado, despertando nele a curiosidade de saber mais e de procurar outros materiais de leitura através de assuntos de seu interesse, diretamente ligados a sua vida cotidiana.

Para 23,5% dos professores, outro tema proposto é o estudo do conteúdo gramatical, como um reforço ao que está sendo trabalhado em sala. Eles buscam aprofundar os temas que enfatizem a linguagem, os idiomas, os dialetos e as variações lingüísticas. Outros 11,7% especificam pesquisas sobre gêneros textuais: informativos, jornalísticos, crônicas, poemas e fábulas. Os 17,6% restantes se voltam, especificamente, para o estudo dos livros paradidáticos, em que focalizam a biografia de autores e poetas, a escola literária, o vocabulário, o comportamento, o estilo de vida e a história da época em que cada obra foi escrita.

A opção por temas relacionados à matéria dada em sala de aula denota uma percepção, por parte do professor, sobre a importância em aperfeiçoar as estruturas básicas da língua no contexto nacional, propiciar o contato e o reconhecimento dos diversos gêneros textuais, bem como estabelecer uma relação entre a linguagem e a história, integrando a vida e a obra dos autores estudados com o momento histórico vivido.

3.2.3.2. Organização

Os dados coletados permitem visualizar como o professor idealiza a realização de um trabalho de pesquisa e acredita ser a melhor forma de encaminhá-la em sala de aula. Ao serem questionados sobre como a pesquisa é organizada, 82,4% dos

professores, ou seja, a maioria deles entendeu que essa organização estava relacionada à elaboração do trabalho propriamente dito.

Os professores responderam que utilizam um roteiro de apoio para que os alunos possam acompanhar as etapas da pesquisa. Um professor da EPuCam referiu-se a “*um planejamento das questões [...] que é feito a princípio pelo professor*”, em seguida, informou que questiona “*os alunos para saber o que precisam saber melhor sobre o assunto listado no planejamento*”. Um professor da EPaCam afirmou que o “*aluno é orientado a organizar os itens*”, através de busca, seleção e conclusão sobre os temas. Um outro, também da EPaCam, ressaltou que, ao realizarem o trabalho em grupos na sala de aula, os alunos utilizam o roteiro, mas ficam sob sua orientação constante. O professor julga que, desse modo, há a orientação do conteúdo a ser pesquisado e o fornecimento de alguns pré-requisitos básicos para o desenvolvimento da parte formal da pesquisa, como sumário, introdução, desenvolvimento e conclusão.

Outro passo importante indicado pelos professores é a revisão bibliográfica, com a sugestão de fontes que poderiam compor a parte teórica do trabalho. Um professor da EPaCen revelou que “*cada aluno fica responsável por trazer para sala de aula o que conseguiu*”, e outro, da EPaCam, relatou que divide o assunto entre os alunos. Esse passo parece demonstrar o interesse, por parte dos professores, em iniciar o aluno no pensamento científico, procurando sempre estabelecer a relação e a importância do conteúdo elaborado através de uma bibliografia diversificada e a forma de apresentação do texto científico.

Em 1.4, foi enfatizada a importância da orientação dada pelo professor para direcionar o aluno no mundo da escrita, através da oportunidade de leituras diversificadas. O relato de alguns professores demonstra que eles se mostram atentos quanto a essa relevância e procuram dar orientação aos alunos.

O roteiro pode ser visto como um auxílio aos iniciantes no processo da pesquisa e, de acordo com as respostas, os professores demonstram que o utilizam para direcionar o seu andamento; contudo, esse não deve ser o único caminho a ser seguido.

A incumbência de buscar por fontes variadas de leitura, além das indicadas pelo professor, fica por conta do aluno. Por sua vez, o professor acredita ser apropriada a realização de trabalhos em grupos, com a divisão de tarefas, para que essa procura pelo material se estabeleça gradativamente, com uma posterior discussão entre eles sobre o material selecionado. Esse fato é relatado por 17,6% dos professores da EPuCen, que entenderam a “organização” constante na pergunta como a disposição dos alunos para a efetivação da pesquisa, em grupos ou individualmente.

3.2.3.3. Socialização

Visto que a concretização de uma pesquisa acontece quando seus resultados se tornam conhecidos por membros da comunidade na qual a pesquisa se originou, verifica-se nesse tópico como o professor especifica o seu modo de avaliar o produto resultante da pesquisa, seja ele oral ou escrito.

Alguns encaminhamentos foram apontados pelos professores da amostra de como eles julgam socializar a pesquisa após o seu desenvolvimento. Desse modo, quando questionados sobre o que acontece com o material pesquisado ou o texto produzido, 52,9 % dos professores responderam que procuram realizar uma apresentação oral do trabalho dos alunos à turma. Um professor da EPuCen afirmou que a atividade serve “*como complementação de informações ou como curiosidade*”.

Uma outra maneira de socializar os resultados do trabalho, utilizada por 41,1 % dos professores, é fazer a exposição com cartazes afixados em murais “*para que outros alunos tomem conhecimento*” do que foi descoberto, de acordo com o depoimento de

um professor da EPuCen, e aproveitem coletivamente para “*análise e discussão*” dos resultados, conforme um professor da EPaCam.

Os professores procuram outros encaminhamentos: 17,6 % deles afirmaram que o material é visto, avaliado, devolvido para o aluno, e, algumas vezes, “*é arquivado em pastas que o aluno usa para estudar*” posteriormente, segundo um professor da EPuCen. Apenas um professor da EPuCam afirmou que procura orientar na redação de “*um texto coletivo para o registro das principais questões apresentadas*”. Um outro professor da EPaCam declarou que recolhe o material, faz as observações necessárias e trabalha a refacção quando necessário. Um único professor da EPaCen se referiu a uma possível publicação do trabalho em livro.

A pesquisa parece não ser, de acordo com as concepções que os professores apresentaram, apenas motivo de complementar os conteúdos vistos em sala, mas também, uma atividade de interação da turma, através de exposição de cartazes, o que possibilita aos demais alunos entrar em contato com os resultados de pesquisa do outro. Há alguns professores que a utilizam como uma avaliação da produção escrita, fato que não diminui a intenção que se teve ao pesquisar.

É preciso ressaltar que a divulgação, a que se referiram os professores, através da refacção do texto ou da publicação da produção escrita final, demonstra que eles parecem buscar, de alguma maneira, valorizar o trabalho dos alunos, seja refazendo-o, para propiciar o aperfeiçoamento da escrita pelo aluno, seja editando um livro, para possibilitar sua leitura por outros indivíduos fora da escola.

3.2.3.4. Avaliação

Após conhecer como é feita a divulgação dos resultados obtidos com a realização da pesquisa, resta descobrir quais os aspectos da pesquisa que são levados em consideração pelo professor para uma avaliação.

Quando questionados sobre os aspectos de avaliação de um trabalho de pesquisa, diversos requisitos foram mencionados: 47 % dos professores verificam se o aluno conseguiu pesquisar de acordo com o que foi pedido, mantendo fidelidade ao tema proposto. Um professor da EPuCen afirmou conferir “*se a pesquisa está de acordo com o assunto sugerido e as fontes pesquisadas*”. Outro professor da EPaCam respondeu que checa “*se o aluno pesquisou em várias fontes e levantou os dados principais*”.

Um segundo requisito, apontado por 35,2 % dos professores, refere-se à capacidade de interpretação dos dados encontrados e à reflexão crítica sobre o tema, que demonstra o entendimento do assunto pesquisado, possibilita ao aluno chegar a conclusões esclarecedoras e escrever o texto com suas próprias palavras. De acordo com os dados apresentados pelos professores, e como visto em 1.2., sobre a finalidade de pesquisar, entende-se que a pesquisa não pode ser realizada apenas para mostrar que o aluno leu certos autores ou que compreendeu a teoria em questão, mas ela visa reformular as idéias obtidas de forma a enriquecê-las através do questionamento. De certa forma, parece ser esse o comportamento adotado por 35,2% dos professores que, ao valorizar a capacidade de reflexão do aluno para analisar o tema em estudo, possibilitam ao aluno elaborar textos escritos de forma autônoma.

Um terceiro requisito, indicado por 29,4 % dos professores, assinala a importância do envolvimento, do empenho e do interesse do aluno em pesquisar. Um professor da EPuCam afirmou que realiza “*uma auto-avaliação para saber como fizeram sua parte fora da sala de aula*”.

A seqüência das idéias, a ordem estabelecida e a organização formal do trabalho como um todo foram apontadas como requisitos importantes por 23,5 % dos professores; 17,6 dos professores informaram valorizar a clareza apresentada na produção escrita. Ao escrever, o aluno ratifica seu aprendizado, mas também mostra o conteúdo resultante da pesquisa e os conhecimentos adquiridos, que poderão ser incorporados a sua experiência de vida. Dessa forma, alguns professores demonstraram perceber os indícios básicos para a produção escrita.

Um outro requisito, citado por 5,8% dos professores, foi o espírito de equipe e a interação entre os grupos, com a valorização da posição ocupada por cada aluno ao realizar um trabalho de pesquisa. E, por fim, 5,8% deles avaliam a participação dos alunos nas apresentações orais para os colegas, em sala de aula.

A avaliação, além de cumprir uma etapa necessária e exigida pela escola, objetiva, principalmente, analisar se o que foi descoberto na pesquisa é aproveitado pelo aluno para a elaboração de novos conhecimentos, mostrados pelos avanços alcançados, ou mesmo para a fixação de conteúdos. Os professores parecem perceber a etapas que envolvem a realização de uma pesquisa, uma vez que procuraram recorrer a maneiras diferenciadas para avaliar os alunos, durante e depois da realização do processo.

Boa porcentagem deles mostrou-se preocupada com a focalização dos alunos em relação ao tema, passo fundamental no desenvolvimento de uma pesquisa. Outros professores procedem, em seguida, a uma averiguação da capacidade que os alunos apresentam para interpretar e analisar os dados recolhidos.

Outra questão que os professores procuram focalizar em suas avaliações é o texto escrito, valorizando a seqüência das idéias, que devem ser apresentadas com clareza e a ordem estabelecida no trabalho, que deve ser levada em conta para sua organização formal.

Por fim, mas não menos importante, fica destacada a valorização que os professores julgam dar ao envolvimento dos alunos durante o processo de pesquisa, visto através da interação entre os membros das equipes e da participação nas apresentações e discussões propostas.

Todas essas formas de avaliar evidenciam que os professores constroem as representações básicas do significado e importância da pesquisa na vida de todos e procuram utilizá-las em sala de aula.

3.2.3.5. Resultados

Quando questionados sobre os principais resultados da realização de uma pesquisa para o aluno que a realizou ou para toda a turma, os professores afirmaram acreditar que a pesquisa é muito mais que uma simples avaliação.

Na opinião de 35,2 % dos professores, o ato de pesquisar é válido pela descoberta do novo, pois, na apreciação de um professor da EPaCam, *“além de estimular a autonomia, o aluno descobre que através da pesquisa pode-se conhecer algo novo e, até mesmo, comprovar o assunto em questão”*. Esse é o ideal que se busca, isto é, que o aluno comece a se organizar sozinho, com autonomia e a assumir uma posição crítica sobre o que pesquisar.

Para 29,5% dos professores, a pesquisa amplia os conhecimentos, por meio do envolvimento do aluno na atividade de pesquisa e na comunicação de sua descoberta, nas trocas de resultados, nos comentários e nas apresentações orais para a turma. Entretanto, 11,7% deles, mesmo constatando a relevância do ato de pesquisar, reclamaram das cópias feitas, que comprometem o aproveitamento dos resultados da pesquisa pelo aluno.

A pesquisa apresenta-se como uma das respostas na busca pela melhoria da qualidade do ensino e da adequação da escola ao mundo do aluno, pois propicia o desenvolvimento de conteúdos de seu contexto sócio-histórico. Isso porque ela é mais um instrumento pedagógico destinado a melhorar a qualidade da aprendizagem de conteúdos escolares, tornando a sala de aula um espaço dinâmico que aproxima o saber implícito do aluno ao conhecimento a ser construído, buscando formar indivíduos que pensem e reflitam sobre o seu próprio futuro. Os professores, através de suas respostas, julgam estar realizando essa atividade de modo a facilitar a aprendizagem dos conteúdos e imprimir qualidade ao ensino.

Conforme discutido em 1.3, a pesquisa é mais do que uma simples ferramenta pedagógica na formação do conhecimento crítico e criativo, pois parte do questionamento do aluno sobre o que está lendo e implica uma decisão sobre o que é importante para a elaboração de seu trabalho, o que acaba por contribuir para a formação da personalidade.

O professor, seja durante sua formação universitária, em uma pós-graduação ou na atuação profissional, mostra-se interessado no processo de pesquisar. Como demonstração de sua conscientização sobre seu papel como pesquisador, ele procura manifestar seu interesse e valorização nessa atividade para si mesmo e tenta buscar formas de orientá-la em sala de aula. Tanto alunos quanto professores beneficiam-se com o envolvimento na pesquisa, uma vez que, ao desenvolver um projeto dessa natureza, o professor proporciona ao aluno seu acesso ao livro e a outros materiais de leitura, o que leva o aluno ao exercício da reflexão e à aquisição do saber. As respostas dos professores revelaram certo discernimento deles sobre a importância atribuída à pesquisa na formação sócio-educacional, possibilitando o desenvolvimento do senso crítico do aluno.

O envolvimento em projetos de pesquisa implica leitura de diferentes fontes, que certamente serão utilizadas na preparação das atividades de sala de aula. Portanto, a leitura do professor influenciará, decisivamente, nos hábitos de leitura dos alunos. Conforme os dados, o professor e a escola pretendem promover a conscientização e a valorização da leitura, pois eles responderam que procuram incluir no currículo, além do conteúdo programado, atividades de leitura livre e leitura de obras literárias e paradidáticas.

Para facilitar esse processo, é imprescindível, no ambiente escolar, a existência de uma biblioteca atualizada, como já dito anteriormente, com vários tipos de impressos, com possibilidade de livre acesso de professores e alunos, proporcionando uma troca contínua de idéias e informações e auxiliando na formação de conhecimentos gerais.

Entretanto, a situação apresentada é problemática, uma vez que grande parte dos professores questionados não acompanha seus alunos em atividades na biblioteca, mas apenas indica as referências e fontes para que os alunos busquem as informações para a realização da pesquisa. A biblioteca, raramente freqüentada por professores e alunos, é utilizada mais como sala de leitura para estudo de obras indicadas do que para leituras complementares ou para a realização de trabalhos de pesquisa. Este fato ocorre, segundo as respostas dos professores, devido às condições precárias referentes ao espaço físico e ao atendente da biblioteca e, principalmente, devido à pouca diversificação de materiais de leitura dirigidos à faixa etária dos alunos.

Apesar das condições desfavoráveis existentes nas bibliotecas escolares, os professores consideram o aluno como um leitor que lê com certa freqüência e regularidade. Os professores, de acordo com a representação que fazem sobre a importância do ato de ler, empregam estratégias pedagógicas, procurando motivar o

envolvimento do aluno, ao propor assuntos atuais para discussão e comentários sobre a obra a ser lida e dar sugestões na escolha de livros de uma lista pré-selecionada.

Na etapa da leitura, o aluno satisfaz a curiosidade sobre o assunto proposto, sendo levado a procurar outras fontes de informação para complementar seus estudos. Ficou constatado, através das respostas dos professores, que eles utilizam a pesquisa para iniciar ou finalizar a matéria estudada nas unidades do livro didático, para complementar as informações ou fixar conteúdos. Com o auxílio de um roteiro de apoio, discussões e sugestões de fontes, os professores julgam iniciar o aluno no desenvolvimento do pensamento científico, ao estabelecer a importância do conteúdo, indicar uma bibliografia diversificada, requisitar a forma de apresentação do texto científico e relacionar as atividades com o dia-a-dia, o que provocaria a interação do aluno com o meio em que vive.

Essa interação somente é possível durante a socialização dos resultados da pesquisa, quando o trabalho é apresentado, sob forma de seminários ou exposições com cartazes afixados em murais, para que todos os alunos aproveitem, de alguma forma, coletivamente da descoberta que o outro fez, possibilitando um debate desses resultados.

Embora pouco utilizado, o recurso da refacção na produção escrita é uma prática que merece ser enfatizada pelas escolas, pois é através dela que o aluno tem a oportunidade de refletir sobre o que escreveu e, com o auxílio das observações do professor, reestruturar as partes problemáticas de seu texto.

Avaliar um aluno que fez uma pesquisa é uma tarefa complexa e envolve vários aspectos a serem observados. Um deles, apontado pelos professores, é verificar se o aluno pesquisou de acordo com o tema proposto, desenvolvendo as idéias principais e citando as fontes pesquisadas. Eles também exploram sua capacidade de interpretação e

reflexão crítica sobre o tema, as conclusões e a produção escrita autônoma. Outro aspecto observado por eles advém do envolvimento, do empenho e do interesse do aluno em participar da realização da pesquisa.

Não esquecendo de valorizar a parte formal para a apresentação de uma pesquisa, os professores buscam observar a seqüência das idéias, a ordem estabelecida, a organização formal do trabalho como um todo e a produção escrita clara. Pouco menos observado pelos professores, mas também importante para favorecer a vida social do aluno, é considerar a interação entre os alunos, demonstrado pelo espírito de equipe e a participação nas apresentações orais dos resultados da pesquisa para os demais colegas da sala de aula.

Após a análise das respostas dadas aos questionários pelos professores, que constata as representações que eles têm sobre a relevância do ato de pesquisar, resta depreender a visão do aluno em relação a essa atividade proposta pelo professor. Os alunos deveriam se propor pesquisar verdadeiramente, deixando para trás as cópias feitas uns dos outros ou das fontes, sem dar o devido crédito, uma vez pesquisar resulta na ampliação dos conhecimentos e na descoberta do novo, provocando sua autonomia, adquirida através do seu empenho na seleção do material de leitura, na realização das leituras, nos comentários e nas trocas de resultados.

3.3. Os alunos

Este tópico pretende jogar luzes sobre as representações que os alunos têm sobre o ato de pesquisar, visto que eles são os responsáveis pela elaboração e a efetivação da pesquisa, cabendo a cada um procurar as fontes de leitura, ler o material selecionado, organizar e apresentar sua descoberta; enfim, realizar as etapas, seguindo ou não o caminho indicado pelo professor.

O questionário aplicado (descrito em 3.1.) busca, em um primeiro momento, estabelecer o perfil do aluno, apontando suas preferências de leitura, o acesso ao material e à pesquisa e sua iniciativa em escrever fora do contexto escolar. Num segundo momento, é discutida a concepção do aluno sobre o ato de pesquisar, enfocando a metodologia desenvolvida pelo professor em sala de aula, as etapas a serem seguidas, e uma avaliação pessoal dos resultados da pesquisa em sua vida estudantil.

À primeira pergunta do questionário, que solicita dos alunos uma auto-avaliação sobre a frequência com que lêem por iniciativa própria, a grande maioria respondeu realizar leituras esporádicas.

3.3.1. Preferências de leitura e escrita

Ao serem questionados sobre suas leituras preferidas, a maioria dos alunos respondeu que o livro é o recurso mais utilizado (cf. Figuras 2 e 15, em anexo). Entretanto, é marcante o acesso a outros materiais de leitura disponíveis para o aluno (cf. Tabela 4, em anexo).

As preferências dos alunos apontam para títulos voltados para histórias juvenis, gêneros relacionados a ação, aventura, e à necessidade de agilidade mental e imaginação, como mistério e terror (cf. Tabela 3, em anexo). Alguns alunos apontaram a leitura da coleção Vaga-lume como preferida. Esta contém mais de 90 títulos e é, segundo o catálogo da editora, uma das mais adotadas nas escolas e mais lidas em todo o país, uma vez que traz histórias eletrizantes com grande diversidade de temas, e escritas por autores de peso da literatura nacional.

Em alguns casos, os alunos especificaram os títulos dos livros lidos e os gêneros. Em outros, apontaram o nome de personagens, como Harry Potter e Tom Sawyer, que

se aventuram pelo mundo do desconhecido e da magia, conduzindo o aluno a um mundo em que ele gostaria de conhecer.

A preferência pelo personagem Harry Potter é repetidamente mencionada por alunos de todas as escolas, embora sua presença seja mais marcante nas escolas particulares. O motivo que explica todo o fascínio de crianças e adolescentes pelos livros do pequeno bruxo deve-se à forma como a autora, J.K. Rowling, que criou as histórias de feitiçaria, escreve sobre o assunto, da forma mais inocente e sedutora possível, dando um tom obscuro e secreto às mágicas aventuras desse personagem.

Embora a pergunta versasse sobre a leitura de livros de sua preferência, alguns alunos comentaram que preferem ler livros “*escolares em geral*” e que lêem os livros “*indicados na escola pela professora*”. Esses comentários indicam que os alunos quase nunca optam pelo livro que vão ler; ao contrário, eles reforçam as informações dadas pelos professores que também se referiram a “*escolha*” do livro feita pelo aluno, através de uma lista pré-elaborada pelo professor ou pela editora. Este fato leva à conclusão de que os alunos lêem apenas o que lhes é determinado.

70 % dos alunos mostraram interesse por revistas informativas (cf. Figuras 7, 8, 9 e 10, em anexo). A revista mais lida, em todas as séries, é *Veja*, periódico que se caracteriza pela qualidade informativa dirigida ao público adulto. É também significativa a procura por revistas jovens, como: *Capricho*, *Super Interessante* e *Atrevida*, uma vez que, nessa idade, o aluno busca descobrir a si próprio e é nesse tipo de leitura que ele procura respostas às perguntas sobre as mudanças pelas quais está passando.

Ao serem questionados sobre o jornal de sua preferência (cf. Figuras 11, 12, 13 e 14, em anexo), 51,8 % do total de alunos apontaram alguns dos nomes de circulação nacional, regional e local. Outros, mostrando-se pouco adeptos à leitura de jornais,

afirmaram ser esse contato “*muito raro*” e que lêem “*às vezes, as notícias que chamam a atenção*”. Interessam-se apenas por seções do jornal, como a de automóveis, dos classificados, de novelas, de charges e do suplemento infantil. É revelador de desinteresse a pouca valorização de leituras variadas em casa e na escola, com textos de gêneros diversos o que seria instrumento fundamental para a aprendizagem e, posteriormente, para o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa.

O interesse pela internet, principalmente nas últimas séries, era uma atitude esperada devido ao fascínio da geração atual pelo computador, que é utilizado como forma de acesso à leitura por 69,3 % do total de alunos, com uma pequena diferença entre *sites* de diversão (37,2 % - música, carros, esporte, jogos, *charges*, bate-papo, *e-mails*, *fotolog*, *MSN* e humor) e de pesquisa (32,1 % - notícia, informação, busca e *dicas gerais*).

Os alunos evidenciaram crescente interesse pela internet (cf. Figura 16, em anexo), conforme seu avanço escolar, fato que não está diretamente ligado ao fator econômico, mas, provavelmente, à facilidade de acesso do aluno ao computador na própria escola. Além disso, a utilização da ferramenta para pesquisa é bastante recomendada pelo professor.

A questão referente à forma como o aluno tem acesso ao material de leitura objetivava verificar o papel da biblioteca na formação estudantil. Entretanto, o contato maior com o material de leitura se dá, primeiramente, em casa, seguido das trocas de materiais com os colegas e, por último, a biblioteca. Este fato demonstra que, devido à falta de materiais atuais e bibliotecas escolares pouco acessíveis aos alunos, cabe aos pais adquirir o material de leitura adotado pela escola ou ao próprio aluno emprestar os títulos solicitados pelo professor.

Em geral, as atividades extra-classes de leitura e de escrita demonstram que os adolescentes do ensino fundamental têm necessidade de se comunicar com o outro, tanto por meio da utilização de recursos computacionais como convencionais. O *e-mail* é o recurso escrito mais utilizado pelos alunos, fora do contexto escolar. E, mesmo sendo esta uma maneira rápida e atual de comunicação, a carta não perdeu seu *status* de contato entre as pessoas (cf. Figura 17, em anexo).

A partir dos dados, duas outras considerações puderam ser feitas: primeiramente, os alunos das escolas particulares escrevem com mais frequência do que os alunos das escolas públicas. Segundo, houve a manifestação de outros tipos de escrita espontânea, além dos listados no questionário; os alunos revelaram escrever poemas e versos, letras de música e, especificamente, a utilização do MSN, uma comunicação via internet, direta e imediata, e com recursos gráficos peculiares.

Surpreendentemente, os alunos das escolas ligadas a uma Instituição de Ensino Superior, a EPuCam, embora, teoricamente, possam contar com o auxílio de projetos de pesquisa, ensino e extensão, desenvolvidos por professores especializados, foram os que apresentaram o menor índice de leitura. Os alunos das escolas centrais, tanto os da EpaCen como os da EpuCen, declararam considerar-se bons leitores e revelaram maior interesse em procurar por textos variados (cf. Figuras 3, 4, 5 e 6, em anexo).

Independentemente dos índices apresentados, as leituras referidas pelos alunos apenas os colocam em contato com as várias formas de impressos disponíveis, não significando que eles saibam pesquisar. Realizando mais leituras, o aluno poderá adquirir o hábito de ler, mas não a pesquisar melhor, necessariamente. O fato de ler não capacita o aluno a redigir o texto ideal exigido pela escola. Por sua vez, uma produção escrita espontânea extra-classe revela a vontade do aluno em expressar suas idéias, mas não o torna um produtor e autor de textos.

3.3.2. A metodologia de pesquisa relatada pelos alunos

A percepção do aluno de como é desenvolvida a pesquisa em sala de aula revela seu posicionamento em relação à metodologia utilizada pelos professores. Conforme as respostas dos alunos, de modo geral, os procedimentos que eles percebem ser utilizados pelos professores na condução de uma pesquisa apresentam-se semelhantes em todas as escolas, havendo diferenças insignificantes entre uma e outra. A maneira mais freqüente (indicada por 85,4% dos alunos) de o professor dar início a uma pesquisa é estipular o tema e, antes de ela ser realizada em casa, de acordo com 68,6% dos alunos, tecer comentários sobre o assunto em sala. Isso significa que, independentemente das características da escola, a representação que alunos e professores têm da pesquisa é a mesma.

Essa explicação da forma como acontece a pesquisa em sala de aula não está de acordo com o que foi exposto pela maioria dos professores. Eles afirmaram orientar e acompanhar as etapas da pesquisa em sala, com trabalhos em grupos, indicando roteiros, planejando e organizando os itens para efetivação da produção escrita.

O segundo comportamento mais freqüente dos professores frente à pesquisa, indicado por 35% dos alunos, é a proposta de discussão com a turma em sala de aula, que surge a partir de textos trazidos pelos alunos, para posteriormente definir o tema que deverá ser aprofundado em casa, individual ou coletivamente. Essa informação corrobora com a forma como os professores declararam conduzir o processo da pesquisa.

Uma estratégia menos freqüente, observada por 17,5 % dos alunos, é o professor, antes de definir o tema, trabalhar com textos variados de livros, jornais e revistas, possibilitando uma discussão do assunto proposto, antes de a turma tomar uma posição sobre o tema a ser pesquisado. Muitas vezes, o professor segue os passos

estipulados no livro didático, que já costuma apresentar textos variados sobre o tema a ser discutido, para instigar o senso crítico ou a curiosidade do aluno e incentivá-lo a buscar novas informações. Completando esses procedimentos, 10,2 % dos alunos se referiram à utilização da biblioteca para pesquisa individual ou orientada pelo professor, e, também, para poderem escolher o assunto da pesquisa.

Há aí, mais uma vez, uma confirmação das atitudes tomadas pelos professores, alguns dos quais mencionaram a ida à biblioteca para a realização de pesquisas, a utilização do livro didático que apresenta vários exercícios de pesquisa, a divisão de tarefas entre os participantes dos grupos e a leitura de textos variados para motivação do assunto. A metodologia adotada pelo professor parece ser completada pela atitude do aluno em desempenhar a parte designada a ele, que é a concretização da pesquisa.

3.3.3. Realização e avaliação da pesquisa

Conforme os alunos, a primeira etapa seguida em uma pesquisa é a seleção de fontes diversas, que depende da maturidade, da disciplina e da organização de cada aluno. Ao indicar algumas fontes primárias para iniciar a pesquisa, o professor revelou esperar que os alunos busquem por outras, selecionando as mais importantes, curiosas e pertinentes ao assunto pesquisado.

Essa expectativa se confirmou nos registros dos alunos, 45,2% dos quais responderam que procuram pelo material indicado pelo professor, ampliando para 64,2%, o percentual dos que também buscam outras informações em livros, revistas, enciclopédias e internet. Um percentual de alunos acredita que o computador pode lhes fornecer todo o material necessário para desenvolver sua pesquisa, sendo que 22,6 % deles afirmaram que o único recurso de leitura utilizado é a internet.

Essa etapa, como especificada pelos alunos, apresenta-se como uma direção inicial, a qual o aluno do ensino fundamental precisa se habituar. A maneira como os alunos vêm a realização da pesquisa parece ser produtiva, uma vez que eles têm a possibilidade de complementar a leitura das fontes indicadas pelo professor, ao ter contato com vários tipos de impressos, ou mesmo ao pesquisar no computador.

15,3 % dos alunos declararam que, além de utilizar esses recursos, eles também conversam com pessoas que entendem do assunto da pesquisa, estratégia útil para a formação do aluno como pesquisador, pois o aproxima de pessoas conhecedoras do tema que podem fornecer dados importantes para seu trabalho devido a sua experiência nos assuntos estudados.

Assim sendo, é importante que a escola procure valorizar esse intercâmbio ao propiciar contatos variados dos alunos com profissionais especializados, como médicos, dentistas, bombeiros, policiais, psicólogos, jornalistas, entre tantos outros, para que eles tenham a oportunidade de conhecer na prática os diversos assuntos discutidos em sala e tenham mais alguém, além do professor, de quem aprender a ouvir e a tirar conclusões sobre o que foi discutido.

Quanto à aquisição das fontes utilizadas, não houve diferença na classificação do material por parte dos alunos de escolas públicas ou particulares. De acordo com 86,8% dos alunos, a internet é o recurso mais utilizado para obter o material para realização da pesquisa. Em segundo lugar, está a leitura de enciclopédias, item assinalado por 38,6% dos alunos, o que demonstra um interesse pela pesquisa bibliográfica, seguido por 27% dos alunos que responderam que procuram em revistas diversas, mas que também utilizam o próprio livro didático para organizar o trabalho. Por fim, com a indicação de 10,9% dos alunos, as fontes menos utilizadas na pesquisa são o CD Rom e o jornal.

A segunda etapa da pesquisa, segundo os alunos, é a leitura do material que foi selecionado. A partir da variedade de leituras, o aluno elabora o tema da pesquisa e descobre pontos que não conhecia, aprofunda sua opinião e se posiciona em relação ao assunto. Assim, 51% dos alunos garantiram que selecionam o material de leitura de acordo com a indicação do professor, e que, ao ler esse material, destacam uma explicação interessante ou curiosa para valorizar o trabalho escrito. Entretanto, somente 31,3% dos alunos consideram que lêem tudo o que foi encontrado sobre o assunto na seleção do material.

A etapa final do trabalho de pesquisa é a produção escrita, momento em que o aluno elabora o texto que participará aos outros sua descoberta de fatos novos e argumenta. Por isso, espera-se como resultado da pesquisa uma produção escrita autônoma, ou seja, aquela elaborada pelo aluno, com suas próprias palavras, o que 35,7% dos alunos acreditam fazer.

A interferência de um outro texto lido no texto produzido pelo aluno não é notada claramente: somente 21,8% dos alunos têm a percepção de que parafraseiam o texto de outro autor. Em contrapartida, 23,3% dos alunos reconheceram copiar partes do texto, mas se preocupam em citar o nome do autor, enquanto 11,6% deixam de citar a fonte.

Como estratégia para escrever um texto conciso e claro, 29,1% dos alunos ressaltaram a utilização de um roteiro sobre o que pretendem escrever, redigindo um rascunho e buscando auxílio de outra pessoa para as correções necessárias, mas apenas 8% deles relataram que reescrevem seu texto várias vezes, por iniciativa própria. Para iniciantes, o roteiro é um recurso eficaz para o desenvolvimento de um texto, mas não pode ser o único. Os alunos, ao escrever o primeiro rascunho, precisam considerar que

ele, se refeito várias vezes, possibilitará uma produção de texto calcada na reflexão e, portanto, mais crítica.

Para finalizar e valorizar o trabalho já concretizado, o aluno precisa de um retorno quanto à validade de sua descoberta, uma aprovação de seu texto, por parte do leitor, que, em muitos casos, é basicamente o professor. Poucas vezes, essa troca de conhecimentos acontece também com os colegas de classe, sendo que 9,4% do total de alunos confirmaram que o resultado da pesquisa é apresentado oralmente para toda a turma. Nessas oportunidades, sobretudo entre alunos de escolas particulares (26,3%), costuma haver uma comparação entre trabalhos e uma discussão dos resultados com os colegas em sala de aula. Esse fato é confirmado pelos depoimentos dos professores que afirmaram realizar uma apresentação oral do trabalho dos alunos à turma (cf. 3.2.3.3.).

Entretanto, a grande maioria dos alunos, contrariando a informação repassada pelos professores, revelou que o trabalho final é simplesmente escrito e entregue ao professor, que o lê e o devolve ao aluno, dando a entender que a finalidade é apenas a realização de uma avaliação. Esse fato vai ao encontro da afirmação de Suassuna (2002), discutida em 2.4., ao tratar da falta de objetivos para escrever, devido à ausência de um leitor real para que o aluno possa se colocar no papel de autor.

Por outro lado, enquanto 13,1% dos alunos afirmaram que o professor pede que o trabalho seja reescrito, um único professor, da EPaCam, assegurou recolher o material, fazer as observações necessárias e requisitar a refacção, quando necessário. 14% dos alunos afirmaram que a pesquisa simplesmente fixa os conteúdos vistos em sala de aula, e outros 2% consideram-na apenas uma parte da avaliação escolar, declarando que realizar uma pesquisa é uma perda de tempo com cópias e assuntos repetidos, sem resultados ou benefícios para seus estudos. Porém, as respostas, de modo

geral, evidenciaram que, no ensino fundamental, os alunos apresentam representações favoráveis à realização de pesquisas.

Dessa forma, do total de alunos, 40% deles compreenderam o ato de pesquisar como uma maneira de adquirir novos conhecimentos e 29% deles afirmaram reconhecer que aprenderam algo diferente ao realizarem uma pesquisa (cf. Figura 18, em anexo). Tais alunos consideram a realização de uma pesquisa uma atividade interessante e criativa, que facilita a aquisição de conhecimentos. Mais da metade dos alunos e professores reconheceram que, além de fixar o conteúdo, a pesquisa proporciona a aprendizagem de algo diferenciado e encaminha-os para a formação cultural.

Conclusões

O desenvolvimento deste trabalho compreendeu uma parte inicial de reflexão sobre a importância, os objetivos e os requisitos necessários à realização de uma pesquisa escolar. Calcada na Linguística Aplicada, a pesquisa adentrou também a área de educação e da metodologia científica, em busca de subsídios que a sustentassem.

Tal embasamento permite afirmar que a pesquisa, efetivamente, instaura no aluno o processo de construção de conhecimentos e a autonomia de idéias, possibilitando-lhe assumir uma posição, defendê-la e identificar seus pontos frágeis. Ao pesquisar, o aluno aperfeiçoa a habilidade de refazer o já feito e, por meio do questionamento e da reflexão, reformula ou amplia conceitos já estudados e constrói o novo.

Isso só é possível por meio de um profundo envolvimento de professor e aluno no processo da pesquisa. Este, após a leitura crítica e a reflexão, poderá produzir textos com qualidade científica, alcançando o objetivo maior da pesquisa, que é organizar pensamentos e informações. Para tanto, é necessário que o professor, através de uma orientação firme e constante, estabeleça claramente os objetivos e a finalidade da realização da prática dessa atividade. Fazer pós-graduação, estudar, ler, escrever, comunicar suas experiências é um passo importante para que os professores experimentem a realização de uma pesquisa e, assim, sintam-se preparados para planejar e realizar projetos de pesquisa em sala de aula, orientando seus alunos e inculcando neles o prazer pela busca e descoberta do novo.

O processo de pesquisa tem início com a busca de temas que suscitem a curiosidade e o interesse do aluno, os quais podem derivar de uma discussão em sala ou de fatos trazidos à baila pelo professor ou pelo aluno. Na busca por respostas, o aluno lê, elabora hipóteses, produz sentidos e toma uma posição, favorável ou contrária, em

relação ao que leu. No desenvolvimento desse processo, há a possibilidade de se tornar um leitor crítico, ao argumentar e colocar-se como autor.

Para comunicar os resultados de sua pesquisa, o aluno produz um texto, com linguagem o mais objetiva possível, destacando suas idéias das dos outros autores. Alcançar essa produção escrita, porém, exige um exercício contínuo de reescrita, que, se bem orientada pelo professor, induz o aluno a repensar sobre o que e para que está escrevendo. A exposição dos resultados marca o auge da concretização de uma pesquisa e possibilita ao aluno, após a descoberta, transformar sua forma de pensar, organizar, argumentar e compreender o mundo que o cerca.

Em um segundo momento, o trabalho buscou verificar quais as representações de professores e alunos dos 3º e 4º ciclos do ensino fundamental a respeito da pesquisa realizada na escola. A hipótese de que tais representações diferiam conforme o regime jurídico ou a localização das instituições revelou-se falsa, uma vez que as diferenças entre os referenciais docentes e discentes apresentaram-se insignificantes, fossem eles procedentes de escolas públicas ou privadas, centrais ou de periferia. Também não se mostrou relevante o fato de a escola ser ligada a uma instituição de ensino superior.

Conforme a concepção dos professores questionados, a pesquisa é uma atividade básica para a formação de conhecimentos durante a vida escolar, uma vez que, como exercício de prática da metodologia científica, está diretamente relacionada às atividades de ensino-aprendizagem de ler, compreender, interpretar e escrever, proporcionando, dessa forma, a aquisição de conhecimentos. Ela possibilita ao aluno desenvolver a observação, a análise e a interpretação das fontes selecionadas e lidas, como pode ser comprovado através de apresentações orais e da produção escrita.

Os novos conhecimentos adquiridos auxiliam o aluno a transformar-se em um indivíduo responsável, que sabe se organizar e se posiciona com autonomia diante de

diferentes temas, graças a seu envolvimento pessoal e empenho na aquisição do conhecimento.

Os professores entrevistados vêem-se como leitores, como pesquisadores e consumidores de uma literatura pedagógica, lúdica e de auto-ajuda. Quanto a seus alunos, eles acreditam que oferecer listas ou indicar livros recomendados à faixa etária dos alunos é uma forma oportuna de incitá-los à leitura, e, adaptando os conteúdos da disciplina aos objetivos da escola, procuram orientá-los sobre a importância da leitura, mesmo que se utilizem muito pouco da biblioteca escolar, onde costumeiramente procedem a uma simples leitura ou à busca por materiais diversificados de pesquisa.

O aluno, por sua vez, afirma procurar penetrar no mundo do impresso, apontando o livro e a internet como seus itens preferidos de leitura. O interesse pela internet se intensifica nas últimas séries assim como a preferência de leitura de revistas dirigida a um público adulto, o que mostra um amadurecimento intelectual do aluno, uma necessidade de buscar fontes diversificadas de informação.

O professor parece ter consciência de que a mera proposta de um tema a ser pesquisado não encaminha o aluno a investigar sobre o assunto, por isso afirma utilizar discussões na sala de aula, levantamento de pontos polêmicos de um ou vários textos em busca de uma postura crítica em relação ao lido. Paralelamente, informa enfatizar no aluno a importância de produzir textos claros e concisos, ainda que, para tanto, eles tenham que ser revistos e refeitos, numerosas vezes.

Aparentemente, os professores e alunos entendem que pesquisar é descobrir e ler para ir além de uma simples compreensão. A análise comprova, porém, que é necessário um trabalho mais dirigido à formação e ao desenvolvimento do pensamento científico, ao despertar da curiosidade ou da necessidade de saber mais, de descobrir o que está por trás do que foi escrito, de tentar alcançar o diferente, o novo.

Dessa forma, este trabalho contribuiu para fomentar as discussões sobre a formação do conhecimento e a autonomia do aluno, através da pesquisa escolar, de modo a averiguar as peculiaridades de cada uma das etapas e os requisitos necessários para a realização de uma pesquisa, a fim de entender os possíveis benefícios que o ato de pesquisar possa ter na formação social de ambos, através da leitura crítica e da produção escrita autônoma.

Para finalizar, fica aberta uma proposta para trabalhos futuros de averiguação de como professores e alunos realizam, efetivamente, a pesquisa em sala de aula, com a incumbência de acompanhar o trabalho preliminar utilizado pelo professor para despertar o interesse do aluno sobre o tema, trilhar os caminhos percorridos pelos alunos durante a seleção dos materiais, a leitura, as discussões, a elaboração do texto escrito e as apresentações orais ou exposição de murais. Por fim, é promissor também um estudo posterior que tenha como objeto de pesquisa as produções escritas sobre as descobertas realizadas e apresentadas pelos alunos e, posteriormente, avaliadas por seus respectivos professores, de maneira a caracterizar o posicionamento de autor do aluno em relação ao que escreve, nos moldes do que foi realizado por Castro (2004), em relação aos mestrados de Letras da UEM.

Bibliografia

AGUIAR, V. T. de (Coord.). *Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001, p.140 – 147.

ALARCÃO, I. *Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003. (Coleção Questões da Nossa Época, v. 104).

ALMEIDA, M. A. Seguindo pressupostos da pesquisa na aula expositiva. In.:MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 237-274.

AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In.: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S.(orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Bakhtin*. Vol. 107. São Paulo: Cortez, 2003.

BAGNO, M. *Pesquisa na escola: o que é e como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV, V.N.).1929. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução M. Lahud e Y.F. Vieira. 10. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

BARREIRO, C.B. *Questionamento sistemático: alicerce na reconstrução dos conhecimentos*. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.171-188.

BOOTH, W.C.; COLOMB, G.G.; WILLIAMS, J.M. *A arte de pesquisar*. Trad. Henrique A. R. Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRITTO, P. L. Em terra de surdos-mudos. *Trabalhos em Lingüística Aplicada 2*, UNICAMP, Campinas, SP, novembro, 1983.

CASTRO, C. R. *A conquista da escrita autoral na pós-graduação: um processo a ser construído e estudado*. Dissertação de mestrado: Universidade Estadual de Maringá, 2004.

CHARTIER, A-M.; CLESSE, C.; HÉBRARD, J. *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*. Tradução de Carla Valduga. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CITELLI, A. *Linguagem e persuasão*. 15. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002, Série Princípios.

DEMO, P. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 1998.

_____. Pesquisa como princípio educativo na universidade. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 51-86, p.103-126.

EDNIR, M.; CARDOSO, B. *Ler e escrever, muito prazer*. São Paulo: Editora Ática, 1998.

FARACO, C. A. *Escrita e alfabetização*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FOUCAMBERT, J. *A criança, o professor e a leitura*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 21. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRISON, L. M. B. Pesquisa como superação da aula copiada. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.142-158.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 13. ed., Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986 (1967).

GESSINGER, R. M. Teoria e fundamentação teórica na pesquisa em sala de aula. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.189-202.

GOULART, C. Uma abordagem bakhtiniana da noção de letramento: contribuição para a pesquisa e para a prática pedagógica. In.: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S.(orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Bakhtin*. Vol. 107. São Paulo: Cortez, 2003.

GUEDES, P.; SOUZA, J. Não apenas o texto, mas o diálogo em língua escrita é o conteúdo da aula de português. In.: *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 2 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999, p.135-154.

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In.: FREITAS, M. T.; JOBIM e SOUZA, S.; KRAMER, S.(orgs.). *Ciências humanas e pesquisa: leituras de Bakhtin*. Vol. 107. São Paulo: Cortez, 2003.

JOLIBERT, J. (coord.). *Formando crianças leitoras*. Tradução de Bruno C. Magne. Vol.1. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

KUHLTHAU, C. *Como usar a biblioteca na escola: um programa de atividades para a pré-escola e ensino fundamental*. Trad. e adapt. por Bernadete S. Campello et al. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LIMA, V. M. R. Pesquisa em sala de aula: um olhar na direção do desenvolvimento da competência social. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.275-313.

MARTINS, J. S. *O trabalho com projetos de pesquisa: do ensino fundamental ao ensino médio*. Campinas, SP: Papirus, 2001.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. 6. ed. rev. e ampl., São Paulo: Atlas, 2004.

MESERANI, S. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MORAES, M. C. Internet na pesquisa. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.87-102.

MORAES, R. Produção em sala de aula com pesquisa: superando limites e construindo possibilidades. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.203-236.

NERY, R. M. *Questões sobre questões de leitura*. Campinas: Editora Alínea, 2003.

PEREIRA, G.A. *A palavra: expressão e criatividade: estudo e produção de textos*. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola?* Campinas: Mercado de Letras - ABL, 1996.

RAMOS, M. G. Educar pela pesquisa é educar para a argumentação. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 25-50.

RUSSEL, B. *Autobiografia de Bertrand Russell: 1944-1967*. Tradução de A. Cabral. Vol. III. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1972. p. 71-72.

SANTOS, A.R. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SUASSUNA, L. *Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2002.

SCHWARTZ, S. De objetos a sujeitos de relação pedagógica: a pesquisa na sala de aula. In.: MORAES, R.; LIMA, V. M. R. (orgs.). *Pesquisa em sala de aula: tendências para a educação em novos tempos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p.159-170.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. 11. ed., São Paulo: Globo, 2003.

SILVA, E.T. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. Coleção Leituras do Brasil.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed., Porto Alegre: ArtMed, 1998.

TEBEROSKY, A. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. Tradução de Cláudia Schillings. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

ZILBERMAN, R.(org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 11. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ANEXOS

QUESTIONÁRIO I

- Onde trabalha? -----
- Qual é sua carga horária e quais as séries em que atua?-----
- Quando se formou?-----
- Durante os estudos, participou de projeto de pesquisa e apresentou monografia? Qual?-----
- Fez pós-graduação? Qual e onde?-----
- No caso de haver feito pós-graduação, desenvolveu pesquisa? Qual?-----
- Atuando como professor (a), já desenvolveu ou está desenvolvendo algum projeto na sua escola? Qual?-----
- Na sua escola, há uma biblioteca atualizada e acessível aos alunos? Como ela funciona e quem cuida dela?-----
- Você vai com seus alunos à biblioteca? Que tipo de atividades desenvolve lá?-----

- Você lê com frequência? Cite três títulos que leu ultimamente. -----
- Quantos livros você determina que o aluno leia durante o ano letivo? Quem escolhe o título do livro a ser lido?-----
- Antes de o aluno ler o livro, você desenvolve um trabalho preliminar? De que tipo?-----

- Com que frequência você pede atividades de pesquisa como tarefa de casa?-----

- Aponte alguns dos conteúdos de pesquisa que você pede a seus alunos. -----
- Como a pesquisa é organizada?-----
- O que acontece com o material pesquisado ou o texto produzido depois da pesquisa?-----
- Que aspectos você leva em conta na avaliação de um trabalho de pesquisa?-----

- Quais os principais resultados para o(s) aluno(s) da realização de uma pesquisa?-----

- Você e outros alunos da turma usufruem da pesquisa realizada por um aluno/grupo? Como?-----

QUESTIONÁRIO II

1. Você lê com frequência?

- sim, muito;
- às vezes;
- não.

2. O que você lê? Coloque na ordem de sua preferência e indique alguns nomes:

- livro(s);
- revista(s);
- jornal (is);
- gibi(s);
- Internet/sites;
- outros:

3. Onde você adquire este material?

- em casa;
- na escola, com os colegas;
- na biblioteca da escola;
- na biblioteca municipal;
- outros:

4. Fora as tarefas da escola, que tipo de texto você escreve?

- carta;
- e-mail;
- bate-papo;
- diário;
- estória;
- outro(s):

5. Que tipo de material você mais utiliza em suas pesquisas?

- revista;
- jornal;
- livro didático;
- enciclopédia;
- CD Rom;
- Internet;
- outro:

6. O que acontece antes de você escrever sua pesquisa? Como a pesquisa é realizada?

- o/a professor/a comenta sobre o assunto e manda fazer a pesquisa em casa;
- o/a professor/a pede para o aluno falar sobre o assunto proposto e discute o tema;
- o/a professor/a estipula o tema e a data de entrega, e pede para fazer a pesquisa em casa;
- o/a professor/a trabalha com textos (de livro, jornal ou revistas) antes de definir o tema;
- o/a professor/a pede para o aluno trazer o material para ser discutido em sala;
- o/a professor/a, depois de uma discussão, pede para fazer a pesquisa na sala, em grupos;

- o/a professor/a, depois de uma discussão, pede para fazer a pesquisa em casa;
- o/a professor/a acompanha os alunos à biblioteca e auxilia/mostra como a pesquisar;
- o/a professor/a encaminha os alunos à biblioteca para pesquisarem sozinhos;
- o/a professor/a deixa o(s) aluno(s) decidir(em) sobre o quê pesquisar;
- o/a professor/a faz como o livro didático propõe.

7. A pesquisa tem algumas etapas a serem seguidas, então você

- SELEÇÃO procura pelo material indicado pelo/a professor/a;
- busca outras informações em livros, revistas, enciclopédias e Internet;
 - pega informações somente na Internet;
 - conversa com pessoas que entendam do assunto;

- LEITURA lê tudo que achou;
- seleciona o material de acordo com o que o/a professor/a pediu;
 - separa algo interessante ou curioso sobre o assunto;

- ESCRITA faz um roteiro e um rascunho;
- faz um rascunho e pede para alguém corrigi-lo;
 - faz vários rascunhos sozinho;
 - copia partes dos textos, e não cita de quem é;
 - copia partes dos textos e coloca o autor;
 - escreve o texto com outras palavras;
 - elabora um texto com suas próprias palavras.

8. Como você se sente em relação aos seus estudos? Este tipo de trabalho

- permite adquirir novos conhecimentos;
- faz perder seu tempo com cópia e assuntos repetidos;
- fixa os conteúdos vistos em sala de aula;
- é somente uma parte da avaliação;
- é interessante e criativo, traz vantagens para sua formação cultural;
- dá muito trabalho e pouco resultado, pois não traz vantagem para seus estudos;
- você aprende algo diferente do conteúdo ao realizar uma pesquisa.

9. Ao terminar de escrever seu trabalho de pesquisa, você

- entrega-o para o/a professor/a, que o devolve com a nota;
- entrega-o para o/a professor/a, que o devolve para ser feito;
- apresenta, oralmente, o resultado para sua turma;
- compara e discute seus resultados com os dos outros alunos;
- coloca-o em murais na sala ou na escola.

FIGURAS

Figura 1: Temas abordados pelos projetos docentes.

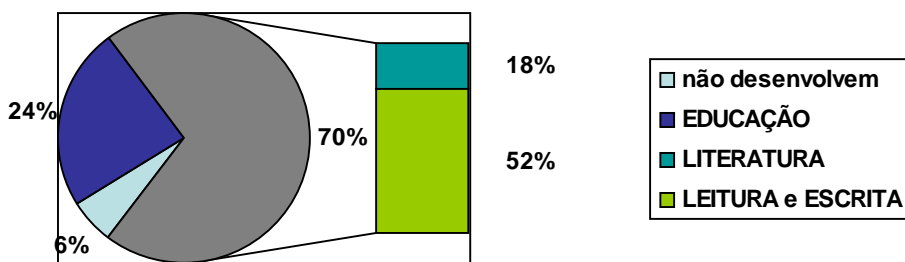


Figura 2: Leituras Preferenciais dos alunos

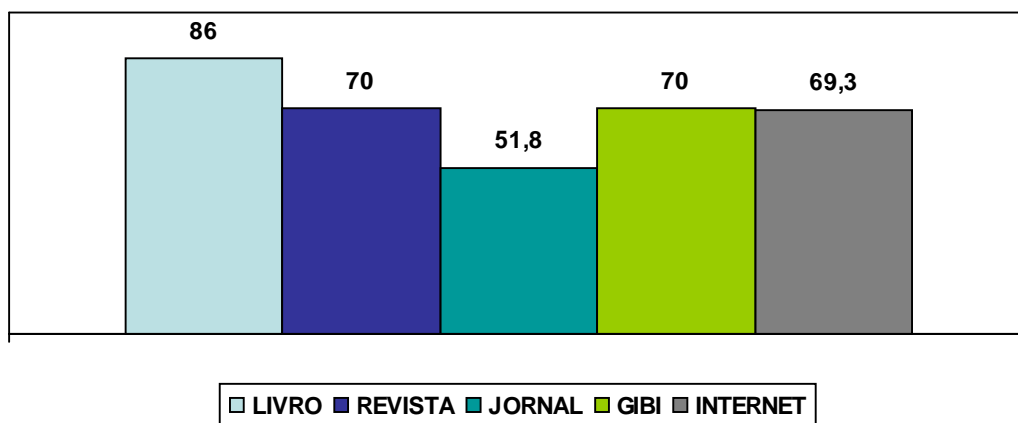


Figura 3: Preferência de leitura das 5^{as} séries

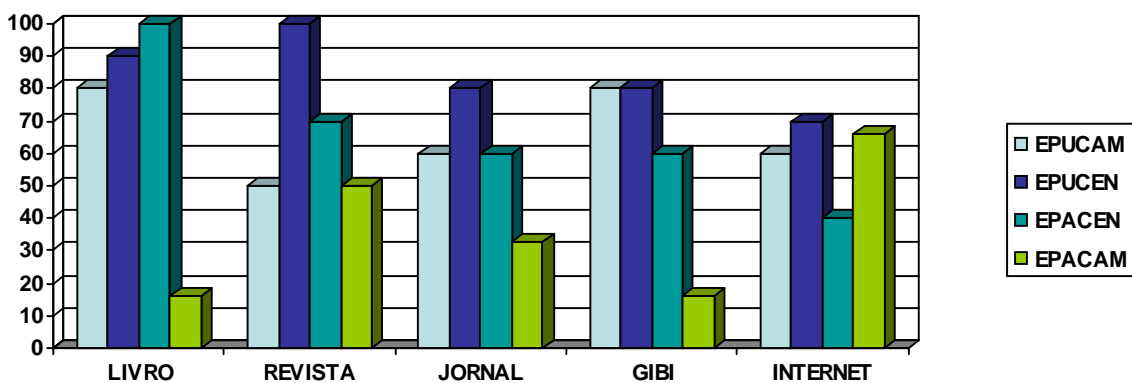


Figura 4: Preferência de leitura das 6^{as} séries.

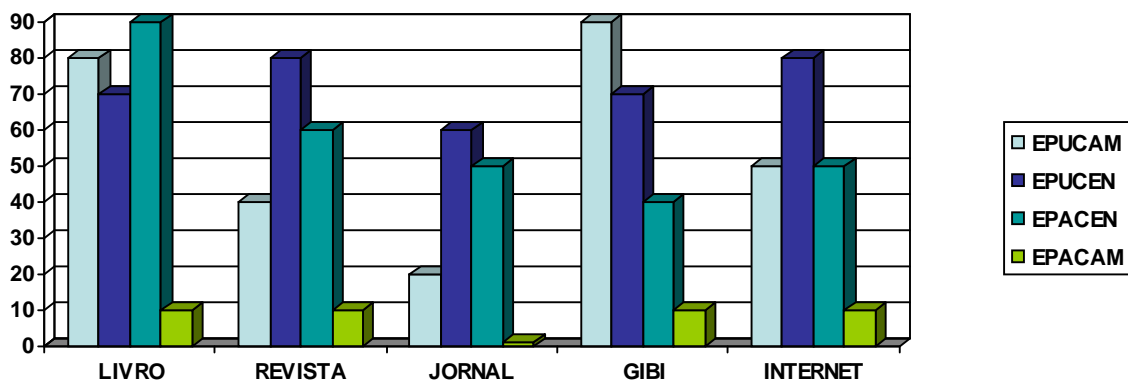


Figura 5: Preferência de leitura das 7^a séries.

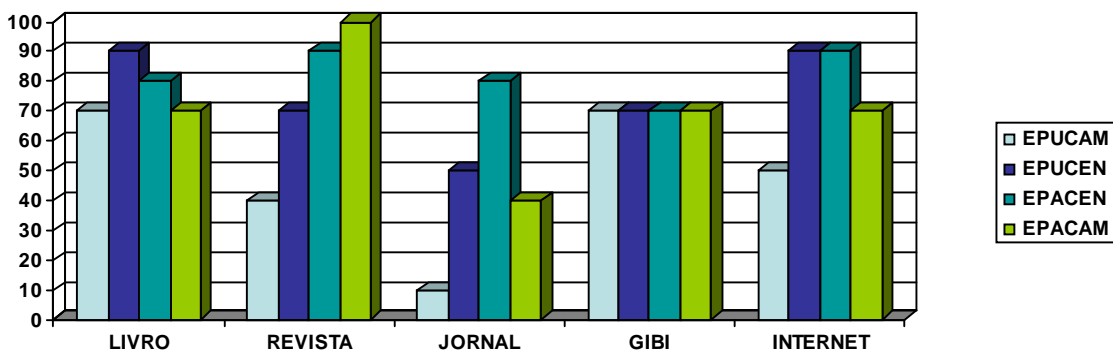


Figura 6: Preferência de leitura das 8^a séries.

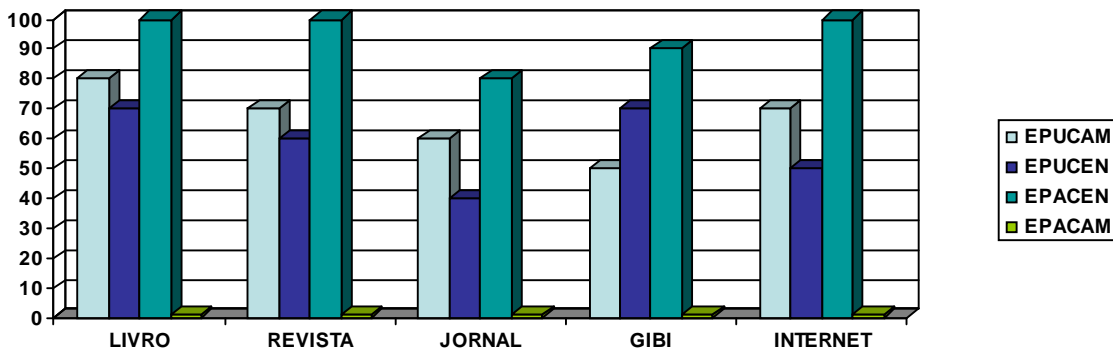


Figura 7: Revistas – EPuCam

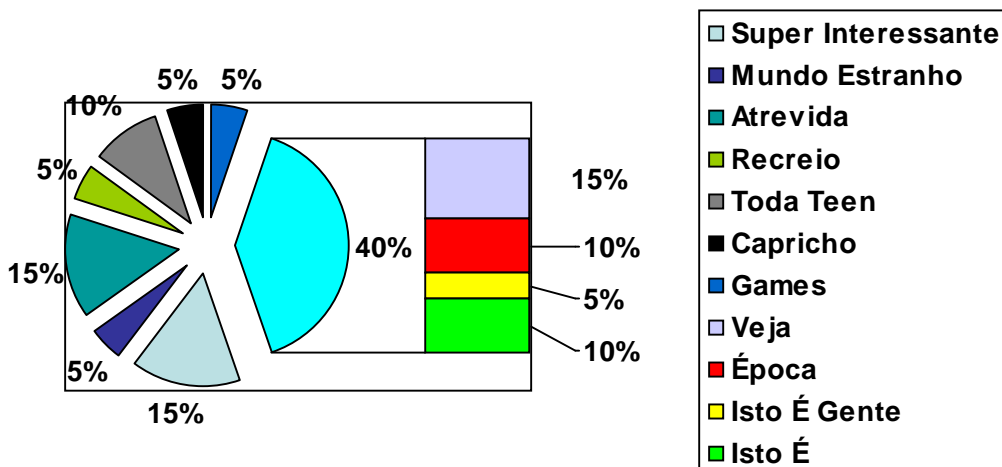


Figura 8: Revistas – EPuCen

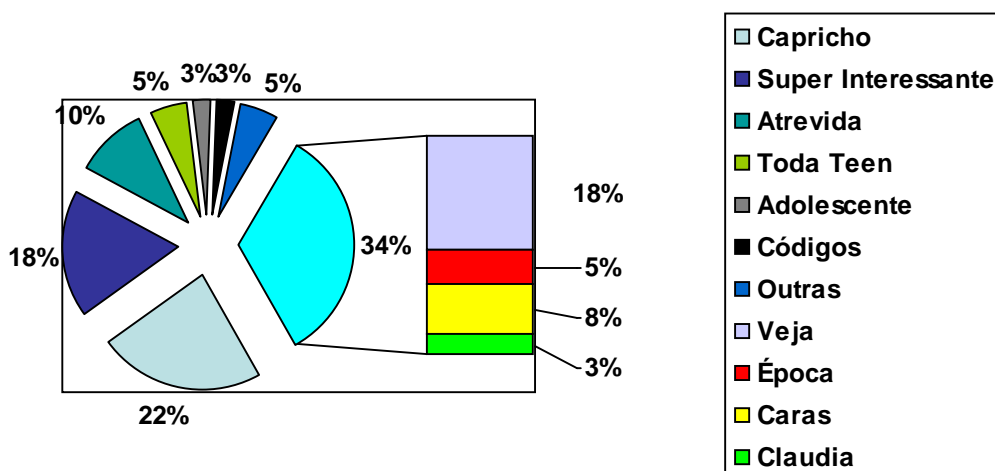


Figura 9: Revistas - EPaCen

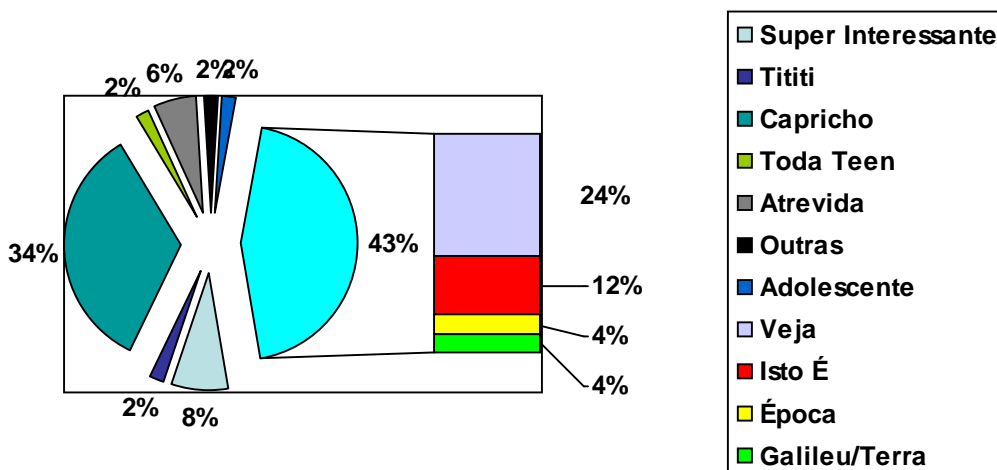


Figura 10: Revistas - EPaCam

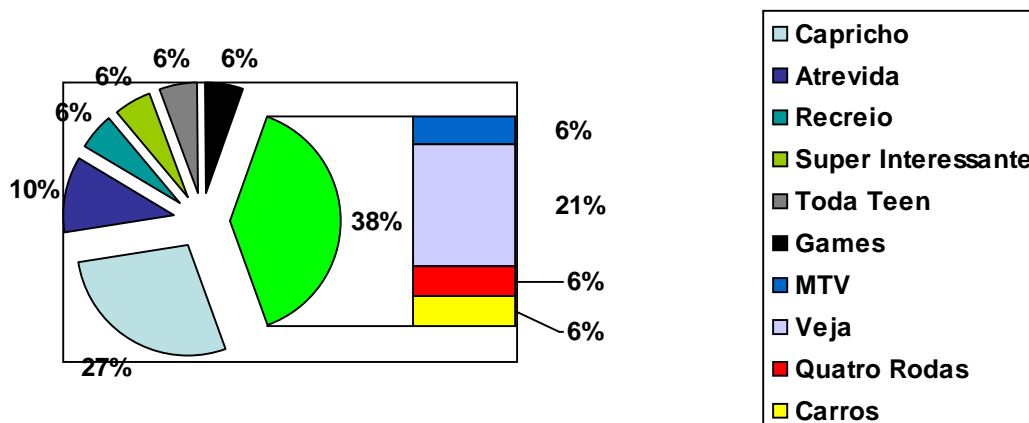


Figura 11: Jornais – EPuCam

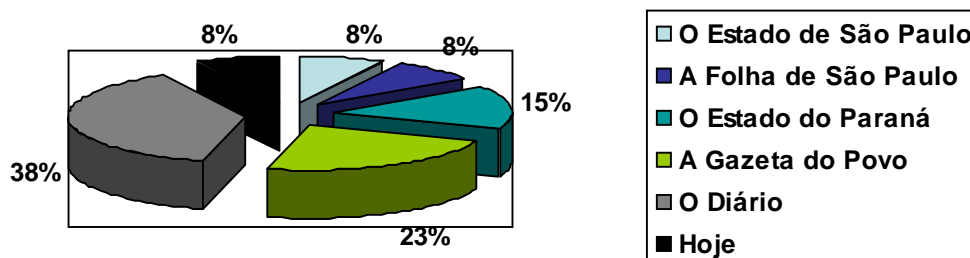


Figura 12: Jornais - EPuCen

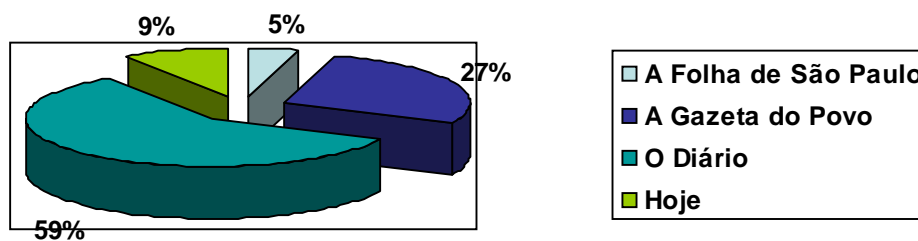


Figura 13: Jornais - EPaCen

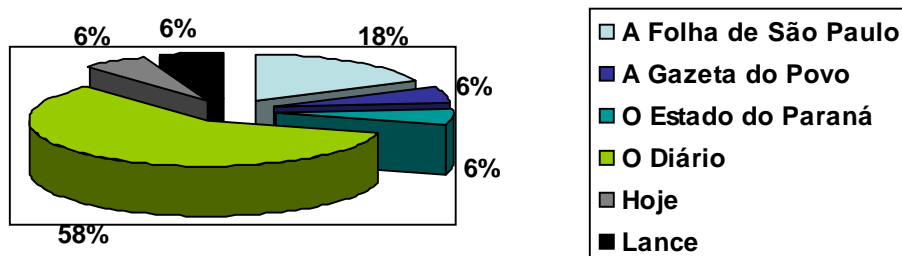


Figura 14: Jornais - EPaCam

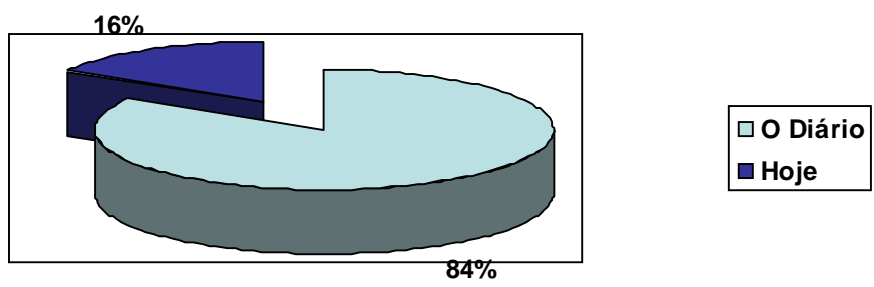


Figura 15: Percentual comparativo

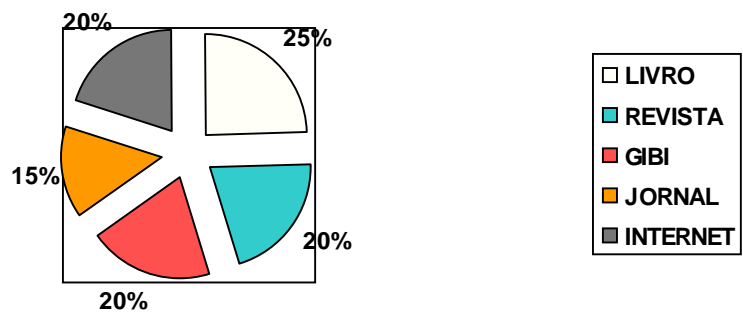


Figura 16: Acesso à Internet

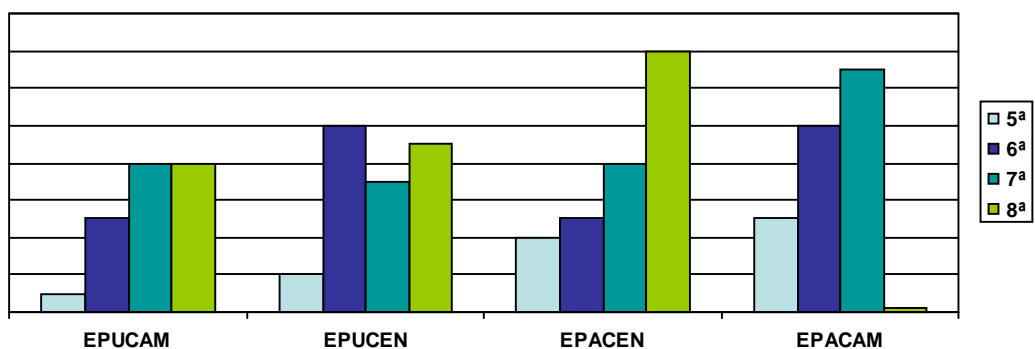


Figura 17: Escrita extra-classe

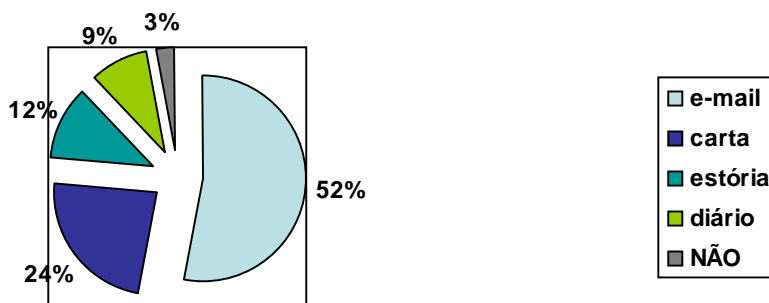
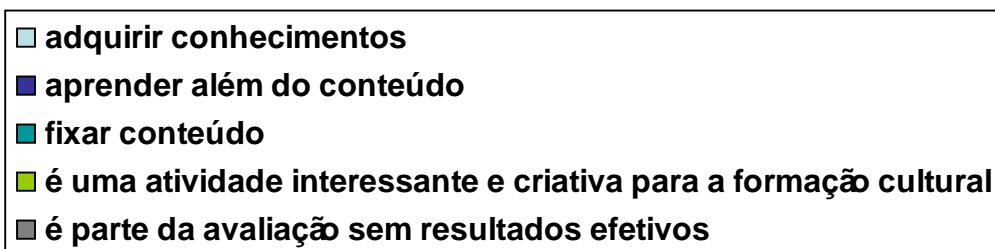
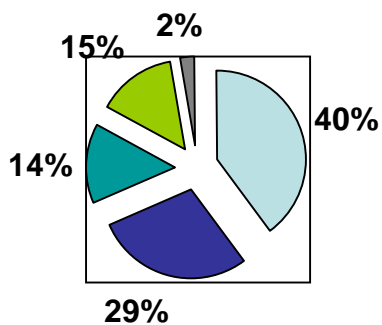


Figura 18: O significado do ato de pesquisar para os alunos.



TABELAS

Tabela 1: Leituras preferenciais dos professores

ESCOLAS	TÍTULOS
EPuCam	1-Textos sobre cooperativismo <i>Ensino Noturno</i> 2- <i>Ato de ler</i> <i>Fim dos livros, fim dos leitores</i> <i>Introdução à literatura</i> 3- <i>Educação para mudança</i> <i>O sentido da escola</i> <i>Livros de auto-ajuda</i> <i>Dilema de comunicação em sala de aula</i> <i>As competências para ensinar no século XXI</i> 4- Textos sobre ensino <i>Educação para mudança</i> <i>As competências para ensinar no século XXI</i> <i>Os conteúdos na reforma de Coll</i>
EPuCen	1- <i>Verônica decide morrer</i> <i>Inveja</i> <i>Contos de Machado de Assis</i> 2- <i>Quem mexeu no meu queijo</i> <i>Onze minutos</i> <i>Erros irreversíveis</i> 3- <i>Odisséia</i> <i>Senhor dos anéis</i> <i>Homens são de Marte, mulheres são de Vênus</i> 4- <i>Veja</i> <i>Super Interessante</i>
EPaCen	1- <i>Disciplina, limite na medida certa</i> <i>Trabalhando habilidades</i> <i>Mudando de casca</i> 2- <i>Perdas e ganhos</i> <i>Quem ama, educa</i> <i>Quem mexeu no meu queijo</i>
EPaCam	1- <i>Como conhecer seu aluno</i> <i>O cão de Bakervilles</i> <i>Crônicas caseiras</i> 2- <i>Portos de passagem</i> <i>Linguagem e escola</i> <i>Para entender o texto</i> 3- <i>Análise de textos de comunicação</i> <i>Elementos da análise do discurso</i> <i>Amor de Capitu</i> 4- <i>Eles não são anjos como eu</i> <i>Aprendendo a aprender</i> <i>Veja</i> <i>Super Interessante</i>

Tabela 2: Temas de pesquisa

ESCOLAS	CONTEÚDOS
EPuCam	1- De outras áreas (ciências, geografia e história) 2- Gramatical Da matéria estudada em sala 3- De gramática Autores de livros 4- Qual é o ar que enche pneus? Por que o balão sobe? Que doenças aparecem mais no inverno? Quais os efeitos da guerra do Iraque para as pessoas que moram naquela região?
EPuCen	1- Símbolos nacionais Poemas Fábulas Gramaticais 2- Gramaticais Biografia de autores e poetas Temas atuais 3- Escolas literárias Obras 4- Fusos horários Pirâmide alimentar Idiomas do Brasil 5- Novos vocabulários Conteúdos históricos Sobre comportamento 6- Menores de rua Ídolos do cinema Importância da amizade
EPaCen	1- Miséria Descaso 2- Gramaticais Conteúdos da sala 3- Assunto dos paradidáticos Seqüestro
EPaCam	1- Sobre textos informativos, jornalísticos e crônicas 2- Análise lingüística Atualidades 3- Dialectos Variação lingüística Sobre linguagem

Tabela 3: Livros preferidos pelos alunos

LEITURAS PREFERENCIAIS		LIVROS	
		Título	Gêneros/ Personagens
E P U C A M	5ª	<i>A Droga do amor;</i> <i>O homem da máscara de ferro.</i>	
	6ª	<i>O mistério da quadrilha do lixo;</i> <i>Mulheres alteradas;</i> <i>A vassoura mágica;</i> <i>Eu e mim mesmo;</i> <i>Anjo linguarudo;</i> <i>A megera domada;</i> <i>O caso da borboleta Atíria.</i>	De amor, romance, fantasia, ação, aventura, Harry Potter, Tom Sawyer, e a coleção Vaga-lume.
	7ª	<i>O caso da borboleta Atíria;</i> <i>Tunga-tunga.</i>	Mistério, terror e de biologia, Harry Potter, e a coleção Vaga-lume.
	8ª	<i>O meu destino sou eu;</i> <i>Uma luz no fim do túnel;</i> <i>Por hoje eu não vou mais pecar;</i> <i>O grito do hip hop,</i> <i>Corrida pela França;</i> <i>O vampiro que descobriu o Brasil;</i> <i>Na ilha do dragão.</i>	Ação, aventura, suspense e terror.
E P U C E N	5ª	<i>A bolsa amarela;</i> <i>O que toda garota deve saber.</i>	Ação, aventura, humor, infantis (Monteiro Lobato), infanto-juvenil, e de cultura.
	6ª	<i>O que toda garota deve saber;</i> <i>O pequeno príncipe;</i> <i>O senhor dos anéis;</i> <i>Saudade da vida;</i> <i>A hora do amor;</i> <i>Chamado do sol e da lua.</i>	Harry Potter e a Bíblia.
	7ª	<i>Hamlet; Mistério de um segredo;</i> <i>A droga da obediência;</i> <i>Sempre haverá um amanhã;</i> <i>Disciplina no limite.</i>	De terror, sobre adolescência, histórias de Monteiro Lobato e de Harry Potter.
	8ª	<i>Sherlock Holmes;</i> <i>Tudo que uma garota gosta;</i> <i>Na margem do rio Pietra eu sentei e chorei;</i> <i>Anjo da morte;</i> <i>A infância acabou;</i> <i>Tráfico de ópio;</i> <i>A droga do amor.</i>	Comédia, terror e romance.

E P A C E N	5 ^a	<i>ET, o extraterrestre;</i> <i>Pimentas atômicas;</i> <i>O mistério da fábrica do lixo;</i> <i>O presente precioso;</i> <i>O segredo;</i> <i>A morte tem sete herdeiros;</i> <i>Gente de estimação;</i> <i>Beleza mágica;</i> <i>Tremendo de coragem;</i> <i>O diário de Anna Frank;</i> <i>Agenda infestada;</i> <i>O pássaro do inverno.</i>	Harry Potter.
	6 ^a	<i>A sombra do ciúme;</i> <i>Descanse em paz, meu amor;</i> <i>O mistério das jóias coloniais;</i> <i>O mistério da coroa imperial;</i> <i>Quando meu pai perdeu o emprego;</i> <i>O menino de asas;</i> <i>A turma da mão preta.</i>	Harry Potter.
	7 ^a	<i>Pântano de sangue;</i> <i>O senhor dos anéis;</i> <i>Drácula;</i> <i>O mundo de Sophia;</i> <i>Eu, prostituta e drogada;</i> <i>Estrelas tortas;</i> <i>A marca de uma lágrima;</i> <i>A droga do amor.</i>	Harry Potter.
	8 ^a	<i>A marca de uma lágrima;</i> <i>Calcinhas secretas.</i>	Aventura, suspense, romance, ação, juvenil, de filosofia e os didáticos.
E P A C A M	5 ^a	<i>Os cavaleiros do Graal.</i>	
	6 ^a		Harry Potter.
	7 ^a	<i>Tati;</i> <i>Agora estou sozinho;</i> <i>A marca de uma lágrima.</i>	Harry Potter, Bíblia.

Tabela 4: Leituras preferenciais dos alunos

Leituras Preferenciais	Séries	REVISTA	JORNAL	GIBI	INTERNET sites
E P U C A M	5ª	<i>Veja.</i>	seção de automóveis.	<i>Turma da Mônica, Mickey.</i>	Música.
	6ª	<i>Sup.Interessante, Mundo Estranho, Capricho, de games.</i>	<i>A Folha de São Paulo.</i>	<i>Turma da Mônica, Mickey.</i>	Futebol, Carros, Jogos, Música, Pesquisa.
	7ª	<i>Capricho, Atrevida, Recreio, Época, Isto É Gente, de capoeira.</i>	<i>O Diário, Gazetinha (suplemento infantil de A Gazeta do Povo)</i>	<i>Turma da Mônica, Homem Aranha.</i>	Música, Carros, Humor, Bate-papo, Busca, Pesquisa.
	8ª	<i>Capricho, Atrevida, Toda Teen, Sup.Interessante, Isto É, Veja, Informativas e divertidas.</i>	<i>O Estadão, O Estado do Paraná, A Gazeta do Povo, O Diário, Hoje.</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	Música, Jogos, Notícias, Bate-papo, E-mails, Busca, Pesquisa.
E P U C E N	5ª	<i>Capricho, Veja, Caras, Época, Carro.</i>	<i>Hoje, O Diário, A Gazeta do Povo.</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	Jogos, Esporte.
	6ª	<i>Capricho, Veja, Super Interessante, Atrevida, Contigo.</i>	<i>O Diário, A Gazeta do Povo.</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	Jogos, Charges, Informação, Busca, Uol, Hotmail, Google, ig, ibest, Bol.
	7ª	<i>Capricho, Atrevida, Super Interessante, Época, Veja, de adolescentes, de códigos.</i>	<i>O Diário, A Folha de São Paulo.</i>	<i>Turma da Mônica, X-men.</i>	Jogos, Informação, Fotolog, Uol, Google.

	8ª	<i>Capricho, Atrevida, Toda Teen, Super Interessante, Cláudia, Caras, Veja, de fofoca.</i>	<i>O Diário, A Gazeta do Povo.</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	Bate-papo, Esporte, Novela, Música (MTV), Humor, de dicas gerais.
E P A C E N	5ª	<i>Capricho, Sup.Interessante, Nossos amiguinhos, Veja, Isto É, Caras.</i>	<i>O Diário.</i>	<i>Turma da Mônica, Mickey.</i>	<i>Mônica, Google, Hotmail, para realizar trabalhos.</i>
	6ª	<i>Veja, Isto É, Sup.Interessante, Época, Atrevida, Toda Teen, Capricho, Titi, de novelas.</i>	<i>O Diário (3), A Gazeta do Povo, A Folha de São Paulo, Lance, seção de novelas, seção de charges.</i>	<i>Turma da Mônica (7), Marvel.</i>	<i>Globo, Google, Piadas, Jogos, Clima tempo.</i>
	7ª	<i>Veja, Isto É, Atrevida, Capricho, Galileu, de tuning.</i>	<i>A Folha de São Paulo, O Diário.</i>	<i>Turma da Mônica, X-men.</i>	<i>Pesquisa, Músicas (bandas), Fotolog, Blogs, Hotmail e Google.</i>
	8ª	<i>Veja, Época, Caras, SuperInteressant Terra, Galileu, Atrevida, Capricho, de adolescentes.</i>	<i>O Diário, O Estado do Paraná, A Folha de São Paulo, Hoje.</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	<i>Pesquisa, Notícias, Busca, Google, Fotolog, E-mails.</i>
E P A C A M	5ª	<i>Quatro rodas, Hentai,, Pokemon club, Recreio</i>	<i>O Diário</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	<i>Jogos, Procura, Google, Cadê.</i>
	6ª	<i>Veja, de ação, de games.</i>		<i>Turma da Mônica (1).</i>	<i>google</i>
	7ª	<i>Veja , SuperInteressant Caras, Atrevida, Toda Teen, Capricho, Titi, MTV.</i>	<i>Hoje, O Diário.</i>	<i>Turma da Mônica.</i>	<i>bate-papo, notícias, uol, fotolog, MSN, e-mails.</i>